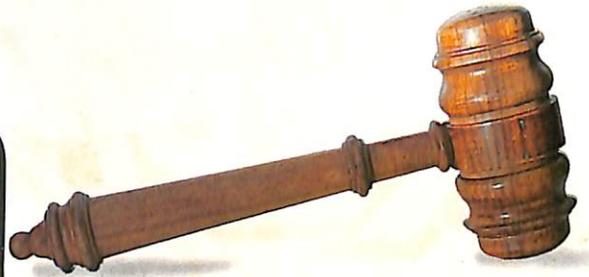


Maio/88 - Nº 483 - Ano 44 - Cz\$ 240,00

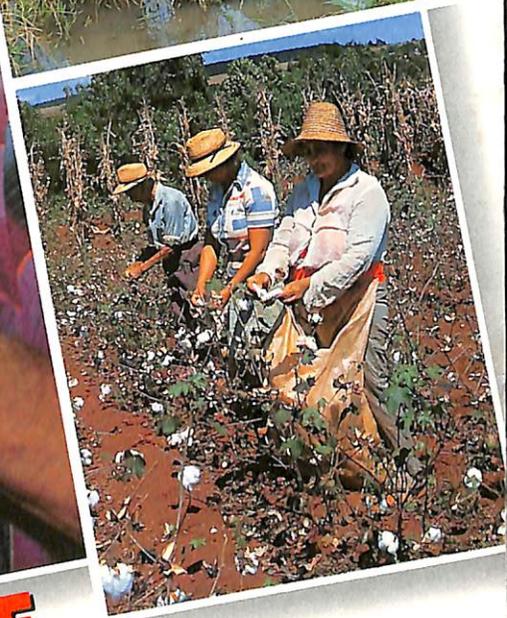
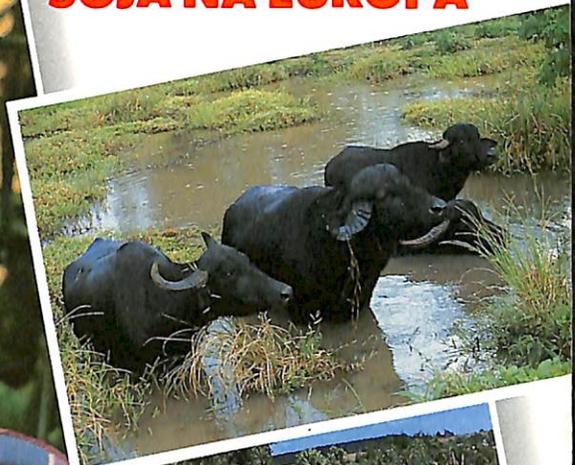
a granja

A REVISTA
DO LÍDER RURAL



LEILÕES
LONDRINA FATURA
Cz\$ 100 MILHÕES

TREMOÇO-AMARGO,
NOVO INIMIGO DA
SOJA NA EUROPA



GARRA CONTRA A CRISE

BRETÃO
OU PERCHERON?
DECIDA

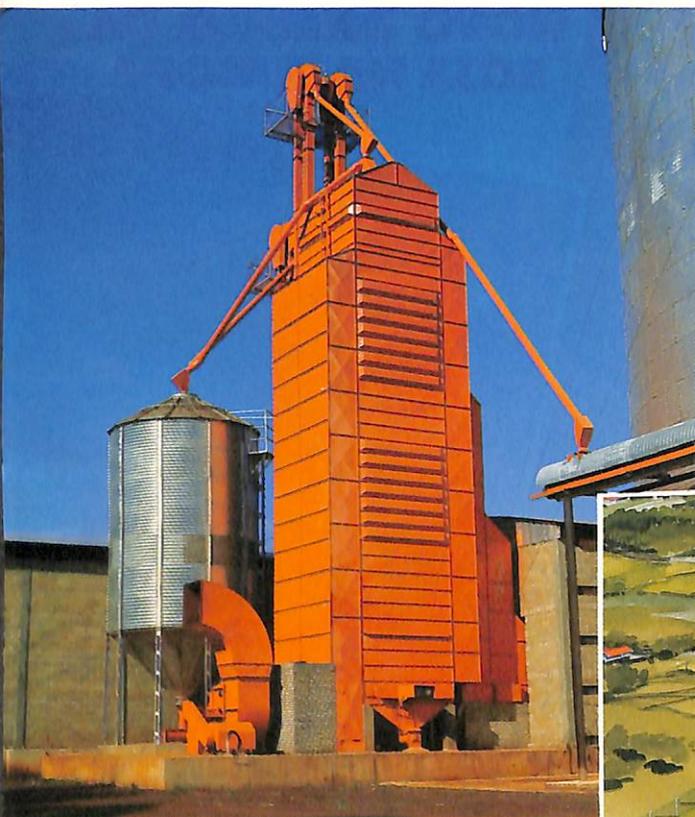
SOLO:
É PROIBIDO
FICAR NU

CONHEÇA
AS ÁRVORES
DO LUCRO

Depoimento
“Nunca tome dinheiro emprestado”
(Andrade Vieira, do Banco da Nossa Terra)

KEPLERWEBER

Pesquisa e tecnologia voltadas para o futuro.

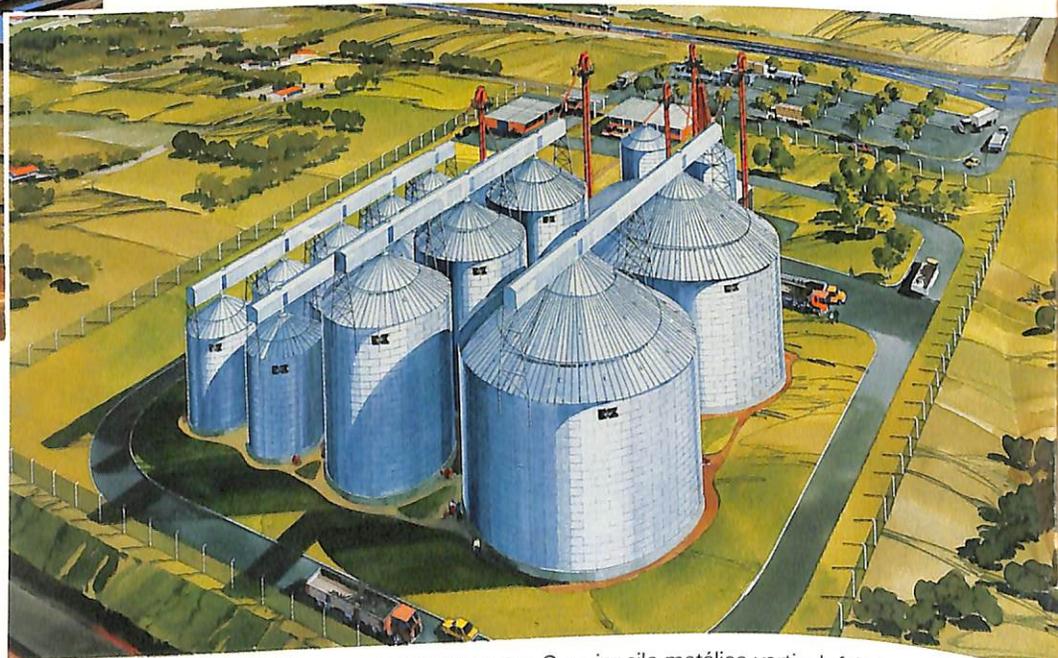


SR-2310, uma revolução na secagem de grãos - Operando com fluxo "concorrente", seca mais rápido e melhor a temperaturas entre 120 e 60°C. Capacidade de 20 t/h no processamento de arroz com casca, milho, trigo e soja.

A modernização da agricultura brasileira e o redimensionamento da nossa infra-estrutura de armazenagem pressupõem, necessariamente, o investimento em pesquisa e tecnologia.

É o que a Kepler Weber faz, através da busca incessante de soluções de vanguarda na secagem, transporte e armazenamento de cereais.

O Silo Metálico SG-105 e o Secador Royal SR-2310 são dois exemplos da avançada tecnologia desenvolvida pela Kepler Weber, empresa cuja renovação constante se reflete inclusive na sua nova marca.



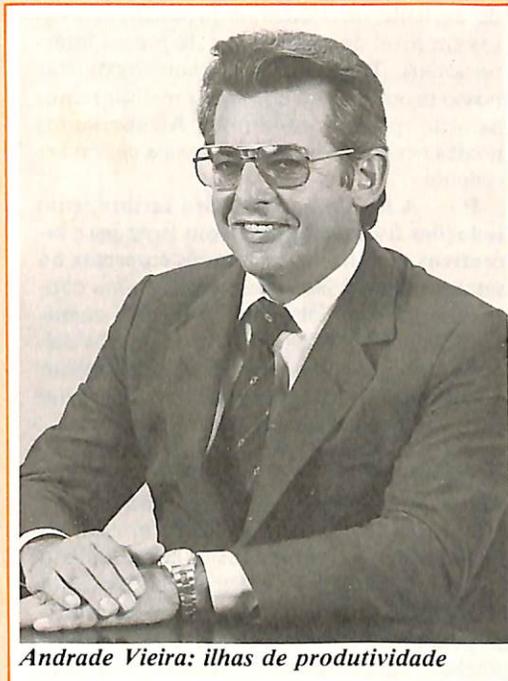
SG-105, o gigante da armazenagem - O maior silo metálico vertical, fabricado no mundo. Capacidade de 13.000 t de grãos, equivalente a 1.000 caminhões médios carregados. Altura de 28 metros e diâmetro de 32 metros.

KEPLER WEBER - Tecnologia de vanguarda a serviço da agricultura brasileira.

KEPLERWEBER
INDUSTRIAL S.A.

Panambi: Fone (055) 375-2322 / Porto Alegre: Fone (0512) 34-5366
Curitiba: Fone (041) 222-3756 / São Paulo: Fone (011) 288-2122
Campo Grande: Fone (067) 382-3726 / Cuiabá: Fone (065) 361-5177
Goiânia: Fone (062) 241-2041 / Belo Horizonte: Fone (031) 227-1477

Prioridade um: alimentos



Andrade Vieira: ilhas de produtividade

Um conselho de banqueiro, publicado no início deste perturbado ano de 1988, chamou a atenção de **A Granja**: “a gente nunca deve tomar dinheiro emprestado; meu pai já dizia isto”. Com taxas de juros entre 20 e 30 por cento, o conselho é judicioso — ainda mais para os agropecuaristas, que estão produzindo safras ricas a preços que, por vezes, não cobrem sequer o custo de produção. E o autor do conselho, José Eduardo de Andrade Vieira, tem o indispensável conhecimento de causa: ele preside o conglomerado Bamerindus, liderado pelo terceiro banco comercial privado do país, o “banco da nossa terra”. Banqueiro por opção, Andrade Vieira conhece os problemas

do campo, como se pode ver neste depoimento, e tem idéias próprias para sugerir soluções a alguns dos sérios problemas da lavoura e da pecuária, começando pelo indispensável estímulo à produtividade. Ou seja, saber fazer, e fazer com vontade, para encher a despensa do brasileiro. Esta é a verdadeira prioridade, pois “o que adianta andar de avião a jato e não ter o que comer?”, pergunta o banqueiro, em raciocínio direto e simples. Aliás, direto e simples é o conteúdo desta entrevista de Andrade Vieira, 49 anos, seis filhos de dois casamentos, formado em Contabilidade, e que passa seus dias de folga no campo, andando a cavalo, tomando banho em rio, pescando ou caçando codornas.

A Granja — Qual é a participação do Bamerindus, “o banco da nossa terra”, na agropecuária?

José Eduardo de Andrade Vieira — Tendo nascido no Paraná, inicialmente, a nossa dependência da agricultura era total. Depois, com o crescimento, com a formação do conglomerado, com a ação em São Paulo e Rio, ganharam importância nas nossas operações a indústria e o comércio. Hoje, a agricultura ainda representa 50 por cento do nosso negócio. Então, realmente, para nós é muito importante, tem grande expressão, e nós acreditamos muito na agricultura. O futuro do Brasil depende da agricultura. Tenho dito aí, de vez em quando, que fala-se muito em segurança nacional, em grandes programas, prioridades, e para mim a grande prioridade é a agricultura, para encher a barriga do nosso povo, porque não existe saúde, não existe educação, não existe segurança nacional com o povo de barriga vazia. A prioridade número um é a produção agrícola para garantir uma alimentação sadia do povo. Neste sentido, nós temos muito o que fazer, e felizmente a nossa terra tem um potencial para produzir to-

das as nossas necessidades e ainda fornecer para meio mundo aí fora. Lamentavelmente, por várias questões, pela falta de uma política agrícola, nós não produzimos nem o suficiente para o nosso povo.

P — Duas teses estão em debate hoje, no mundo. Uma, é a de que produzir alimentos é requisito geopolítico para um país chegar ao mundo desenvolvido; outra, de que é preferível produzir bens de consumo e equipamentos de informática, por exemplo, para vender ao mundo, e com o dinheiro comprar alimentos. Qual é a sua posição?

R — Acho que o básico é nós garantirmos o nosso abastecimento. Não existe segurança com a despensa vazia. Para mim, o ponto primordial, a prioridade número um, é a agricultura, para garantir a nossa despensa, para garantir o nosso estômago. A tecnologia hoje é indispensável, também, mas considerando a situação da nossa pobreza, diria que ainda é um superfluo. O que adianta andar de avião a jato e não ter o que comer? É um absurdo. O que adianta ter escolas e as crianças estarem subalimentadas, sem condição de aprender, de fixar o que escuta, porque o estado de

fraqueza, de depauperação, é muito grande? Não adianta gastar dinheiro com escolas, se os alunos que vão frequentá-las não têm condições físicas de aprender, e nós temos muitas escolas no país nestas condições, em que as crianças que as frequentam não têm o que comer.

P — Como o Bamerindus age dentro deste quadro?

R — Temos investido muito para dar nossa contribuição ao aumento da produtividade agrícola no Brasil, no desenvolvimento de melhores técnicas de produção, do barateamento dos custos da produção. Temos uma fazenda-modelo aqui no Paraná, voltada para isto, que tem obtido grandes sucessos. Acho que o caminho é este, produzir mais com custo menor, dando condições para que todos os nossos produtores rurais possam produzir mais, sem depender de grandes investimentos. Com mais tecnologia, com trabalho mais qualificado, é possível aumentar muito a produção brasileira, conseqüentemente, barateando o custo da alimentação e colocando-a ao alcance do poder aquisitivo das camadas mais pobres da população brasileira. Há duas ▸

maneiras de levar a alimentação ao pobre: barateando seu custo e melhorando o salário. E temos que trabalhar nas duas pontas, pois nós não vamos conseguir rapidamente melhorar o salário de todo o mundo ao ponto de dar condições de ele adquirir o alimento a qualquer preço ou alimento importado. Então, temos que produzir a um custo mais barato e ao mesmo tempo lutar para melhorar o salário do povo.

P — Pode o setor primário, hoje, obter receita que supere o custo do dinheiro? É possível lucrar com os juros atuais?

R — É muito difícil, diria que é quase impossível. Claro que sempre existe algum negócio, alguma área, onde o rendimento é muito grande e cobriria o custo elevado do dinheiro. Por exemplo, nos produtos exportáveis, quando você vende o produto em dólar e o dólar é corrigido diariamente; então, estes produtos suportam o ônus financeiro das taxas praticadas hoje em dia. Mas, falando de uma maneira geral, não tem nenhuma atividade econômica que possa suportar estes custos.

Ganhar dinheiro na lavoura? Aumente a produtividade

P — Qual seria o tipo de produtor brasileiro padrão?

R — Hoje, por exemplo, nós temos aí algumas ilhas de alta produtividade no Brasil. Algumas, por competência dos produtores; outras, por favorecimento da qualidade do solo, do clima, como é o caso, hoje, lá da região do norte do Mato Grosso, onde tem-se obtido alta produtividade de soja em função da qualidade das sementes e do clima que favorece muito a lavoura. Mas vamos dizer que na minha tenda, que é o Paraná, que é onde eu conheço mais, nós temos Castrolanda, na região de Castro, região dos holandeses, que obtém índices de produtividade elevadíssimos. Arapoti também é uma região onde a produtividade é muito elevada, tanto do soja, milho, leite, trigo. E na região de Londrina, de Maringá, nós conhecemos propriedades cujo rendimento é muito elevado. Propriedades onde são praticadas as melhores técnicas agrícolas de aumento da produção e que são exemplos, hoje, não só para o Paraná, como para o Brasil. Esses exemplos devem ser imitados por outros produtores, porque somente através da melhoria da produtividade é que este pessoal pode ganhar dinheiro. É uma ilusão achar que o governo ou a nossa população vai sempre poder pagar mais pelo produto agrícola. Não há condição, nós temos que ter preços competitivos internacionalmente.

P — O que precisaria ter, em sua opinião, uma lei agrícola? E existem condições, em um país instável politicamente como o nosso, para uma lei agrícola resistir a médio prazo, pelo menos?

R — Condições existem. Temos terras extremamente produtivas e técnicas para conseguirmos produção e produtividade que podem dar suporte e equilíbrio para se estabelecer uma lei agrícola. Mas o governo ainda não se deu conta disso e da importância da agricultura. Podemos produzir alimentos em nível de qualidade e de preços internacionais. Tanto que poderíamos exportar nosso produto para conseguir melhor remuneração para o produtor. Atenderíamos nossas necessidades e lucraríamos com o excedente.

P — A legislação brasileira facilita, com reduções fiscais e mesmo com isenções e incentivos, a entrada de grandes empresas no setor primário. Isso não significa uma concorrência desleal, na relação custo-benefício, ao produtor médio, que não dispõe de recursos e precisa de financiamento de custeio? E esta situação não contribui para a concentração da posse da terra?

R — Realmente. Infelizmente, isso acontece. Daí, o médio e pequeno produtor, que realmente conhecem a agricultura, vivem dela, nasceram para a agricultura, estarem fugindo, sendo espoliados e permitindo a criação de latifúndios. Eu acho isso ruim para o país. Por isso, hoje, existe tanta briga pela posse da terra, sendo necessário estabelecer uma reforma agrária coerente, que restabeleça a viabilidade de produção das pequenas propriedades.

P — Qual sua opinião sobre o cooperativismo de crédito?

R — O cooperativismo é a tendência e solução para a agricultura, já comprovada nos Estados Unidos e Europa. O crédito cooperativo é fundamental para prover de recursos o setor primário, para financiar a produção. Mas não subsidiado ao ponto de tornar o produtor sócio e dependente do governo. A total independência e autonomia das cooperativas para agir no custeio da produção e comercialização é que podem gerar o desenvolvimento cooperativado.

Controlar ecológico é básico em qualquer país desenvolvido

P — A Poupança Verde do Banco do Brasil e do Banco Nacional de Crédito Cooperativo está ajudando a financiar a agricultura?

R — Está, mas os recursos destinados à agricultura deveriam ser repassados também aos bancos comerciais e não ficarem restritos ao Banco do Brasil, que nem sempre alcança as regiões onde estão os produtores que realmente precisam do incentivo de recursos. Gostaríamos de ter o triplo de recursos para investir nesse setor.

P — O que é ecologia, na sua opinião?

R — Ecologia, como preservação das riquezas naturais em equilíbrio com a produção de alimentos, é condição para qualquer

país desenvolvido. No mundo inteiro, existe essa preocupação. O Brasil ainda não se deu conta da necessidade do controle ecológico. O Bamerindus tem essa preocupação, e em nossas fazendas uma das prioridades é a preservação da fauna e cuidados com os recursos naturais e controle de erosão.

P — O senhor acredita que a reforma bancária anunciada por políticos e integrantes do governo é necessária? O que precisa ser reformado?

R — É preciso parar de pensar em reforma. É preciso reformular o pensamento e a mentalidade do empresário e do agricultor. Nenhuma reforma vai dar resultado se não houver empenho no trabalho e competitividade, em qualquer setor. Aliás, deveríamos ter mais bancos e menos aglomerados no país. Bancos que servissem como apoio para levantamento de recursos, quando necessário. Mas conheço muita gente nesse interior do Brasil que nunca precisou de nenhum empréstimo e sempre ganhou a vida com a produção da terra.

Concorrência é que baixa preços e melhora a qualidade

P — A Cafe (Companhia Agropecuária de Fomento Econômico) do Paraná está sendo reestruturada pelo governo, passando parte de suas funções para a iniciativa privada, para a Ocepar (Organização das Cooperativas do Estado do Paraná). O que acha dessa medida?

R — É por aí que o sistema produtivo deve caminhar, nas mãos de quem sabe produzir. O mal do Brasil é o excesso de paternalismo e centralização, que devem acabar. Num país tão grande como o nosso, com tantas diferenças e peculiaridades regionais, é preciso muita concorrência, uma diversificação de empresas muito grande, muitas que aumente a produtividade e baixem os preços. É a concorrência que faz baixar os preços e melhorar a qualidade; se não houver concorrência, não há melhoria, não há progresso. Esta necessidade de lutar pela sobrevivência, esta competição, é que é benéfica. Agora, querendo acabar com a competição, não, tem que proteger tudo. Se eu tenho esta proteção, para quê eu vou melhorar? Não preciso melhorar nada. Temos que ser gar mão disso. Quando o povo quer, ele dá força para o governo praticar estas irregularidades que, no fim, são ruins para o povo. O povo tem que ser reeducado, porque isto é ruim para o povo.

P — Quais os requisitos básicos para o desenvolvimento do país?

R — Sem dúvida nenhuma, educação e saúde. Primeiro saúde, depois educação. Eu posso não ser educado e ter saúde para trabalhar, garantir o meu sustento. Não

adianta nada eu ser altamente educado e ser doente. Então, não sou produtivo; ao contrário, vou ser um ônus, sou uma carga. Primeiro saúde, depois educação.

P — Agroindústria é uma solução para a produção agrícola brasileira?

R — Sem dúvida, e nós temos grandes exemplos também neste sentido, não só de algumas cooperativas, mas até diria que, principalmente, da Sadia e Perdigão, que são dois exemplos de empresas agroindustriais que têm estimulado o aumento da produção agrícola, a melhoria da qualidade do produto agrícola, dando uma garantia de colocação dos produtos agrícolas, através desta verticalização de um projeto agrícola em determinadas regiões. Sem dúvida nenhuma, isto é um caminho que ajuda muito.

P — O Bamerindus tem alguma intenção de entrar mais profundamente nesta área de agroindústria?

R — Nesta fazenda que nós temos em São Miguel do Iguazu, que está atingindo níveis de produtividade bastante elevados, estamos colhendo este ano sete mil quilos de milho por hectare, 140 sacos de soja por hectare; em algumas áreas, colhemos 170 sacos de soja por hectare. Vamos dizer, com respeito ao nosso objetivo de aumento da produtividade, estamos atingindo estes objetivos; então, está chegando ao ponto de termos que pensar em verticalizar a produção. A melhoria agrícola que podia ser feita está feita, e agora o que vamos fazer? Então, estamos estudando este assunto com muito cuidado, que realmente não é o nosso negócio, pois o nosso negócio é bancário e financeiro. Nosso objetivo, com respeito à fazenda, é justamente de fazer dela uma fazenda-modelo, no sentido da melhoria da produtividade, de mostrar para o nosso agricultor o potencial agrícola que ele pode explorar, que ele tem à disposição na propriedade dele e que através de um trabalho melhor pode aumentar muito a sua renda. O que quero dizer é que a riqueza não está no tamanho da fazenda, e sim naquilo que o agricultor tira da sua fazenda. Um japonês com 10 hectares é rico, porque ele consegue uma produção de tomate, de alface, de batatas, elevadíssima. E nós temos proprietários, às vezes, com 500 alqueires que são pobres, porque não conseguem extrair uma produção adequada daquele patrimônio que ele tem.

Quem sabe fazer arruma os recursos necessários

P — A que se deve isto?

R — Tecnologia. Saber fazer bem feito determinadas coisas.

P — Ou ter condições de investir na terra?

R — Eu diria que primeiro é saber fazer,

porque quem sabe fazer arruma o recurso. Só não arruma o recurso para fazer quem não sabe fazer. Não existe bom projeto que não tenha recurso disponível para sua execução. Só não arrumam recursos para execução projetos que não são bons, ou que não são tão bons.

Trabalhar direito não custa nada e reforça renda

P — E o custo do dinheiro?

R — Este é outro problema. Todo o bom projeto acaba arranjando recurso para sua execução, e se eu sei fazer alguma coisa, ainda que eu não tenha dinheiro, acabo achando alguém disposto a me financiar. Falando da terra: se eu tenho 20 alqueires e sei plantar milho e sei plantar soja e me falta recurso para comprar adubo, é melhor eu vender cinco alqueires e arrumar o recurso, e cuidar bem dos 15, do que manter os 20 alqueires e não poder fazer nada.

P — Qual é o objetivo da Estação Experimental de Piscicultura de Arapoti?

R — Na região de Tomasin, na Siqueira Campos de Potiguá, nós temos em desenvolvimento o projeto Aupaba. Aupaba é uma palavra indígena que significa "terra de origem". Este projeto foi implantado com vistas a melhorar a renda dos pequenos proprietários através da diversificação da produção. Temos dois agrônomos e dois técnicos agrícolas que fazem um programa de extensão rural naquela região, mostrando para o pequeno proprietário que, através da melhoria do seu trabalho, de uma qualificação melhor, ele pode melhorar muito sua renda, sem nenhum investimento. A produção de milho, no Brasil, é baixíssima, de uma maneira geral, porque é malplantado, a semente é ruim, a terra é malpreparada. Tem uma série de fatores que contribuem para a baixa produtividade que podem ser eliminados a um custo zero. Trabalhar direito não custa nada, e às vezes trabalhar mal custa um esforço maior que trabalhar direito; então, estamos ensinando que apenas trabalhando direito ele melhora sua renda. Agricultor que colhia 50, 60 sacos de milho, por alqueire, nós estamos permitindo que ele colha 150, 180 sacos. Você vê que melhorou o lucro dele sem gastar nada; com o mesmo adubo que ele usava, ou sem adubo, que muitos não usam nem adubo, com a semente do sítio dele, mas apenas selecionando. Com práticas simples, estamos ensinando o produtor a melhorar a renda, e dali saiu o programa do peixe, porque muitos desses pequenos sítios insistiam muito conosco que o peixe podia ser uma alternativa alimentar e de receita, e nós, então, instituímos este programa, financiamos para ele o custo do tanque. E com a primeira safra de peixe, ele tem pago o financiamento. É um resultado

extraordinariamente bom. Desenvolvemos um programa onde mostramos que é possível fazer um tanque a um custo muito barato, de acordo com as posses desses pequenos proprietários, porque muitos deles têm só aquela terra, dinheiro não têm. É pessoal que ganha 40 mil cruzados por ano ou 50 mil cruzados por ano. Se com um tanque de peixe ele ganha 100 mil cruzados por ano, triplicou a renda dele. Feijão, eles colhem oito, 10 sacos por alqueire. É possível colher 20, 25 e, nas melhores técnicas, até 40 sacos por alqueire, e são coisas fáceis, apenas plantando na época certa, com trato adequado do solo, colheita na hora certa. O nosso agricultor tem a mania de, quando o grão está pronto para colheita na quinta ou na sexta-feira, deixar para começar a colheita na segunda, e aí chove no sábado e no domingo, e ele acaba tendo prejuízo. Nós estamos convencendo-o de que se o grão ficou seco o suficiente na sexta-feira, ele que trabalhe no sábado e no domingo, garanta sua produção, colocando seu produto no armazém, ou na sala da casa, como é o caso de muitos deles, e descanse segunda e terça do serviço feito.

Quando assumi, o nosso era o sétimo banco comercial

P — O sr. gosta muito de agricultura e pecuária. Ser banqueiro, hoje, é opção ou é uma condição?

R — Claro que é opção, porque nada, nem ninguém, me obriga a estar aqui. Eu gosto muito da profissão bancária, que exerço com muita alegria, muita satisfação, e tem-me realizado profissionalmente, porque realmente é possível dar uma grande contribuição para o desenvolvimento nacional. Eu acho que a profissão bancária é uma das mais nobres; embora o banqueiro seja uma figura muito criticada, muito estigmatizada, malvista por alguns, tenho grande orgulho da minha profissão.

P — Desde que o sr. está na presidência, o banco parece que deu uma guinada...

R — Hoje, é o terceiro banco do Brasil. Quando assumi, nós éramos o sétimo banco; então, tudo isso deixa a gente muito feliz e gratificado, porque estamos colhendo resultados pelo trabalho que temos feito. Investimos muito na informática e hoje somos um dos bancos com o melhor sistema de informatização no Brasil. E todas as nossas agências estão, todas não, 600 das nossas agências estão interligadas "on line" com um sistema dos mais avançados existentes hoje no país, e que estamos vendo que está sendo adotado por outros bancos. É um equipamento que nós ajudamos a desenvolver e que tem trazido uma contribuição muito grande para a diminuição dos custos bancários. Isto tudo nos enche de satisfação.

• Super Paraná



Garra contra a crise	18
Grãos: produtor se agüenta	20
Ganha no algodão quem tem produtividade	31
Não dependa só do café	37
Cooperativismo de crédito embala	41
Microbacias é exemplo para o Brasil	48
Preço do gado vai melhorar	55
145 mil deixam de criar porcos	58
Chão para búfalos	62
Avicultura como sempre: em crise	68
• As duas árvores que valem dinheiro	72

SEÇÕES

Caixa Postal n.º 2890 8	Ellen B. Geld 76
Porteira Aberta 9	Mundo da Lavoura 77
Aqui Está a Solução 10	Leilões 78
Eduardo Almeida Reis 12	Classificados 84
Agenda 13	Trator/Colhedeira 86
Flash 14	Novidades no Mercado 88
Mundo da Criação 16	Ponto de Vista 90

Próxima Edição

- Mecanização
- Quando a laranja dá suco



Diretor-presidente
Hugo Hoffmann
Diretora comercial
Leoni Zaveruska
Diretor-executivo
Léo I. Stürmer

a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

REDAÇÃO

Erico Valduga (editor), João Paulo Uriartt, Luciano Klöckner, Paulo Sérgio Pires (repórteres), J.M. Alvarenga (fotografia), Jomar de Freitas Martins (revisão).

COMPOSIÇÃO E ARTE

Luiz Alberto O. da Fonseca (supervisor), Jair Marmet, Lecilda Alves Caliendo (composição), Júlio Costa Jardim (arte-finalista).

CIRCULAÇÃO

João Manoel M. Prates (gerente de vendas de assinaturas), Antônio João Carazzo (gerente de venda avulsa), Sinara Weber da Costa (coordenadora).

PUBLICIDADE (RS)

José Luis Sakakibara, Maria Cristina Pereira dos Santos (contatos).

SUCURSAL DE SÃO PAULO

Jânio de Oliveira (gerente), Lara Lombardi (contato), Lívio Cintra (contato Classificados).
Praça da República, 473. 10.º andar, conj. 102, fone (011) 220-0488, telex (11) 31567, CEP 01045, São Paulo.

A Granja/Leilões

Rivadavia Garcia (supervisor), avenida Getúlio Vargas, 1526, fone (0512) 33-2544, telex (51) 2333.

Representantes/Publicidade

DISTRITO FEDERAL - Internacional Press Publicidade e Assessoria Ltda., avenida W/3 Sul, Q. 505, bl. "A", n.º 51, 2.º andar, CEP 70350, fones (061) 244-3838 e 244-3822, Brasília; PARANÁ - Spala - Marketing e Representações, rua Alcides Munhoz, 69, conj. 31, fone (041) 225-1972, CEP 80000, Curitiba; PERNAMBUCO - Elenco Representações e Empreendimentos Ltda., rua da Aurora, 295, conj. 505, fone (081) 221-1955, CEP 50050, Recife; RIO DE JANEIRO - Intermedia Representações Ltda., avenida Gomes Freire, 315, sala 605, fone (021) 224-7931, CEP 20231, Rio de Janeiro.

a granja

é uma publicação da Editora Centaurus Ltda., registrada no DCDP sob n.º 088. p.209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição: av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558, fone (0512) 33-1822, telex 051-2333, cx. postal 2890, CEP 90060, Porto Alegre/RS. ASSINATURAS: A Granja - 1 ano, Cz\$ 2.700,00; 2 anos, Cz\$ 5.150,00; 3 anos, Cz\$ 7.500,00. No Exterior - 1 ano, US\$ 70,00; 2 anos, US\$ 130,00 (porte simples); exemplar avulso, Cz\$ 240,00; exemplar atrasado, Cz\$ 260,00. A Granja do Ano - 1 ano, Cz\$ 400,00; 2 anos, Cz\$ 750,00; 3 anos, Cz\$ 1.000,00. A revista não se responsabiliza por originais não-solicitados.

Chega de cartórios

A Justiça Federal no Rio Grande do Sul acaba de cassar liminar a mandado de segurança do Banco do Brasil contra a obrigatoriedade de assistência agrônômica na contratação de financiamentos de crédito rural.

É inegável a importância do técnico em ciências agrárias na produção primária. Em muitos casos, ele é, mesmo, fundamental. Mas daí a tornar sua participação compulsória, a distância é grande: a mesma que nos separa das corporações da Idade Média.

Se a educação do produtor e a extensão rural oficial (financiadas pelo contribuinte) ainda não conseguiram conscientizar quem produz de que ele precisa de assistência agrônômica — não será uma decisão judicial que o fará. Ainda mais que esta decisão representa um custo adicional sobre quem já está sobrecarregado de custos. Por inepta, a lei será descumprida, como é descumprida diariamente a norma que obriga ao “receituário agrônômico”. É mais razoável deixar à sociedade, especialmente ao produtor, o debate da propriedade desse “interesse público”.

Viva o Brasil

O Ministério da Agricultura afirma que, com a retirada do subsídio ao trigo, o pão francês (bonito e pouco nutritivo) custará em média 10 por cento mais caro. Porque este é o índice do aumento do custo do trigo. O cálculo é confirmado pela Secretaria do Tesouro. Mas a Superintendência Nacional de Abastecimento informa, no fechamento desta edição, que o reajuste do pão ficará “próximo a 30 por cento”.

A diferença é grande, a afirmação do Ministério da Agricultura não é irresponsável, mas não se surpreendam se prevalecer o aumento da Sunab. Sem qualquer explicação à contradição.

Cota Hilton

O comitê diretor da Cota Hilton decidiu há um mês, em Bruxelas, autorizar cotas suplementares aos países produtores de carne bovina. Argentina recebeu 3300t, Nova Zelândia 2300, Brasil 2200, Uruguai 1320 e Austrália 900. Os argentinos também receberam, como “prêmio extraordinário”, mais 1000t. Há quem credite o “prêmio” à eficiência de lobista de um irmão do presidente Raúl Alfonsín que reside na Bélgica.

Qualidade é básico

Têm razão os vitivinicultores brasileiros que reagem contra as isenções alfandegárias aos vinhos argentino e chileno, resultado de acordos comerciais entre os governos dos três países. O produto nacional não pode ser prejudicado.

Mas também não pode ser protegido por reserva de mercado, porque isto significaria a desproteção do produtor de uvas e do consumidor de vinhos, em favor da indústria e dos governos (os impostos sobre os vinhos são exagerados).

A concorrência é salutar (não é este um dos postulados da livre iniciativa?), e os vitivinicultores brasileiros não devem temê-la. Precisam, isto sim, preparar-se para ela, elaborando produtos competitivos e reivindicando redução de impostos. O mercado-comum do Cone Sul é uma fatalidade histórica.

Acordo quente

A propósito do Cone Sul: que esperam Argentina, Uruguai e Brasil para somar-se e influir nos preços da lã decididos no mercado de Bradford, Inglaterra? É verdade que a soma das produções dos três países (272 milhões de quilos em 1986) é muito inferior à do principal produtor e aliado dos ingleses, a Austrália (856 milhões em 1986), mas é bem superior à do Reino Unido (60 milhões no mesmo ano). Na pior das hipóteses, nós latino-americanos aumentaríamos nossa capacidade de pressão.

“Especulador da Riva”

“Li a reportagem/entrevista do colonizador (?) Ariosto da Riva e tenho alguns reparos a fazer. Na verdade, o sr. da Riva é um comerciante de terras, um especulador que implantou um feudo na selva amazônica onde ele era o todo-poderoso. Prova disto é o fato de lá existir uma balsa sobre o rio Teles Pires que era de sua propriedade, onde só passava quem ele queria. Quando ele fala em iniciativa particular, esquece as ajudas enormes que recebeu do governo do general Figueiredo. Esse general esteve duas vezes lá na cidade dele, e tal atenção demonstra o interesse pessoal daquele ex-governante. Havia um projeto cooperativista de colonização na mesma região e que foi abandonado pelo governo em prol da especulação da Indeco. O sr. da Riva ataca os garimpeiros, mas, se não fosse o ouro dos garimpos, Alta Floresta seria hoje apenas uma vila de confinados na selva. O ouro é que atraiu milhares de pessoas. Mas, apesar de ter se favorecido com os garimpos, houve denúncias (e o povo sabe mas cala) do envolvimento do sr. da Riva na matança de centenas de garimpeiros nos tempos da ditadura militar; ele e

seus filhos. É verdade que o mercúrio é um veneno que está acabando com muitos rios da nossa região, mas a culpa não é dos garimpeiros e sim do descaso governamental. O sr. da Riva ataca o tamanho das reservas indígenas, dizendo que é muita terra pra pouco índio. Tenho certeza que ele e sua família têm, proporcionalmente, muito mais terras que qualquer tribo indígena e não precisam disso para viver. Gostaria que esta carta fosse publicada para reparar as informações que ele prestou.”

Adolar Adams

Porto dos Gaúchos/MT

Da Espanha

“Estimados amigos: temos lido sua revista entre nós, agricultores, e queremos saber se podemos fazer uma assinatura. A forma de pagamento pode ser em dólar ou cheque-dólar, ou outra forma que convenha mais aos senhores. Ao mesmo tempo, felicitações, porque os senhores editam uma grande revista.”

Andres Manuel Saravia Vega

San Pablo Buceite, Cádiz/Espanha.

Batata-semente

“Vimos comunicar a criação da Associação Gaúcha dos Produtores de Batata-Semente, cuja primeira diretoria é composta por João Pedro Zabaletta (presidente), Nei Miguel Menegaz (vice-presidente), João Carlos Gomes (secretário) e Marimônio A. Weingärtner (tesoureiro).”

João Pedro Zabaletta

Pelotas/RS

Abeas agradece

“Apraz-nos cumprimentá-los e ao mesmo tempo agradecer a V. Sas. a gentileza de ter incluído, na edição de janeiro da revista **A Granja**, nota sobre os cursos oferecidos por esta associação. O grande número de telefonemas que recebemos e o aumento imediato da procura de nossos cursos mostraram a grande repercussão dessa revista no meio rural brasileiro. Parabéns.”

Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior (Abeas)

Brasília/DF

Emprego

“Técnico agrícola desempregado, gostaria de trabalhar em qualquer parte do país. Meu endereço é rua José Ferreira Franco, s/nº, bairro Cooperativa, CEP 11760, Itariri/SP.”

Eloilso de Souza Ferreira

Itariri/SP

“Como engenheiro agrônomo desempregado, com vários cursos de aperfeiçoamento, solicito colocação profissional. Meu endereço: avenida Marquês do Herval, 305, CEP 58780, Itaporanga/PB.”

José Ideildo Guimarães

Itaporanga/PB

“Concluí o curso de técnico em agropecuária no mês de dezembro último e coloco meus serviços à disposição de órgãos ou empresas de qualquer parte do país que necessitem de um profissional de nível médio. Interessados devem escrever ou telefonar para: rua Voluntários de Piracicaba, 429, caixa postal 76, CEP 13400, Piracicaba/SP, fone (0194) 22.4070.”

Francisco Messias de Oliveira

Piracicaba/SP

Mudança de endereço?

Para agilizar ligue

(0512)

33-1822

A COBRAR!

Afinal, nosso assinante é nosso maior patrimônio.

● Questão de realismo

“Quem é mais realista: os economistas ou os empresários?”, pergunta Rolf Löchner, presidente da Bayer brasileira, ao rejeitar a hipótese de recessão no país apontada pela maioria dos economistas. O empresário contabilizou, no primeiro trimestre de 1988, um crescimento de vendas 15 por cento superior ao registrado no mesmo período do ano passado, margens de lucro crescentes, e o firme indicativo de que a demanda dos setores de base continuará em expansão.



● Antes tarde do que nunca

“O Setor de Registro deixou de ser um mero órgão cartorial para servir como significativa fonte de consulta para o trabalho de melhoramento genético ovino.” A autocrítica é da própria Arco (Associação Brasileira de Criadores de Ovinos), ao informar que a aquisição de um computador permitirá incluir nos novos certificados de pedigree árvore genealógica até a quinta geração, com dados sobre produção e carne; modo de nascimento; premiações em exposições (internacionais e nacionais); e mérito ovino em fertilidade.

Terminou o cartório. Terminou?

● Marketing de leilões

Paulo Pacheco Prates Filho, representante estadual da ABCCA (Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Árabe), encontrou uma ferramenta a mais para garantir o sucesso da 1ª Exposição Sul-Brasileira do Cavalo Árabe (puros, anglo-árabes e mestiços), cujo leilão vai acontecer em Esteio/RS, no dia 28 de maio. Os expositores e compradores de puros vão automaticamente concorrer a duas passagens aéreas para Paris, enquanto os compradores de anglo-árabes e mestiços concorrem ao sorteio de duas passagens turísticas nacionais. “Desde já, temos garantidos mais de 150 cavalos para exportar”, afirma ele.

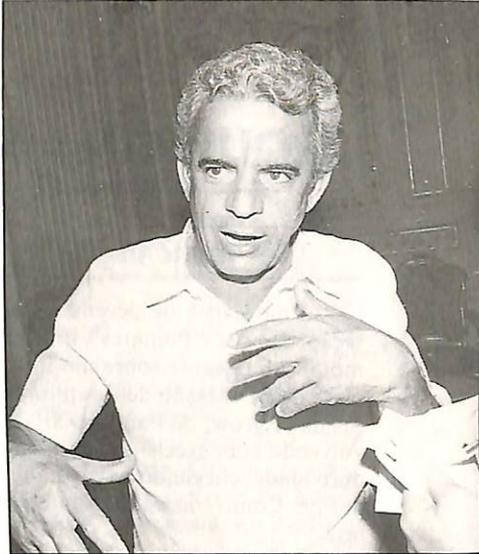
● Como não seria

O ministro da Agricultura, Íris Rezende, foi a estrela na inauguração da 5ª Exposição e Feira Agropecuária de Campo Grande (Expogrande), de 9 a 18 de abril. Em discurso inflamado (parte lido, parte improvisado), o representante do presidente da República afirmou que em outros governos o produtor rural brasileiro não foi tratado com o mesmo carinho como o trata o atual governo.

Carinho? Imagine se o tratamento fosse descarinhoso!

● De olho na árvore

Receita do cotonicultor paranaense João Acácio Leite Moraes, 65 anos, para reconhecer terras boas para o plantio de algodão: “se tiver gुरुcaia, peroba, taquara-branca, cedro e flor-roxa, a terra é boa; se tiver taquara-preta e taquarinha, a terra é ruim”. Ele é de Tuneiras do Oeste e colheu, nesta safra, cerca de 400 arrobas de algodão por alqueire (contra a média estadual de 250 arrobas/alqueire).



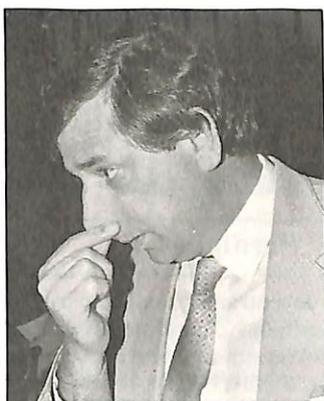
● Os dois inimigos

“Eles corrompem o mercado, tornam o preço proibitivo e, em consequência, inibem o consumo e as atividades dos produtores.” O presidente da Sociedade Brasileira de Fruticultura, Maurilo Monteiro Terra, está falando dos intermediários, um dos dois grandes inimigos da fruta brasileira; o outro (novidade!) é o governo, que “desestimula o papel da fruta como alimento”.

● Os três problemas

Três motivos levaram o produtor Jarbas Pires Machado a deixar a Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Rio Grande do Sul. Dois foram revelados em carta ao governador Pedro Simon pelo próprio renunciante: 1) “A negociação da dívida externa leva a uma política econômica que pouca esperança deixa à agricultura; veremos o império da exportação a qualquer preço, e da importação sem necessidade, para satisfazer a estratégia de exportar manufaturados. 2) Tudo é lento, emperrado na máquina pública estadual, e campeia o corporativismo; muito se fala no servidor público, pouco no serviço público”.

A terceira razão: não agüentou o salário de Cz\$ 111.800,00, fora os descontos, que recebem os secretários gaúchos.



Seu substituto, Odacir Klein (ex-líder do MDB na Câmara dos Deputados, ex-diretor de recursos humanos do Banco do Brasil e ex-presidente do Banrisul), político de expressão no Estado, ressaltou que não é “mágico”, mas tem idéias sobre como solucionar dois dos três problemas que assustaram seu antecessor: 1) “Minha passagem pela Câmara deverá abrir as portas (do governo federal) para a tomada de recursos e discussão da política agrícola”; e 2) “o diálogo e o contato do dia-a-dia são fundamentais para azeitar a engrenagem da máquina”.

Do terceiro problema, respondeu de forma indireta: “tenho obrigação política de integrar o governo”.



AQUI ESTÁ A SOLUÇÃO

Tomate produtivo

“Li na revista de dezembro de 1987, na seção ‘Hortas e Pomares’, uma reportagem muito interessante sobre um híbrido de tomate que a Estação de Pesquisa de Hortaliças da Asgrow, de Paulínia/SP, está desenvolvendo com excelentes resultados de produtividade, chegando a sete quilos de frutos por pé. Como conseguir as referidas sementes?”

Luiz Sebastião de Jesus Matheus
Nilópolis/RJ.

Pulverizadores manuais

“Como lavrador, preciso de endereços de fabricantes de pulverizadores manuais com capacidade para cinco litros.”

Oswaldo Silva
Santa Bárbara D'Oeste/SP

R — O leitor deve procurar as seguintes empresas: Hatsuta industrial S/A. (av. Monteiro Lobato, 2700, CEP 07190, Guarulhos/SP); Máquinas Agrícolas Jacto S/A. (rua Dr. Luiz Miranda, 1650, CEP 17580, Pompéia/SP); ICI Brasil S/A. (rua Verbo Divino, 1356, CEP 04719, São Paulo/SP); e Indústria e Comércio Guarany S/A. (av. Imperatriz Leopoldina, 112, CEP 05305, São Paulo/SP).

Contra pássaros

“Na época das frutas maduras, somos atacados pelos pássaros. Preciso de informações e alguns endereços de fabricantes de espantalhos sonoros. Será que este aparelho resolveria? Seria útil para afastar o gavião que ataca os bezerros recém-nascidos?”

Cláudio Guenji Fukushima
Ademar de Barros/PR.

R — Os espantalhos sonoros funcionam à base de carbureto e provocam estouros consecutivos para espantar qualquer tipo de ave. Em geral, estes aparelhos são fabricados em metal, atendendo a rígidas normas de construção, pois são carregados com explosivo. Por este motivo, devem ser instalados e manuseados com cuidado. Quanto a fabricantes, o leitor deve entrar em contato com a Caipo - Implementos Agrícolas Ltda., na rua Benjamim Constant, 2783, fone (0194) 34-8544, CEP 13400, Piracicaba/SP.

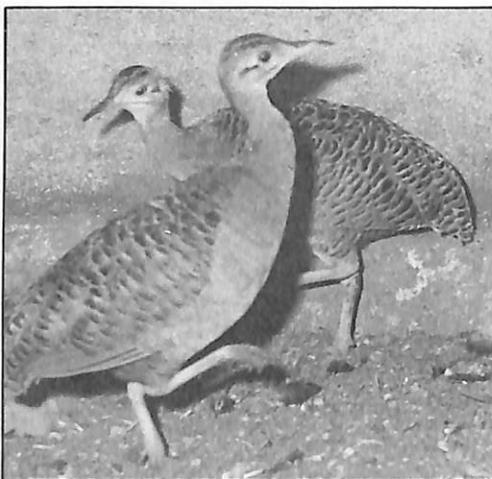
Rã na Argentina

“Solicito informações sobre empresas, com os respectivos endereços, que se dedicuem à criação de rãs em cativeiro.”

Omar Morichetti
Córdoba/Argentina.

R — De acordo com o agrônomo Paulo César Tavares de Melo, gerente da Estação de Pesquisa de Hortaliças da Asgrow, em Paulínia, os híbridos em questão ainda não foram liberados para comercialização, pois estão em fase final de testes e de multiplicação das linhagens. A partir de março/abril do ano que vem, no entanto, pequenas amostras de sementes começarão a ser distribuídas entre produtores e interessados. O leitor deve solicitar a amostra diretamente à estação, através da caixa postal 1564, CEP 13001, Campinas/SP. Mais detalhes, com Paulo César, pelo telefone (0192) 74-3116.

R — Selecionamos as seguintes empresas: Rander - Agroindústria, Comércio e Exportação Ltda. (CLS 402, bloco C, loja 5, CEP 70236, Brasília/DF, fone (061) 225-3050, telex (061) 4514); Hippocampus - Consultoria e Projetos de Aquicultura Ltda. (rua Nicarágua, 226, CEP 80200, Curitiba/PR, fone (041) 253-7548); e Aquamar - Aquacultura, Cultivo e Comércio Ltda. (BR 101, km 37, estrada Rio-Santos, caixa postal 133, CEP 11680, Ubatuba/SP, fone (0124) 32-1163).



Perdigões

“Gostaria de entrar em contato com o criador de perdigões Cláudio Luís Jaconi, conforme reportagem do anuário **A Granja do Ano**, número dois, edição 87/88, e também com o setor de manejo de fauna do Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul.”

Celso Cortada
Campo Grande/MS.

R — Cláudio Luís Jaconi reside em Vião/RS, na Fazenda São Carlo, fones (0512) 85-1124 ou 42-3334, caixa postal 245, CEP 94400. O endereço da Fundação Zoobotânica é rua Salvador França, 1427, fone (0512) 36-1511, CEP 90610, Porto Alegre/RS.



Irrigação e adubação verde

“Estou lhes escrevendo para saber em qual número da revista **A Granja** foram abordados os seguintes assuntos: irrigação e adubação verde.”

Sérgio Drehmer
Corbélia/PR.

R — São assuntos permanentes nas páginas de **A Granja**. Sugerimos consultar nosso Banco de Informações, nas edições de janeiro de 1987 e deste ano. Nele, o leitor encontrará exatamente os aspectos que lhe interessam.

Quem conhece este tarumã?

“Gostaríamos de obter informações sobre o reflorestamento à base de tarumã, uma planta de porte médio e de crescimento rápido, que serve para fazer carvão. Além disso, queremos saber a melhor maneira de fazer a propagação desta árvore e como conseguir mudas.”

José Magalhães Pereira
Cândido Mendes/MA

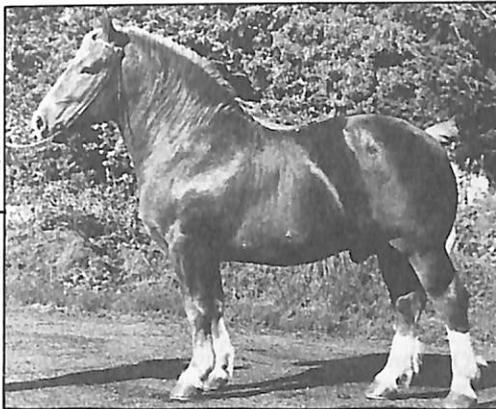
R — Segundo o engenheiro agrônomo Lair Ferreira, do Departamento de Recursos Naturais Renováveis (DRNR), da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Rio Grande do Sul, existe uma grande quantidade de árvores e arbustos conhecidos por “tarumã” espalhada por todo o país. A espécie mais conhecida pertence à família das verbenáceas (*Vitex cymosa*) e produz uma madeira tão pesada e resistente que não é indicada para a produção de carvão, mas sim para a fabricação de dormentes, mourões e postes. Trata-se de uma árvore de porte médio, de crescimento lento e de difícil multiplicação, pois as sementes apresentam dormência. Lair se coloca à disposição do leitor para outras informações. Basta escrever para o DRNR (caixa postal 10.131, Centro Administrativo do Estado do Rio Grande do Sul, CEP 90001, Porto Alegre/RS), ou telefonar para (0512) 26.3298. Outra entidade que pode lhe ajudar é o Centro Nacional de Pesquisa de Florestas (CNPFF), cujo endereço para correspondência é caixa postal 3319, CEP 80000, Curitiba/PR, fone (041) 256.2233.

Bretão ou percheron?

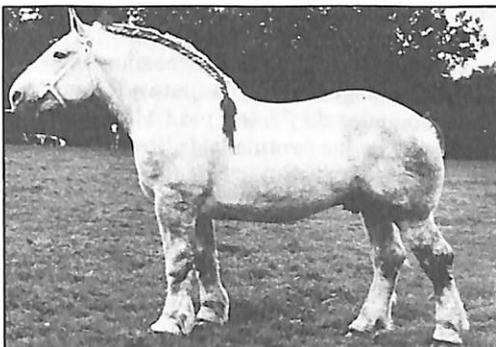
“Estou interessado em criar cavalos da raça percheron e/ou bretão postier. Como não conheço criadores, solicito-lhes a fineza de me informar endereço de criadores principalmente nos estados de Minas Gerais, São Paulo ou Rio de Janeiro; gostaria de saber, também, endereços de criadores de jumentos da raça americana.”

Rodrigo Ferreira Lopes
Belo Horizonte/MG.

R — Em primeiro lugar, o leitor deve estabelecer qual das duas raças pretende criar. No Brasil, onde ainda inexistem plantéis desenvolvidos de cavalos franceses de tração, costuma haver uma grande confusão entre as raças, os nomes e as características morfológicas. Percheron (ou percherão) é a raça da Normandia, no centro da França, especializada em tiro pesado, capaz de esforços muito grandes. Segundo a União Interprofissional do Cavalo Francês (UNIC), o percheron derivou vários ramos: o “berri-chon”, o “augeron”, o “nivernais” e o “bourbonnais”. De qualquer forma, o percheron puro observa as seguintes características raciais: altura média de 1,66 metro, podendo variar de 1,55 a 1,72 metro; peso médio adulto de 900 quilos; pelagem tordilha ou negra, com pêlos curtos; grande cobertura muscular; cabeça e orelhas finas; orifícios nasais grandes e bem abertos, crinas espessas e abundantes; frente larga e quadrada; posterior arredondado e volumoso. Por aqui, usa-se classificá-lo segundo o porte: grande, médio e pequeno. Esta última linhagem é também denominada



Bretão (em cima) e percheron



“percheron postier” ou “percheron argentino”. Já o cavalo bretão é originário do noroeste da França, onde se localiza a montanhosa Bretanha. Cruzado com reprodutores ingleses da raça norfolk, no final do século XIX, deu origem ao que hoje conhecemos por bretão postier. Menor que o percheron, o bretão possui uma altura média adulta de 1,58 metro, podendo variar de 1,52 até 1,63 metro; peso médio de 825 quilos; pelagem alazã (predominantemente), ovejuna, raramente baía ou ruana, com pêlos curtos; boa cobertura muscular, sobretudo à frente; seu pescoço forte é sensivelmente menor que o pescoço do percheron; cabeça quadrada, chanfro reto e orelhas pequenas. Criadores: Nestor Moura Jardim Filho (avenida Mauá, 2049, 4.º andar, CEP

90030, Porto Alegre/RS, fone (0512) 27-5424); José Maria Barros Sobrinho (rua Jerônimo Telles Júnior, 187, CEP 05154, São Paulo/SP, fone (011) 834-0444); Rogério Bório (marginal da BR 116, 11807, km 100, caixa postal 929, CEP 80000, Curitiba/PR, fones (041) 262-3791 e 276-7611; neste endereço funciona, também, a Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Bretão). Além disso, a Estância Iracema do Lageado, de São Paulo, promoverá, no dia 21 de maio, em Campos do Jordão/SP, o 27.º Leilão Vila Inglesa, onde as duas raças serão comercializadas. Mais informações na rua Senador Paulo Egidio, 72, caixa postal 1103, CEP 01006, São Paulo/SP, fone (011) 36-5252. O leitor poderá se informar, ainda, no Posto de Equiideocultura da Secretaria da Agricultura de São Paulo, que trabalha com as duas raças. O endereço é caixa postal 11, CEP 14700, Colina/SP, fone (0173) 41-1902. E se houver interesse em importar cavalos diretamente da França, os contatos podem ser feitos através do Centro Francês de Informação Industrial e Econômica (Cefi), na rua Araquan, 63, CEP 01306, São Paulo/SP, fone (011) 257-5033, assim como através do Sr. Jean Felipe Giulat, adido agrícola da Embaixada da França no Brasil, pelo telefone (061) 225-0722. Quanto aos jumentos americanos, não existem criadores brasileiros desta raça. Originário de jumentos espanhóis, o americano (ou “american jack”, como é conhecido nos Estados Unidos) está adaptado ao clima temperado e, por isso, não tem boa penetração no Brasil. Aqui, as preferências dos criadores recaem sobre o jumento pèga, descendente de linhagens egípcias, bem mais adaptado ao clima tropical brasileiro.

Acerola e sêmen

“Sou técnico em agropecuária, funcionário do escritório da Emater de Cultura/MS, e preciso de informações sobre os tratamentos de germinação das sementes de acerola, também conhecida por cereja-italiana. Na oportunidade, gostaria de receber também todas as informações sobre a coleta de sêmen de reprodutores holandeses PO e quanto tempo este sêmen pode ficar no botijão sem tratamento especial. Qual a quantidade de sêmen que devo usar para cada inseminação? É proibido por lei eu coletar sêmen de meus reprodutores para inseminar minhas vacas?”

Alcides Martins Salviano
Vicentina/MS

R — Acerola é assunto para a professora Rosimar dos Santos Musser, do Departamento de Agronomia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Ela

dispõe, inclusive, de vários prospectos sobre o cultivo desta frutífera e pode lhe enviar este material gratuitamente. O endereço da UFRPE é rua Dom Manoel de Medeiros, s/n.º, bairro Dois Irmãos, CEP 50071, Recife/PE, fones (081) 268.5477 e 268.5211, ramal 352. Quanto à coleta de sêmen a campo, os passos são: procure um veterinário capacitado, que retirará o sêmen pelo método dos “pellets” (pequenas gotículas de sêmen, com aproximadamente 0,07 mililitro, que são imediatamente congeladas após a coleta); armazenados em botijão de nitrogênio, os pellets duram para sempre, sem alterar a qualidade do material genético; o próprio veterinário emitirá um laudo sobre o manejo, com os dados do reprodutor, e encaminhará à associação regional de criadores; esta medida legal é fundamental, pois a lei proíbe a comercialização dos pellets. Preste atenção neste detalhe: a coleta (e o congelamento) de sêmen na fazenda só é permitida se o material for utilizado no rebanho da própria fazenda; a comercializa-

ção deste material é ilegal. A dose normal é de um pellet por vaca, mas como costumam ocorrer falhas na inseminação, se admite como normal uma dose de até 1,5 pellet por vaca. Por exemplo: para um lote de 10 vacas a serem inseminadas, o inseminador poderá utilizar até 15 pellets, o que dará uma média considerada normal.

Equipamento simples

“Necessito do endereço da firma que fabrica um equipamento simples para se fazer análise de solo e folha no próprio campo. Vi tal informação em um dos exemplares desta revista, mas não consigo localizá-lo.”
Valdir Rodrigues de Freitas
Monte Carmelo/MG

R — A firma em questão é a Gabe — Indústria e Comércio Ltda., especializada em instrumentos para análise de solos. O endereço é rua José Antônio Rosa, 435, CEP 14095, Ribeirão Preto/SP, fone (016) 624.9011, telex (16) 4130.

Transferência de pastagens

Muita gente se perde, no campo, de tanto que acredita nos milagres da rentabilidade agropecuária. Se o Sr. Barbosa, depois de fazer um investimento de quatro milhões de dólares, aparece na televisão produzindo 11 mil litros diários de leite tipo A — todos se animam com os métodos do grande fazendeiro, esquecidos de que não têm as terras do Sr. Barbosa, nem os quatro milhões de dólares.

Se o assunto é minhoca, todos se querem transformar em minhocultores, até se vencerem de que a chinchila é o melhor negócio do mundo, salvo se o sujeito preferir criar rãs, hipótese em que pode construir um aprisco, para instalar 200 cabras importadas da raça saanen, em lugar dos coelhos, que dizem ser negócio brilhantíssimo.

Na televisão, o negócio corre muito fácil para o meu gosto. Vacas não têm mamites, cafés não têm ferrugem, algodão não tem bicudo e qualquer casal urbano, com o produto da venda de um Monza de segunda-mão, pode montar um negócio de trutas, para ganhar milhões e milhões de cruzados por ano.

Como também sou um sujeito muito crédulo, tenho ganas de criar capivaras e jacarés, como também já pretendi enricar plantando mangas haden, café, cacau e eucalip-tos. Tenho ganas de plantar uma porção de coisas e mal consigo manter as seringueiras no limpo. Sim, porque acreditei no seringal, animado pelos que dizem ser as seringueiras o melhor negócio do mundo.

As árvores lá estão plantadas há quatro anos, muito bonitas e muito viçosas, à espera da primeira sangria, que promete demorar bastante. Quanto tempo? Não faço a mínima idéia. Mas é coisa para mais dois anos, no mínimo — e só quem sustentou um seringal em formação, durante quatro anos, sabe como o tempo custa a passar.

Se o seringal é, ou não, um negócio brilhante, só vou poder contar daqui a algum tempo, se tiver saúde e saco para esperar. Enquanto isso, fico babando para a rentabilidade das minhocas, das chinchilas e das trutas, que encantam e animam tanta gente. E quase embarquei num negócio de produção de veneno de cobra para exportação, que me prometia dois mil dólares por mês, livres de impostos. Logo eu!, que não chego a ter medo de cobra, porque tenho pavor...

De vez em quando, a gente encontra um fazendeiro tão organizado, e tão próspero, que nos dá vontade de copiar os seus métodos de trabalho. Foi o que aconteceu comigo quando conheci a fazenda de um mineiro, prócer político da maior respeitabilidade, que é uma espécie de dono de uma cidadezinha, não importa onde fica.

O homem tem fazenda muitíssimo bem montada e operada, aqui em Minas, além de outra que dizem ter no Paraná. Faz feitos, elege vereadores e deputados, e tem voz ativa no plano estadual, mercê de sua imensa credibilidade.

Vivem seus caminhões em constante vão, levando gado de Minas para o Paraná, trazendo gados de Paraná para Minas, numa operação que é rotulada de “transferência de pastagens”. E que é isenta de impostos, salvo engano. Nada mais justo. Se o sujeito dispõe de pastos sobrando no Paraná, e a seca aperta em Minas, é compreensível que os gados sejam transferidos para onde sobra o capim.

Ora, pois, um dia, a polícia resolveu conferir a singularíssima operação e descobriu que o gado transportado era, efetivamente, transferido de pastagens, mas dos seus legítimos donos para as do finório. Contam-se por milhares as vacas roubadas num estado e transferidas para o outro, sem prejuízo das que foram roubadas no outro, e transferidas para o primeiro. Em matéria de racionalização de combustíveis, a operação era perfeita, pois os caminhões jamais trafegavam vazios.

Na tal cidadezinha, a notícia estourou como uma bomba de vários megatons. O chefe, talvez o sujeito mais respeitado da região, não passava de abigeatário contumaz. Sei que abigeatário é dose, mas é o nome que se dá aos que vivem do furto do gado.

Aliás, o abigeato deve ser tão velho quanto a história dos homens e dos gados. Anos atrás, um político mato-grossense (do Sul) deu enorme churrasco em sua fazenda, para festejar a inauguração de uma capela. Matou 20 bois, dezenove dos quais alheios, como fiquei sabendo pelo açougueiro, que depois foi meu empregado.

Há no MS uma festa anual, a *reculuta*, que consiste em reunir numa fazenda todos os vizinhos de cerca para devolução do gado que entrou inadvertidamente no pasto alheio. É festa animada, cada fazendeiro trazendo bois mansos e vários empregados, convenientemente pilchados, para levar seu gado de volta.

Passando pelo brete, o gado é lavado com água e sabão, não sendo raros os casos de aparecer outra marca, mais antiga, sob o ferro daquele que se considerava o dono do boi. São acidentes de percurso, compreensíveis em fazendas que trabalham com milhares de bois, numa região em que, pela natureza dos terrenos inundáveis, as cercas são de eficiência duvidosa.

Trabalhei numa empresa mato-grossense,

na fronteira com o Paraguai, que tinha mais de 200 cabeças de gado alheio, para devolver aos vizinhos. Nosso piloto pousou em todas as fazendas, para avisar da *reculuta*, e o pessoal apareceu na véspera do dia marcado. Um dos vizinhos tinha fama de matador, usado pelo irmão para “limpar” as fazendas. Quando a Justiça apertava, ele se mudava para outro Estado, sempre empenhado no serviço de limpeza, para o qual contava com um Smith 45, que transportava num embornal, pendurado no pescoço.

Encontrei-o algumas vezes no campo, a cavalo. Era figura singularíssima, porque não dispensava uma besta, quando todos preferiam cavalos. E trazia amarrada, no arção da sela da mula, uma enorme antena, para viajar ouvindo as guarânicas e o noticiário, num imenso rádio de pilhas. Sempre com o sapicuí pendente do pescoço, onde transportava o inseparável Smith.

Veio paramentado para a *reculuta*. Trouxe quatro juntas de bois mansos, os sinuelos, que o ajudariam a levar seu gado de volta. E aceitou dormir num dos quartos da casa, grande honra para nós, quando a maioria dos vizinhos preferia armar suas redes no terreiro, ou no curral.

Dia seguinte, passado o gado no tronco, das 200 cabeças restaram duas, que pertenceriam ao famoso matador. Lavadas com sabão, descobrimos nelas marcas mais antigas, pelo quê o nosso amigo foi obrigado a voltar para casa de mãos abanando, comboiando quatro empregados e oito sinuelos, com o rádio ligado a todo vapor...

Presumo, agora, que o pacientíssimo leitor destas notas esteja interessado em saber o que aconteceu com o político mineiro que transferia gados para o Paraná, e vice-versa ao contrário. Essa era, também, a minha curiosidade, até que passei, outro dia, pela tal cidadezinha, onde o homem era o rei.

Refrescando minhas entranhas com uma cerveja muito gelada, aproveitei para perguntar ao dono do bar pelo paradeiro do finório, depois que foi preso em flagrante com uma carreta de gado roubado. E a resposta do comerciante foi genial: “ele está preso em liberdade, sim senhor”.

Não entendi. E até pensei que fosse qualquer tipo de prisão-albergue, dessas que se inventaram por aí, para permitir que os assaltantes continuem trabalhando de revólver em punho. Mas não. O moço estava preso em liberdade mesmo, admirável figura jurídica para caracterizar a situação dos sujeitos que não vão para a cadeia. E que, muito provavelmente, continuam elegendo feitos, vereadores e deputados. Triste país!



Frutas

O Parque do Ibirapuera, em São Paulo/SP, vai sediar, de 11 a 17 de julho deste ano, a 1ª Feira Nacional de Frutas, Derivados e Afins (Frutfeira), o primeiro evento do mundo no gênero. A feira será dividida em cinco setores: frutas *in natura*, equipamentos e processamento, frutas industrializadas, embalagens, transporte e armazenamento. Informações e reservas pelos fones (011) 885.6980 e 825.6858.

Silagem

A Associação Brasileira de Confinadores (Abraco) promove no dia 8 de junho curso sobre a utilização da silagem em confinamento, no auditório da Emater/RS, em Porto Alegre. A taxa de inscrição é de três OTNs para sócios e seis OTNs para não-sócios. Programa: escolha do modelo de silo; máquinas e equipamentos apropriados; o quê, quando e como ensilar; o que é a silagem e custos de produção. Informações pelo fone (0512) 42.3641, ou na sede da Abraco, avenida Cairu, 1058, CEP 90230, Porto Alegre/RS.

Novilho jovem

De 8 a 10 de junho, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio/RS, o Simpósio do Novilho Jovem do Rio Grande do Sul. Informações e inscrições nas entidades promotoras: Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), na praça Antô-



Cursos na Alemanha

O Instituto Alemão de Ensino de Técnica Agrária (Deula), com sede em Darmstadt, Alemanha Ocidental, está divulgando quatro procurados cursos: irrigação; manutenção e conserto de motores e tratores; administração de trabalhos agrícolas; e desenvolvimento, produção e operação de *hardware* para a agricultura. Mais detalhes com o adido de imprensa da Embaixada da República Federal da Alemanha, na avenida das Nações, 25, CEP 70415, Brasília/DF, fone (061) 243.7466.

Doenças equínas

De 20 a 26 de junho, no Parque de Exposições do Anhembi, em São Paulo/SP, o Simpósio Latino-Americano de Doenças Infecciosas dos Equinos. A promoção é do Instituto Biológico de São Paulo, mas as informações podem ser obtidas diretamente no Anhembi (avenida Olavo Fontoura, 1209, CEP 02012, Santana, São Paulo/SP, fone (011) 267.2122). O simpósio é aberto para profissionais da área, médicos-veterinários, proprietários e criadores de equinos.

FENAERO

Fenaero

De 10 a 15 de maio, no Hotel Laje de Pedra, em Canela/RS, a 1ª Feira Nacional Aeroagrícola (Fenaero); junto com o 1º Congresso Latino-Americano de Aviação Agrícola, o 2º Encontro Técnico de Aviação Agrícola do Rio Grande do Sul e o Festival Aéreo Canela/88. Informações e inscrições na avenida Salgado Filho, 94, 8º andar, CEP 90010, Porto Alegre/RS, fone (0512) 24-2477, telex 51-5749.

Biotechnologia

A Associação Brasileira de Biotechnologia Vegetal (Abiveg) e a Sociedade de Investigação Florestal decidiram adiar a realização do 1º Congresso Mundial de Biotechnologia Aplicada às Espécies Florestais, inicialmente marcado para o período de 29 de fevereiro a 3 de março, em Belo Horizonte/MG. O evento deve agora ser realizado em agosto, em data a ser confirmada. Mais detalhes na Abiveg, na rua dos Goitacazes, 71, sala 907, fone (031) 222.5940, CEP 30190, Belo Horizonte/MG.



Plantas daninhas — De quatro a oito de julho, em Piracicaba/SP, o XVII Congresso Brasileiro de Herbicidas e Plantas Daninhas. Informações pelos fones (0194) 22.3491 e 22.6600 ou telex (19) 7443 FEAQ BR.

Batatas — A França é sede do Encontro Internacional de Produtores de Batatas, em Paris, de 30 de maio a 24 de junho. Inscrições e informações na Association Pur La Formation Professionnelle de L'Interprofession Semences (Asfis), 44, rue du Louvre, 75001, Paris, fone 42.335112, telex 670798.

Drenagem — Núcleo Setorial de Informações em Maquinaria Agrícola promove curso de drenagem para fins agrícolas em Porto Alegre/RS, de 16 a 20 de maio; Fortaleza/CE, de 27 de junho a 1º de julho; em Salvador/BA, de 22 a 26 de agosto; em Florianópolis/SC, de 17 a 21 de outubro; e em São Paulo/SP, de sete a 11 de novembro. Informações pelo fone (011) 268.2211.

Controle do carrapato — No dia 1º de junho, na Estação Experimental de Zootecnia de Colina, do Instituto de Zootecnia, o 1º Dia de Campo sobre o Controle do Carrapato do Boi.

Inscrições e informações na avenida Rio Barbosa, s/nº, caixa postal 35, CEP 14770, Colina/SP, fone (0173) 41.1400.

Piscicultores — A Estação Experimental de Piscicultura de Pindamonhangaba, do Instituto de Pesca de São Paulo, promove, em 7 de junho, o Encontro de Piscicultores do Vale do Paraíba. Detalhes pelo telefone (0122) 42.3921, com o coordenador Hélio Ladislau Stempniewski.

Ovinos e bovinos de carne — De 19 a 23 de junho, em Paris, França, o 3º Congresso Mun-

dial de Reprodução e Melhoria de Ovinos e Bovinos de Carne. Detalhes pelo telefone (011) 231.5733.

Zootecnia — O Departamento de Zootecnia da Faculdade de Veterinária da Universidade Federal Fluminense (UFF) promove, entre 13 e 17 de junho, o 2º Encontro de Zootecnia. Mais informações com as professoras Maria Luíza Delavechia e Ivete do Carmo Menezes, através do telefone (021) 711.0666, ou diretamente na UFF, na rua Vital Brazil Filho, 64, CEP 24230, Niterói/RJ.



Fazenda experimental

Inaugurada no início de março, a Fazenda Experimental da Rohm and Haas Brasil, em Paulínia/SP, servirá para experiências em engenharia genética e pesquisas de produtos agrícolas de nova geração. Nos seus 47 hectares, a empresa está testando três novos defensivos: um inseticida sistêmico para combate a pulgões e cochonilhas de diversas culturas que preserva os inimigos naturais, um herbicida pós-emergente para gramíneas e um fungicida. A fazenda possui um evaporador químico para depurar os resíduos e depois incinerá-los, evitando problemas com a contaminação do ambiente.



Sêmen via aérea

Ao completar 10 anos de atividades, a Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul (ACSURS) está divulgando as realizações de sua central de inseminação artificial em 1987: mais de 30 mil inseminações, com uma porcentagem média de parto de mais de 80 por cento. Além disso, a central informa que pode exportar sêmen via aérea para qualquer parte do país, das raças duroc, landrace, large white e wessex, todas com teste individual de desempenho. Informações pelos telefones (051) 712-1413 ou 712-1014, em Estrela/RS.

“Fé no trigo”

Este é o lema da 4ª Feira Nacional do Trigo (Fena-trigo), de Cruz Alta/RS, de 28 de outubro a 6 de novembro. Segundo o presidente da comissão organizadora da feira, Diógenes Faccini, o evento se propõe à consolidação da triticultura no país, difundindo tecnologias para o aumento da produtividade do cereal, chegando, assim, à auto-suficiência nacional em trigo. A Fena-trigo deste ano foi lançada no final de março e promete ser uma das mais movimentadas quanto à programação diversificada, negócios e visitantes.

Professor de Hidráulica —

O Departamento de Água e Solo, da Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), comunica que estão abertas as inscrições para seleção de um professor para a disciplina de “Hidráulica Geral”. O candidato deve ter, no mínimo, doutorado e pode se inscrever até 30 de junho. Informações com o professor Newton Roberto Boni, na Faculdade de Engenharia Agrícola, Unicamp, caixa postal 6011, CEP 13081, Campinas/SP, fone (0192) 39-1301, ramal 2522.

Acordo petrolífero —

A Copesul (Companhia Petroquímica do Sul), a central de matérias-primas do Pólo Petroquímico do Rio Grande do Sul, firmou contrato de Cz\$ 50 milhões com a Petrobrás, para ampliar a Refinaria Alberto Pasqualini, da própria Petrobrás. Trata-se de um negócio inédito no país, pois, pela primeira vez, uma coligada (a Copesul) empresta tanto valor à empresa-holding (a Petrobrás). A ampliação garantirá fornecimento de matéria-prima à Copesul e vai melhorar a qualidade da nafta produzida pela Petrobrás.

Aeasp com novo presidente —

O engenheiro agrônomo Carlos Gomes dos Santos Côrtes tomou posse, no dia 7 de abril, na presidência da Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo (Aeasp). Ex-coordenador da Cati (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral), da Secretaria da Agricultura paulista, Côrtes é também presidente do Sindicato Rural de Aguai e diretor-secretário da Faesp (Federação da Agricultura do Estado de São Paulo).

Valmet pesquisa —

A Valmet do Brasil S/A. acaba de inaugurar seu novo centro de pesquisas e desenvolvimento, em Mogi das Cruzes/SP, dando prosseguimento a seus planos de expansão. Na ocasião, o presidente da empresa, Kyosti P.J. Kaitila, disse ao ministro da Agricultura, Íris Rezende, que o ICM sobre tratores deve ser reduzido para melhorar a quantidade de investimentos no setor, uma vez que em 87 houve uma queda de 15 por cento no mercado de tratores.

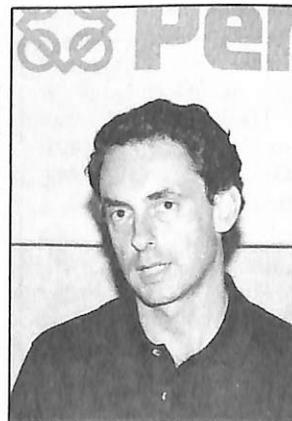


Treinamento SLC —

Mais de 2.000 operadores de colheitadeiras foram treinados pela SLC neste primeiro trimestre de 1988, através de 40 cursos realizados nos principais estados produtores do Brasil. Em 1987, foram mais de 3.500, em 60 cursos. Com eles, a empresa busca o máximo desempenho de suas máquinas com o mínimo de perdas de grãos.

Aventura na Antártida —

Depois de ganhar fama internacional ao atravessar sozinho, num barco a remo, o Oceano Atlântico entre a África e o Brasil, o velejador brasileiro Amyr Klink fará viagem semelhante à Antártida, em dezembro próximo. Desta vez, no entanto, o barco de alumínio, de 50 pés, será equipado com um motor Perkins 4.236-M de 80cv. A viagem terá a duração total de 15 meses, percorrendo 7.629 milhas náuticas (14.129 quilômetros) de ida e volta entre o Rio de Janeiro e o Pólo Sul.



GIGANTE PELA PRÓPRIA NATUREZA



TORNANDO O BRASIL MAIS VERDE

com
MANAH
adubando dá!

Produzir mais
é a nossa meta.
Com os
benefícios
gerados pela
agricultura,

garante-se melhores condições de vida,
de alimentação e de trabalho.
Para tornar o Brasil mais verde,

acelerando o desenvolvimento da Nação.
Por opção e vocação servimos ao
Verde - gigante pela própria natureza.

a Manah
fornece adubos
diferenciados
que elevam
a produtividade
dos agricultores,

ISTO, HÁ 40 ANOS.

Europa pesquisa supergrão que pode derrubar a soja

Na França, já se admite que tomará o lugar da torta de soja na alimentação do gado; na Itália, um projeto de 1 milhão de dólares investiga suas possibilidades; e a Comunidade Econômica Européia promove um amplo programa de pesquisa sobre ela. Que planta tão interessante é essa? Ora, é o velho tremoço-amargo (*Lupinus mutabilis*), cujos alcalóides das sementes são altamente tóxicos, e em consequência deram-lhe má-reputação na Europa toda. Agora, o Centro Franco-Brasileiro de Documentação

Técnica e Científica (Cendotec) relata que esta leguminosa rústica e resistente a doenças e pragas oferece um nível de produção muito superior aos tremoços doce-amarelo, branco e azul (isentos de alcalóides), além de apreciar solos ácidos e leves. Mais importante, contudo, é sua produção por hectare: quatro toneladas de sementes secas, contra três da soja. Depois de extraídos os alcalóides, sobram dois terços de proteínas sob a forma de farinha ou de granulados, para consumo pelo gado e pelo homem. E

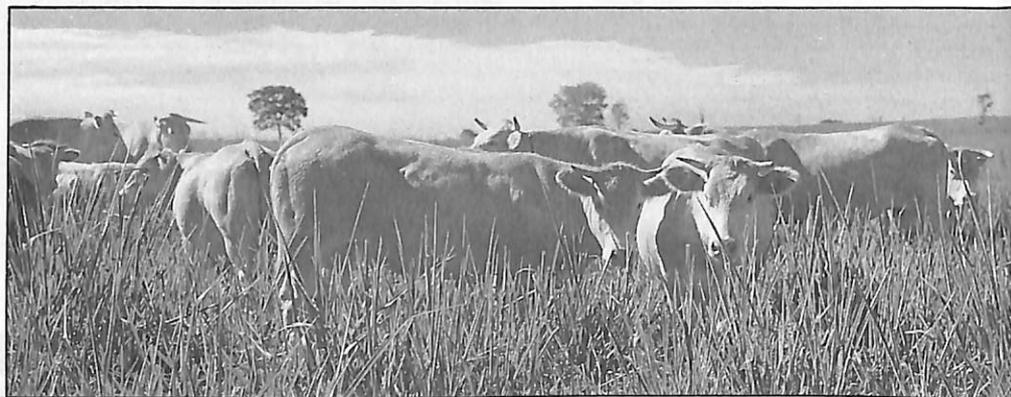
na transformação dos alcalóides em pó ("desamerização"), um lucro adicional: a produção de um fertilizante natural biodegradável que, ao contrário dos adubos nitrogenados, não polui os lençóis freáticos. Um relatório alemão informa que 20 a 30kg desse pó por hectare "bastam para provocar um aumento de 10 a 20 por cento nos rendimentos, economizando 200 a 500kg de adubo mineral".

Peru é a leucena que mais produz

Testes preliminares da Estação Experimental de Itajaí, da Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária (Empasc), verificaram que a *Leucaena leucocephala*, conhecida por leucena, se adaptou bem à região, produzindo 11,3 toneladas/hectare/ano de matéria seca, na fração comestível de dois anos, em cortes realizados em janeiro e junho. A partir daí, introduziu cinco novos cultivares com bom desempenho no Mato Grosso do Sul. Os resultados iniciais indicaram que o cultivar peru, com 12.407 quilos/hectare/ano em quatro cortes (abril, outubro, janeiro e março), foi o que melhor produção obteve, de matéria seca. Seguiram-se o gigante, 10.932 quilos/hectare; o campina grande, 9.546 quilos/hectare; o cunningham, 9.392 quilos/hectare; e o pulverulenta, 8.583 quilos/hectare.

Conheça o terreno e tire pasto à vontade

O sucesso da formação de uma pastagem depende da habilidade no reconhecimento, na propriedade, de condições de solo e clima, visando definir as melhores espécies forrageiras a serem plantadas e as épocas mais propícias. Estudos do Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte (CNPGC), de Campo Grande/MS, indicam que uma pastagem bem estabelecida, recebendo os cuidados de manejo necessários, como adubação em períodos favoráveis, lotação adequada de animais, apresenta vida útil de até 10 anos. Além do manejo, os técnicos alertam que a má-qualidade da semente é responsável por grandes desastres na produção. Por isso, aconselham que toda a aquisição seja acompanhada da análise laboratorial, seguida de uma receita dada pelo comerciante. Informações adicionais sobre o assunto constam da circular técnica número 12, do CNPGC, rodovia BR 262, km 4, caixa postal 154, CEP 79100, Campo Grande/MS.



Mais carne com melhores pastos

É possível obter altas produções de carne, em torno de 200 quilos de peso vivo/hectare/ano, com animais com médias de quatro anos, durante o inverno. A constatação é de pesquisadores da Estação Experimental de Lages, da Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária (Empasc). Os experimentos foram realizados com base num sistema de alimentação em que 75 por cento da área é de campo nativo e 25 por cento de pastagem perene de inverno. Inicialmente, o solo foi preparado convencionalmente, através da correção de acidez (seis toneladas/hectare de calcário dolomítico), correção do nível de fósforo (700 quilos/hectare de superfosfato simples) e sementeira a lanço das seguintes espécies: azevém anual, trevo-vermelho, trevo-branco e cornichão. A pastagem se pereniza com a ressemeadura anual das espécies. As adubações de manutenção empregadas são de 170 quilos/hectare/ano de superfosfato simples e 150 quilos/hectare/ano de cloreto de potássio. O sistema possibilita a colocação dos animais nos meses mais críticos (junho a agosto) na pastagem cultivada, sendo manejados com cerca elétrica. No período crítico, também é fornecido feno (seis quilos/animal/dia), obtido no verão anterior na mesma área, cujo acúmulo de material para corte e fenação (janeiro) se viabiliza através de diferimento de campo, ou seja,

pela retirada dos animais da pastagem a partir de novembro. A partir dessa época, o campo nativo já dispõe de forragem de boa qualidade e em quantidade suficiente para receber animais provenientes da área cultivada, permanecendo até meados de março. A lotação é de uma cabeça/hectare, durante o ano todo, enquanto o normal é de 0,3 a 0,4 cabeça/hectare.

Porco magro. Será que o milho não tem fungo?

Os níveis elevados de umidade, registrados especialmente no primeiro semestre do ano, são responsáveis pelo aparecimento e desenvolvimento de aflatoxinas no milho e rações, causadas pelos fungos *Aspergillus flavus* e *Aspergillus parasiticus*. As condições favoráveis ao aparecimento dos fungos ocorrem quando os cereais colhidos são armazenados com níveis de umidade de, pelo menos, 17 por cento. As aflatoxinas produzem efeitos tóxicos para os animais, especialmente suínos, ocasionando a redução da síntese de proteínas (menor eficiência alimentar) e uma redução na defesa contra as doenças, com o aparecimento de certos tipos de câncer. Para os pesquisadores do Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves (CNPISA), de Concórdia/SC, entretanto, os sintomas dos animais são de difícil detecção, mas se pronuncia um emagrecimento progressivo, característica da contaminação.

FÓRUM

REGIÃO SUL

Cooperativismo em debate

Hotel Carimã - Foz do Iguaçu - PR
Dias: 30 de junho e 1.º de julho

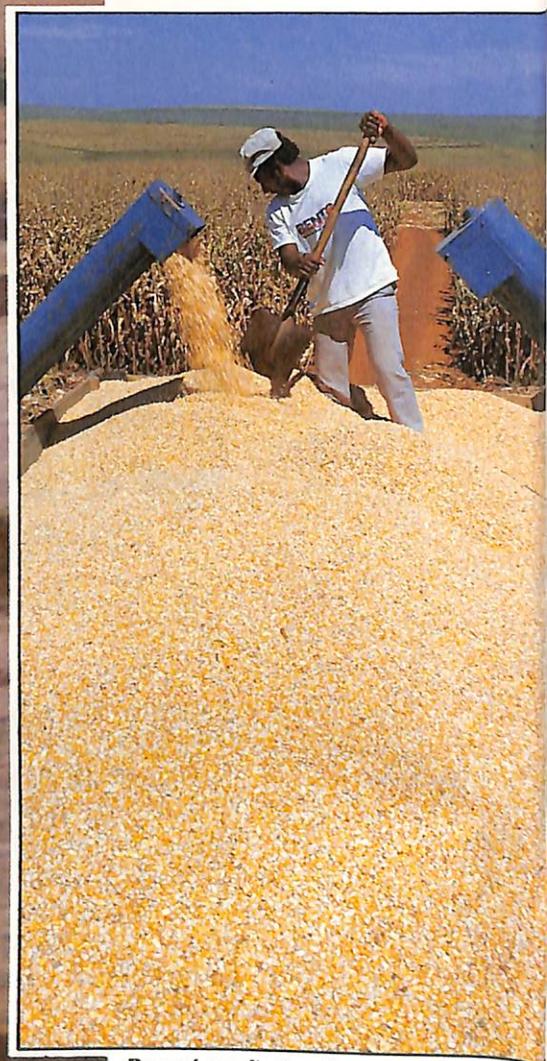
O BRDE vai realizar, nos dias 30 de junho e 1.º de julho, o Fórum "REGIÃO SUL - COOPERATIVISMO EM DEBATE". É a oportunidade que você tem de desfazer suas dúvidas em relação ao cooperativismo. Temas como: Política Tributária, Política Creditícia, Tecnologia, Integração CONE SUL e outros temas atuais, farão você ficar bem informado sobre o Cooperativismo na Região Sul. E para você, que já participa deste sistema, trocar idéias e informações com outras cooperativas. Venha participar. Afinal de contas, cooperativismo é feito com a união de todos, e você não pode ficar fora desta.



Banco Regional
de Desenvolvimento
do Extremo Sul

SUPER

**Garra
contra
a crise**



Paraná profissional: curvas de nível das microbacias (E), onde colhe-se milho, amadurece o girassol e, no descanso do solo, cresce o pasto que engorda o nelore da integração lavoura-pecuária

PARANÁ

Este é o sexto ano consecutivo em que os repórteres de **A Granja** percorrem o Paraná, na busca de informações para a nossa edição anual sobre a agricultura e a pecuária do Estado. De forma pioneira, acompanhamos de perto o que tem acontecido na produção primária paranaense, de forma destacada o surgimento de uma nova mentalidade.

De extrativistas, com frequência predadores, e adeptos de explorações extensivas, os produtores mudaram ao longo destes seis anos. Adotaram a mecanização intensiva no preparo da terra, práticas culturais e colheita; usaram agroquímicos para limpar a lavoura e contra pragas e doenças; implantaram sistemas de irrigação; buscaram a semente certa, com adubação não raro exagerada e desnecessária ao solo naturalmente fértil; e lideraram, junto com os gaúchos, um processo educativo no trato da terra, o plantio direto. Na pecuária, valendo-se da posição geográfica e de microclimas, adaptaram o gado zebu ao frio do sul, e o gado europeu ao calor dos trópicos, com as inegáveis vantagens dos cruzamentos resultantes das duas espécies.

A modernização permitiu produções abundantes nos anos em que clima e governos colaboraram, e enquanto havia fronteiras estaduais a serem conquistadas, com mais solos férteis. Hoje, não há fronteiras, a fertilidade do solo não é a mesma, os insumos gravam a produção, a Natureza agredida instabiliza o clima e favorece pragas e



doenças — mas o Paraná continua celeiro do Brasil. Obra da profissionalização.

Antes moderno, o produtor paranaense é agora profissional. Percebeu que a fertilidade do solo depende mais de manejo adequado do que de adubação. E isto inclui práticas conservacionistas, surgidas da compreensão dos fenômenos da Natureza. Mais ainda: percebeu que os custos castigam menos quando se produz mais. Ou seja, uma resposta concreta é a produtividade. Acompanhamos esta transformação. Esta edição mostra como os produtores do Paraná respondem à crise, que em alguns setores é violenta ao ponto de fazer com que os menos qualifica-

dos abandonem suas terras: com a garra dos profissionais.

Nas páginas seguintes está o resultado desta garra, com destaque para o programa pioneiro de microbacias, estimulado pelo governo estadual e que já oferece uma boa amostra no município de Ivatuba. Nos grãos, caiu o milho e subiu a soja; e no trigo, em plantio, a área de lavoura aumentou em seis por cento. O café tende a dividir espaços com outros produtos, e o algodão dá lucro. No cooperativismo, as créditos pegam embalo. Bons preços, que não têm porcos e aves, esperam a pecuária em médio prazo, enquanto o búfalo engorda em áreas próprias. Coisas de profissionais.



Produtor agüenta e produção cai pouco

Números iniciais dão um milhão de toneladas de grãos a menos.
Com bom preço, soja avançou sobre o milho e sentiu pouco a seca.
Sem apoio oficial, trigo não repete desempenho de 1987

Os números oficiais ainda não são conhecidos, mas os prognósticos das safras de soja, milho e trigo apontam para uma grande produção, confirmando os desempenhos anteriores da lavoura paranaense, que ostenta os títulos de celeiro do Brasil e o de campeã nestas três culturas. Somente este trinômio, no ano passado, foi responsável por metade do valor econômico da agropecuária do estado, ou 1,5 bilhão de dólares. Alguns fatores, entretanto, ameaçam comprometer a produção total, provocando uma queda de até um milhão de toneladas em relação aos 14,7 milhões colhidos no ano agrícola 86/87 nestas três lavouras.

O primeiro fator já era previsto e foi criado pelas condições de mercado: os preços internacionais da soja reagiram e a tecnologia aplicada anteriormente ao milho retornou à soja e também ao algodão, cujos valores de comercialização mostraram-se mais compensadores. A área plantada com milho na safra passada foi de 2.873.480 hectares e a efetivamente colhida situou-se em

2.846.000 hectares, incluindo os primeiros e segundo plantios (safrinha). Já na atual safra, o plantio se restringiu a 2.280.000 hectares, ou 20 por cento inferior à do ano passado. Também a expectativa de produção caiu 25 por cento, de 7.641.800 toneladas (safra 86/87) para algo em torno de 5,5 a 5,9 milhões de toneladas.

Em contrapartida, a soja avançou



Araldi: preços conforme o desejado

sobre os terrenos do milho sem pena, prometendo recuperar, através dos preços, as toneladas de grãos que vão deixar de ser colhidas. Para se ter uma idéia, a área com soja na safra 87/88 aumentou 22 por cento sobre a anterior, passando de 1.718.000 hectares para 2.100.000 hectares, o que elevará a produção de 3.810.000 toneladas (safra 86/87) para 4,5 a 4,8 milhões de toneladas, num aumento expressivo de 23 por cento, com o rendimento subindo de 2.218 quilos por hectare para 2.230 quilos por hectare. E a performance da soja só não foi melhor porque a estiagem afetou as lavouras do norte e do sudeste, especialmente as localizadas nas regiões de Pato Branco e Francisco Beltrão. Mesmo assim, o Paraná, com a quebra da safra gaúcha, deverá retornar à posição de principal produtor brasileiro desta cultura, respondendo por 26 por cento da produção nacional.

A dança dos preços — O fascínio em torno da soja não é novidade para os produtores paranaenses. A corrida ini-

Estas variedades dão mais trigo

O Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar) dispõe, em sua área de melhoramento e programa vegetal, de sementes básicas para multiplicação de dois novos cultivares de trigo. São eles o Iapar 18-marumbi e Iapar 22-guaraúna, que se incluem nas sementes recomendadas para o plantio desta safra pela Comissão Sul-Brasileira de Pesquisa de Trigo. As variedades possuem como principais características a boa tolerância ao alumínio tóxico no solo — um fator limitante à produção de trigo no estado — e o elevado potencial de produtividade, em torno de 3.500 quilos/hectare, obtidos nos experimentos realizados pelo Iapar.

A variedade Iapar 18-marumbi é recomendada para o plantio nas zonas A, B, C e E do estado. Além de maior tolerância ao alumínio, possui ótimo potencial de produtividade, altura e ciclo intermediário. Apresenta resistência ao acamamento e maior sanidade que os cultivares sulino (CEP 7672) e IAC 5-maringá. Na média dos últimos três anos, seu rendimento foi superior às testemunhas, razão pela qual passou a ser considerado como o cultivar mais estável entre os demais recomendados e escolhido para testemunha em todos os ensaios que serão conduzidos em solos com alumínio no norte, oeste e sudoeste do Paraná.

Já o Iapar 22-guaraúna é recomendado para cultivo no centro-sul do estado (zonas D e F em 87 e B, C e D no oeste e sudoeste a partir deste ano), possuindo também boa tolerância ao alumínio e ótimo potencial produtivo. Seu ciclo é precoce para intermediário. A altura da planta é intermediária

ria e a resistência ao acamamento é moderada. Tal como o Iapar 18-marumbi, também possui maior sanidade que o sulino e o IAC 5-maringá. É, no entanto, suscetível à ferrugem-do-colmo, mas, por ser de ciclo precoce, tem maior facilidade de escapar da moléstia que os cultivares mais tardios. Um dos pontos fortes desta variedade é sua ampla adaptação às diversas condições ecológicas do estado, facilitando, inclusive, o intercâmbio de sementes de uma para outra região. Quanto ao potencial produtivo, o Iapar 22-guaraúna produziu na média de 31 experimentos conduzidos nos últimos três anos, na zona C, 11 por cento a mais que a média das melhores testemunhas testadas nas mesmas condições de cultivo.

Os interessados na multiplicação destas variedades podem entrar em contato com o Programa Propagação Vegetal no Iapar, em Londrina, pelo fone (0432) 26-1525, ramal 221.

Veja porque
a motobomba
BRANCO
é superior:

Lts/h

33.000

SUCCÃO ATÉ 7 metros

Quando você adquire a autoescorvante ou a centrífuga Branco você está adquirindo as melhores motobombas fabricadas no Brasil.

Em primeiro lugar, devido à maior capacidade: isto faz com que os seus desempenhos fiquem muito acima das demais motobombas.

Assim, a autoescorvante de 2" dá vazão máxima de 33.000 lts/h e sucção até 7 metros;

a centrífuga de 1", numa altura de 7 metros, dá vazão de 14.000 lts/h.

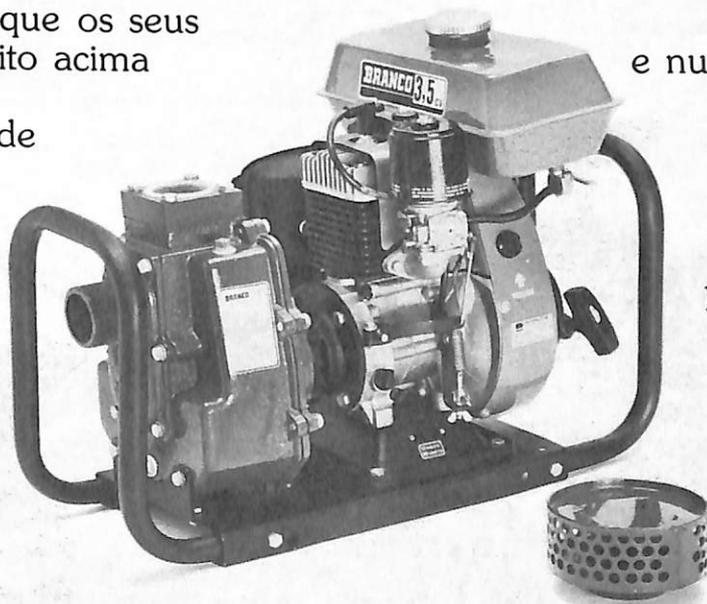
E ainda tem outras vantagens: trabalham fora de nível e são as mais econômicas do mercado.

As motobombas Branco são imprescindíveis no dia-a-dia da agricultura:

- lavagem de animais e equipamentos;
 - irrigação de lavouras e hortas;
 - drenagem de áreas alagadas;
 - combate à incêndios;
- e numa infinidade de outros serviços.

As motobombas Branco operam sob quaisquer condições de trabalho: por isso também são as preferidas nos garimpos, onde o desempenho perfeito é exigência absoluta.

As motobombas Branco são de tecnologia 100% brasileira e de qualidade reconhecida em todo o território nacional.



BRANCO

INTERMOTOR

Indústria de Motores Ltda.

Alameda Arpo, 750
Fone (041) 282-4142 - CEP 83.100
São José dos Pinhais - Paraná.

Nem OTN e prêmio ajudaram o milho

ciou no ano passado, quando os preços da Bolsa de Chicago subiram de 195 dólares em agosto para 210 em outubro. Enquanto isso acontecia nos Estados Unidos, a safra recorde de milho enfrentava problemas sérios de armazenagem e comercialização, sem que as autoridades conseguissem solucioná-los a tempo. Uma tentativa foi feita no aspecto comercial: atrelar o preço mínimo do milho à OTN mais um prêmio de 1,2 por cento ao mês de março a julho de 88. Em valores de hoje, a saca de milho produzida no ano passado estaria valendo Cz\$ 683,40 (abril). Parecia um atrativo para o produtor, mas a medida não atingiu seus objetivos. A atração maior ficou com a Bolsa de Chicago e com o peso dos dólares.

Quem jogou na soja, não perdeu. A rentabilidade desta oleaginosa, segundo o agrônomo Altair Araldi, do Departamento de Economia Rural (Deral), está em 30 por cento líquidos,

já que a cotação da soja em grão situa-se em 250 dólares a tonelada (posição de novembro 88), contra um custo de produção de Cz\$ 1.020,00 por saco de 60 quilos. Embora reconheça que a seca gerou alguns casos de Proagro, o técnico observa que o sojicultor paranaense tem motivos para estar eufórico, pois a produtividade e os preços vêm se comportando conforme o desejado.

Se a soja faz jus ao cognome de grão do lucro (quase) certo, o mesmo apelido não vale para o milho. Ao contrário, para a agrônoma Karen Fogiato, também do Deral, o milho bem que poderia ser chamado de grão do prejuízo. Afinal, nas últimas oito safras, o produtor só escapou inteiro de uma, no máximo duas, e mesmo assim caiu no vermelho se levou na ponta do lápis os custos totais da produção (variáveis e fixos). A diferença aumenta mais se o milho for colocado em parrelha com

seus concorrentes diretos, como a soja e o algodão.

Ouro abaixo da inflação — Com as perspectivas completamente indefinidas, o trigo é o terceiro e último personagem do principal trio produtivo do Paraná. Campeão de produtividade há vários anos, o estado vai lutar para não perder esta condição. Está difícil. Novamente o governo se intrometeu na agricultura e fez algumas trapalhadas. As normas divulgadas pelo Ministério da Agricultura confundiram os tradicionais produtores e alijaram especialmente os que se utilizam de recursos próprios para o custeio. Uma das medidas, que demonstra claramente o interesse governamental em não expandir a área desta cultura, restringe os financiamentos desta safra ao que foi plantado pelo produtor na safra anterior. Em síntese, se ele plantou uma área total de 300 hectares, 150 com dinheiro oficial e a outra metade com suas economias, este ano, somente receberá recursos do governo para plantar 150 hectares. Em verdade, a limitação não atinge o produtor diretamente, ▷

Colheita de milho: grão do prejuízo, para a maioria



ISSO É COISA DE CAIPIRA.



É mesmo diferente, esse interior do Brasil.
Tem coisas que ninguém imagina.
Cidades que nada devem aos grandes centros em matéria de
serviços e profissionais.

Uma gente pioneira que, vencendo desafios, vai
concretizando seus sonhos.

E gerando riquezas, com talento e competência.

Ali, todos os dias, a vida se apresenta ao vivo
e em cores.

Coisas da natureza.

Para este país, que o homem do interior está fazendo
acontecer, o Bamerindus tira o chapéu.

 **BAMERINDUS**
O banco da nossa terra.

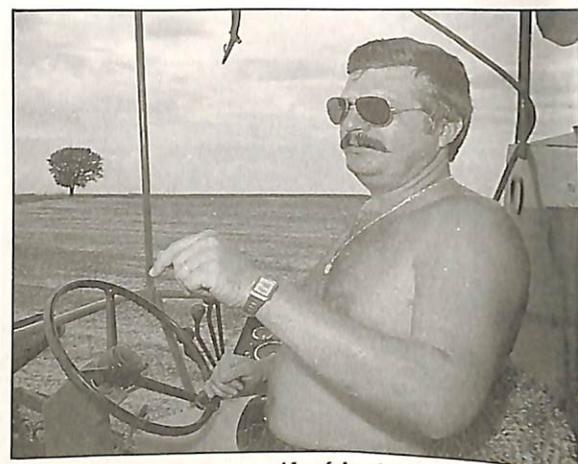
Governo atrapalhou o trigo. De novo

mas sim o agente financeiro. Isto é, o produtor poderá conseguir recursos para o plantio da área adicional, via crédito rural, junto a um novo banco, mas não naquele onde contraiu o empréstimo no ano passado.

Em meio a tanta confusão, o agrônomo Altair Araldi espera que o governo se sensibilize e trate de levantar esta limitação que qualifica de "absurda", já que em outros estados, como o Rio Grande do Sul, a medida não vem sendo aplicada. Seja como for, as complicações com o trigo não param aí. O preço de garantia do chamado grão de ouro, fixado em 1,35 por cento da OTN, ou Cz\$ 1.283,00 por saco de 60 quilos, em abril, está, segundo o especialista, 10 por cento abaixo do valor praticado no ano passado, "pois não é novidade que a OTN sobe menos que a inflação". Com tantos desestímulos, acredita que será uma grande vantagem se a área plantada do Paraná se

mantiver igual à do ano passado.

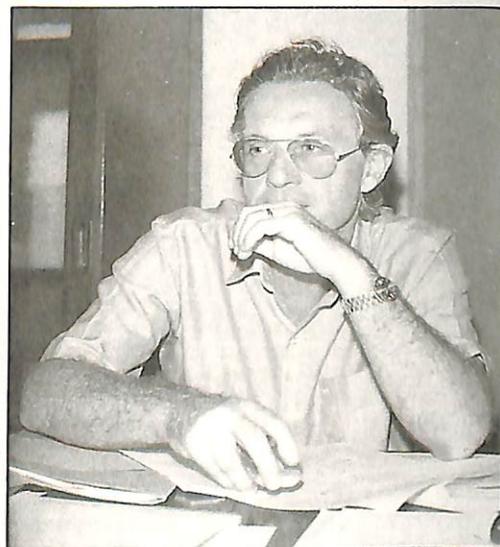
O trigo, na safra anterior, produziu como nunca. O plantio chegou a 1.717.500 hectares para 3,3 milhões de toneladas de grãos, num rendimento de 1.921 quilos por hectare. Foi a maior produção da história, com o Paraná contribuindo com 53,23 por cento do total do trigo brasileiro. Para a safra que começa a ser plantada, os números do trigo são uma incógnita, fato que somente poderá ser alterado, na opinião de Altair Araldi, se o governo adotar medidas imediatas que estimulem a produção; caso contrário, no próximo ano, novamente o país terá que buscar trigo na Argentina, se distanciando ainda mais da tão sonhada auto-suficiência neste produto. Se algo não for feito, o aumento da área plantada com trigo no Paraná em cinco por cento, conforme anunciou o governador Álvaro Dias, também não se comprovará. □



*Alovisio (em cima)
e Danilo Donin:
sem tempo até
para entrevistas*

Em Palotina, carro-chefe da lavoura

Palotina, no extremo-oeste do Paraná, quase na fronteira com o Paraguai, é reconhecida por suas vastas planícies agriculturáveis e, especialmente, por ser o município que mais produz trigo no país. Da sua área total de 91.145 hectares, 74,6 por cento, ou 68 mil hectares, permanecem cobertos por trigais no inverno, gerando 136 mil toneladas anuais do produto, o equivalente a mais de quatro por cento da produção do estado, alcançando rendimentos superiores a 2.280 quilos por hectare. No verão, curiosamente, apesar dos preços remuneradores, a soja ocupou, no máximo, 57 mil hectares, ou 62,5 por cento da área, devendo render cerca de 2.500 quilos por hectare.



Empinotti: mais trigo é difícil

Quatro estrelas se escreve com quatro letras

UMBU

Quatro estrelas num hotel quer dizer qualidade. Umbu Hotel quer dizer conforto e bom atendimento em todas as dependências. Localização privilegiada, suítes e apartamentos amplos e totalmente equipados, cozinha internacional e Room Service 24 horas, além de outros serviços. Onde se escreveu tudo isso leia-se UMBU. Com quatro estrelas.



Av. Farrapos, 292 - Fone: (0512) 28-4355 - Telex 511107 - CEP 90220 - POA - RS



“O trigo é o carro-chefe da nossa região”, diz orgulhoso o agrônomo Cláudio Empinotti, inspetor de produção e fiscalização de sementes da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento. O seu ânimo, entretanto, desaparece ao reconhecer que na próxima safra dificilmente a área e a produtividade vão crescer, apesar da vocação tritícola do município. Com solos nobres, menores riscos de geadas e agricultores aplicados e eficientes — em sua maioria descendem de imigrantes italianos e alemães —, as terras de Palotina poderiam produzir mais.

A manutenção da mesma área é um reflexo direto das medidas governamentais que limitaram o acesso de produtores aos financiamentos de custeio. Outro fator limitante é o preço dos insumos, principalmente fertilizantes e fungicidas. Estes últimos, aliás, muito utilizados para combater o maior problema da lavoura de trigo da região: a helmintosporiose. Assim, os tricultores se obrigam a aplicar fungicidas sob pena de

perderem até 50 por cento da produção e ainda colher um produto de péssima qualidade.

A variedade plantada em 70 por cento da região e pela quase totalidade dos três mil produtores é a anahuac, de procedência mexicana. A seguir, vem a Iapar 6-tapejara e a Ocepar-batuira, cujas áreas plantadas devem crescer este ano, particularmente em relação ao primeiro, que vai bem em solos ácidos, onde o anahuac sofre mais.

Montado na soja — Aproveitando todo e qualquer minuto para colher a soja, os irmãos Alovísio e Danilo Donin, administradores da Fazenda São Pedro, distante 20 quilômetros do centro de Palotina, não tinham tempo sequer para atender a equipe de A Granja. Afinal, não podiam perder um segundo e, pilotando duas das quatro colhedoras em funcionamento, queriam deixar os 624 hectares prontos o quanto antes para a entrada em ação de cinco plantadeiras carregadas com sementes de trigo.

Triticultores desde 1972, quando nem se falava muito neste cereal na região, os irmãos Donin se consideram satisfeitos com os ganhos desta lavoura. Com médias nunca inferiores a 2.500 quilos por hectare, a São Pedro — que em verdade pertence ao sogro de Danilo, Reinoldo Helmut Güllich — se transformou num dos estabelecimentos mais tradicionais e conhecidos da região. Tal o domínio dos segredos do trigo que a São Pedro expandiu seus negócios para o Mato Grosso do Sul, nos municípios de Mundo Novo e Tacuru, onde cria, em 2.500 hectares, mestiços charolês com nelore, numa diversificação das fontes produtivas e de rendimentos.

Mas nem tudo é alegria. Este ano, os irmãos Donin estão perplexos com os altos preços dos insumos, em especial os fungicidas, além de adubos e componentes de reposição do maquinário. “Há pouco, comprei uma correia de trator e paguei Cz\$ 80 mil, quando no ano passado comprei o tra-

tor inteiro e paguei Cz\$ 200 mil”, conta incrédulo Alovísio. Outra pedra nos sapatos dos Donin é a indefinição do governo em torno do trigo. “Tudo é muito lento lá em cima”, queixa-se dos que comandam a política agrícola de confortáveis gabinetes em Brasília. Por isso, anuncia que não sabe se aumenta a área com trigo, e culpa as novas normas, que limitam o acesso ao custeio. Em vista disso, a única certeza que tem é de que o Paraná e o Brasil deverão produzir menos do que na safra passada, valorizando diretamente o produto importado.



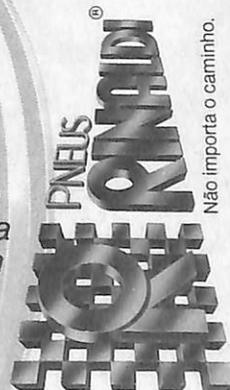
Soja na São Pedro: trigo a seguir



PLANTE QUE A RINALDI GARANTE.

Os pneus agrícolas, RR e RG, dianteiro e traseiro da Rinaldi, proporcionam um suor gratificante na lida do campo. Com vazão para lama e barro, evita derrapagens da lavoura à colheita, garantindo um trabalho resistente de sol à sol.

Procure nas melhores revendas.
Depto. de vendas (054) 252.4588



Não importa o caminho.

ACERTE COM



PROCURANDO SEMPRE SATISFAZER ÀS NECESSIDADES DO AGRICULTOR BRASILEIRO, A FORD NEW HOLLAND APRESENTA A NOVA LINHA DE TRATORES FORD FORÇA II.

FORÇA II NA MAIOR POTÊNCIA E EFICIÊNCIA DO MOTOR.
FORÇA II NA MAIOR PRODUTIVIDADE COM O MENOR CONSUMO.
FORÇA II NA INSUPERÁVEL

QUALIDADE E DURABILIDADE DOS TRATORES FORD.
FORÇA II NO NOVO SISTEMA DE SEGURANÇA E PROTEÇÃO AO OPERADOR, ORIGINAL DE FÁBRICA, QUE INCLUI OS

SEGUINTE ITENS:
• ARCO DE SEGURANÇA (SANTO ANTONIO) HOMOLOGADO E CERTIFICADO CONFORME AS NORMAS INTERNACIONAIS DE SEGURANÇA - NORMA

TODA FORÇA.



JWT

- SAE J1194.
- CINTO DE SEGURANÇA.
- CAPOTA COM ESTRUTURA REFORÇADA, REVESTIDA INTERNAMENTE CONTRA RÚIDO E ALTAS TEMPERATURAS.

FORÇA II NO TOTAL APOIO QUE SÓ O SEU DISTRIBUIDOR DE TRATORES FORD PODE LHE OFERECER. CONHEÇA JÁ ESSAS E OUTRAS VANTAGENS QUE A NOVA LINHA

DE TRATORES FORD FORÇA II COLOCA À SUA DISPOSIÇÃO. ACERTE COM TODA FORÇA.

FORD FORÇA II
RENDE MUITO MAIS



Segredo: não ponha todos os ovos na mesma cesta

Se um vai mal, os outros compensam. É assim que o produtor Roberto Bühner reduz seus riscos: planta soja, trigo, milho e inverna entre 150 e 200 cabeças de gado

Com preços em alta, a soja monopolizou as atenções e os interesses dos produtores paranaenses, deixando o milho de lado. Nem todos, entretanto, seguiram esta receita. Foi o caso de Roberto Bühner, tradicional sojicultor da região de Ponta Grossa, e que plan-

ta anualmente 230 hectares de soja em suas duas Fazendas, a Nhazinha, de 550 hectares, no município, e a Guaraúna, em Teixeira Sales, de 460 hectares. As duas áreas também recebem anualmente 270 hectares de milho e 120 de trigo, além de 150 a 200 cabeças de

gado para invernar, numa integração entre a agricultura e a pecuária.

“O segredo é não colocar todos os ovos na mesma cesta”, aconselha o produtor, reconhecendo que a safra de soja 87/88 não foi boa devido à seca e ao ataque da broca-das-axilas. Assim,



De Rooy:
8020kg
de milho/ha

Um campeão do cultivo mínimo

O sorriso largo de Hendrik de Rooy, um holandês de 44 anos, naturalizado brasileiro, dá bem a idéia do que foi a safra de milho este ano na sua propriedade, a Fazenda Capão Grande, em Carambeí, Castro, região de solos rasos, mas que já não surpreende mais pelas altas produções. Foram 1,6 milhão de quilos de milho, colhidos em 200 hectares, com um rendimento médio de 8.020 quilos/hectare, ou 336 quilos a mais em relação à safra passada.

Com uma área total de 870 hectares, a propriedade tem 65 por cento do seu terreno agricultável, onde no verão vão de 200 a 250 hectares de milho e 280 a 370 hectares de soja e, no inverno, 250 de trigo, sendo o restante semeado com adubação verde. Ao contrário da maioria dos produtores da região, Hendrik de Rooy não é um dos entusiastas do plantio direto, embora o pratique na soja, e nem um conservador que não largue o plantio convencional. “Estou no meio”, brinca, contando que há seis anos começou a substituir o plantio convencional pelo cultivo mínimo, com ótimos resul-

tados.

Na sua opinião, o melhor é ir devagar para não ter que trocar tudo depois, e ressalta que não é contrário ao plantio na palha ou direto, “mas todos devem saber que ele não é a salvação da lavoura, apenas mais uma opção”. Esclarece que a técnica comprovadamente não vai bem na Fazenda Capão Grande, pois o solo se apresenta muito compactado. Assim, ele primeiro optou pelo cultivo mínimo para ver os resultados. “Foram muito bons”, afirma. A partir daí, colocou sua capacidade inventiva em ação, projetando uma máquina que pudesse racionalizar este tipo de plantio. Surgiu a grade de disco com subsolador, que realiza as duas operações simultaneamente, poupando tempo e combustível. Orgulhoso pelo invento, Hendrik de Rooy comandava no campo uma operação conjunta em que duas colhedoras ceifavam o milho enquanto um pesado trator puxava o implemento, instalando de novo, e preparava o solo para o plantio do trigo.

Cruzados x dólar — Como nem o manejo, nem a conservação de solos são problemas para a propriedade, que ostenta títulos nestes dois itens, as dúvidas ficam mesmo por conta dos preços. Para o produtor, a ótima safra do milho deverá lhe garantir uma rentabilidade de 30 por cento, apesar

dos altos gastos com insumos pois utiliza de 350 a 400 quilos de adubos por hectare, além de até 150 quilos de adubação nitrogenada. No entanto, enquanto os insumos correm com um veículo de Fórmula Um, movido a dólar, os preços pagos ao produtor entram na competição com um fusquinha envenenado, movido por um combustível misto de cruzados, OTN mais 1,2 por cento de prêmio.

“Não há quem agüente”, queixa-se. E não há mesmo. Pelos seus cálculos, só no milho, para cobrir os custos, precisa de uma produção de 4.500 quilos/hectare. A sua sorte é que, com médias superiores a sete mil quilos/hectare, vem obtendo lucros que garantem um terço da operação. “Se der qualquer problema climático, vou para o brejo”, admite. Nas demais culturas (soja e trigo), a situação não é diferente. Para empatar com despesas financeiras, adubos, maquinário e depreciação do equipamento, na soja, são necessários dois mil quilos/hectare, enquanto no trigo a relação pode chegar a 2.500 quilos/hectare. Também nestas culturas a produtividade é sua grande arma para garantir o lucro. Na soja, habitualmente, são colhidos três mil quilos/hectare e no trigo, 3.600 quilos/hectare.

Natural da cidade de Ede, na zona central da Holanda, Hendrik de Rooy diz que não consegue entender como o governo atrapalha tanto a produção. A crítica tem alvo certo: o ministro da Agricultura, Íris Rezende, que em tom enfático aconselhou aos produtores a não plantar trigo, afirmando ser mais barato importar o produto. “Onde estamos?”, pergunta, lembrando que um ministro que diz uma coisa dessas não entende mesmo das coisas. “Será que ele não sabe”, prossegue, “que a agricultura é absorvedora de mão-de-obra, responde rápido aos estímulos e ainda gera dólares para o país?”. No entender do produtor, é pena que o próprio governo não apóie a idéia da auto-suficiência, “é realmente uma lástima”.

o rendimento, que chegou a 3.050 quilos/hectare no ano passado, vai cair para 2.700 quilos/hectare, quando toda a lavoura estiver colhida. Apesar da certa desilusão, Bühler, com calma, entende que não pode ganhar sempre e, se isso acontecer, vai equilibrar com o milho, o trigo ou o gado. "O importante é diversificar e manter um plano inicial", sugere, afirmando que desta forma reduz os riscos de uma frustração completa.

O que lhe assusta mesmo são os custos e a indefinição política do governo em relação à agricultura. Na soja, por exemplo, para empatar, é preciso colher dois mil quilos/hectare. Com o trigo, o número é o mesmo, somente aumentando no milho, onde, como resultado de uma vultosa adubação, necessita de cinco mil quilos/hectare para igualar os custos. Os investimentos em insumos lhe garantem boas produtividades. Na soja, situa-se entre 2.800 a três mil quilos/hectare; no trigo, em torno de três mil quilos; e no milho de oito a 9.600 quilos/hectare.

Com um manejo próprio, ele faz cultivos intercalares, obedecendo à declividade do terreno e mantendo a estrutura do solo, sem compactá-lo. Através

Bühler:
plantio
direto
de soja



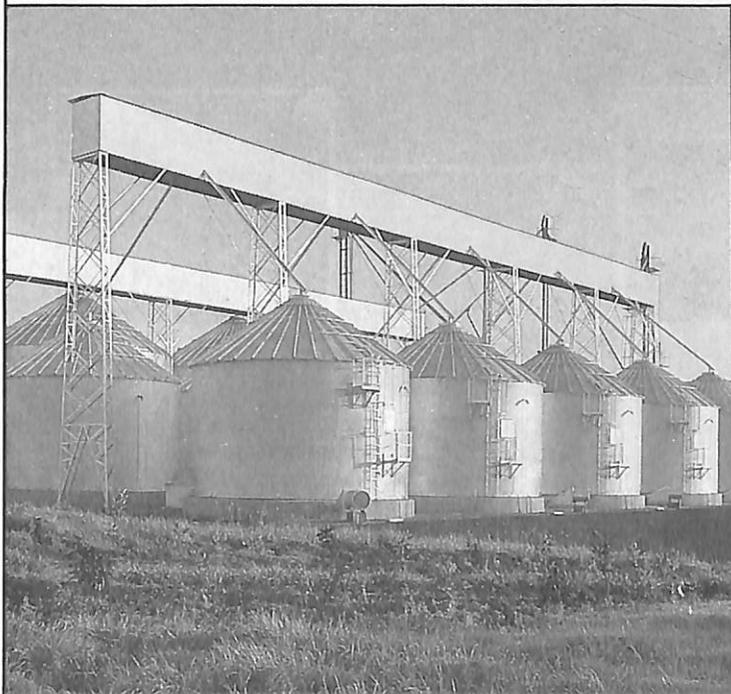
deste manejo, Bühler afirma que as chuvas não se constituem mais problema, escorrendo menos água do que no plantio direto. Aliás, o produtor, embora utilize o plantio direto para a soja sobre a palha de trigo, entende que a constituição do solo em sua propriedade não torna esta técnica uma regra, já que 55 por cento é argila e 45 por cento areia, facilitando uma possível compactação, fato comum com o plantio direto neste tipo de terreno.

Salário mínimo do produtor — O

problema mais grave para este descendente de alemães é mesmo a política agrícola. Para ele, que também é vice-presidente da União Democrática Ruralista (UDR), de Ponta Grossa, já quando se estabelece o Valor Básico de Custeio (VBC) começam os erros. "Ao determinar um único valor para todos os produtores, o governo está nivelando por baixo, pagando às vezes demais para quem faz um mau trabalho e remunerando menos quem investe na lavoura", reclama. Na sua opinião, o ▸

SILOGRANNEL.

GRÃO ARMAZENADO, LUCRO DOBRADO.



Depois da colheita, a armazenagem é a garantia e o caminho mais curto para os lucros do produtor. É por isso que a sua safra tem que ter as vantagens de um Silogrannel.

Silogrannel tem detalhes que nenhum outro sistema oferece. É o único inteiramente galvanizado; dura por muito mais tempo, à prova das intempéries e ameaças de ferrugem.

Silogrannel é um completo sistema de armazenagem com silos armazenadores e secadores, correias transportadoras, máquinas de pré-limpeza e elevadores. Com ele, o produtor evita o desperdício de grãos, economiza no frete e pode negociar tranqüilo, conseguindo melhores preços fora da grande safra. E tudo isso sem depender de terceiros. Silogrannel. Grão armazenado, lucro dobrado.

- Representantes:**
- SP - Tels. (0186) 91-1309 - (0173) 22-3299
 - RS - Tel. (0512) 34-2733
 - MT - Tel. (065) 322-4349
 - GO - Tel. (062) 251-8166
 - MG - Tel. (031) 222-2204
 - RJ - Tel. (021) 280-6075
 - PR - Tel. (0462) 24-4933
 - PE - Tel. (081) 271-1800



SILOGRANNEL
Indústria e Comércio de Silos
e Implementos Agrícolas Ltda.
Garantido pelo Grupo



Sede, Administração Geral, Vendas e Fábrica:
Parque Industrial Mariano Ferraz - Av. Soma, 700 - 13170
Sumaré - SP - Tel.: (0192) 73-1000 (PABX).

“Dinheirologia, novo nome da tecnologia”



Fazenda Nhazinha: 2700kg/ha de soja, apesar da seca e da broca

VBC deveria obedecer faixas específicas. Pela sua proposta, a assistência técnica analisaria cada produtor e remeteria o laudo para o banco. “Acho que temos que voltar à década de 70, quando o sistema era bem melhor do que o atual”, sugere, acrescentando que a tecnologia hoje é a dinheirologia. “Quem investe muito em máquinas, insumos e outras coisas para garantir produtividade, precisa ser melhor remunerado; caso contrário, o risco é muito grande”, enfatiza.

Apesar das incertezas, Roberto Bühner diz que continuará investindo na agricultura, pois espera que as coisas melhorem a médio prazo. Entretanto, admite que o grande negócio é comprar bois magros a partir de março, engordá-los e vender para o frigorífico a partir de outubro. “Não adiante só comercializar no final do ano, temos que ter oferta também em outros períodos”, aconselha. Por esta fórmula, ele coloca de 150 a 200 cabeças de boi magro a partir de março em pasto de azevém, com lotação de quatro cabeças por hectare, e antes do período de safra já começa a contar o lucro. “É o negócio mais seguro”, finaliza, com ar de quem realmente sabe o que faz. □

Para produzir mais, comece acreditando.



Você pode não acreditar, mas existe uma forma de fazer com que agricultura dê lucro. Sim, e trata-se de um sistema muito simples: Irrigação.

Não importam tipos de solo ou cultura, nem a área plantada, há sempre o sistema certo para suas necessidades. Isso porque, nossos técnicos estão sempre a postos para realizar estudos e pesquisas para desenvolvimento de projetos de sistemas, que lhe proporcionarão substancial aumento de produtividade.

E, acima de tudo, pode contar com assistência técnica e total assessoria na manutenção dos equipamentos.

Pois bem, acredite na agricultura. Invista em Sistemas de Irrigação ASBRASIL, uma empresa séria, tradicional e altamente especializada.

Viu só como para produzir mais basta acreditar?



ASBRASIL S.A.

ACREDITANDO NA AGRICULTURA BRASILEIRA.

Av. Senador Vergueiro, 3327 - Tel.: (011) 455-3266 - Telex (011) 44831 ASBR - CEP 09740 - São Bernardo do Campo - SP

ASBRASIL NORDESTE - Tel.: (081) 521-0422 - Cabo - PE
ASBRASIL CERRADO - Tel.: (034) 232-0117 - Uberlândia - MG
ASBRASIL MINAS - Tel.: (031) 462-1522 - Belo Horizonte - MG



Bóias-frias na colheita: cada um colhe em média seis arrobas por dia e ganha Cz\$ 900,00

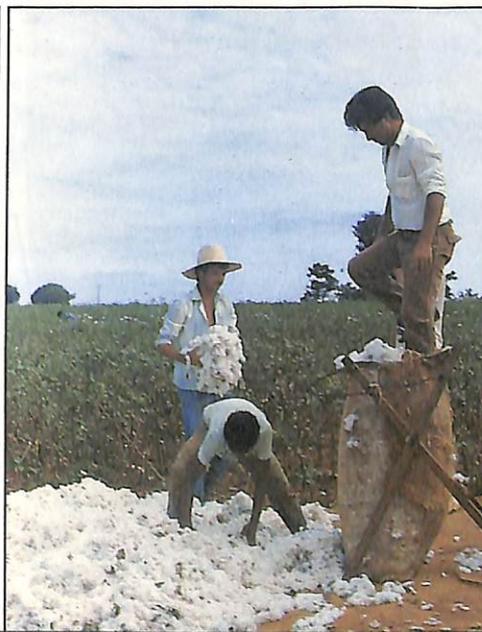
Algodão

Só ganha quem tem produtividade

O algodão pegou preço, mas somente quem colher acima de 300 arrobas por alqueire terá lucro. E sobem sempre os custos de produção, liderados pelos juros e mão-de-obra

A gangorra do algodão voltou a pender em favor dos cotonicultores paranaenses. Para o estado, não poderia ser melhor. Com 42,5 por cento da produção brasileira de algodão em caroço, o Paraná segue mantendo a liderança neste setor, seguido de longe pelo segundo colocado, o estado de São Paulo, que produz 35 por cento de todo o algodão nacional.

Nesta safra, os paranaenses plantaram 450 mil hectares de algodão (16 por cento a mais que no ano passado), e esperam produzir algo em torno de 700 mil toneladas. Até meados de março, a produtividade média obtida era de 250 arrobas por alqueire, ou cerca de 1.560 quilos por hectare.



O incremento na área de cultivo deveu-se, em maior parte, ao retorno de produtores que, na safra passada, optaram pelo milho e tiveram insucesso maior, além do fato dos preços pagos pelo algodão terem atraído os agricultores indecisos. Desde a metade do ano passado para cá, os preços mostraram-se atraentes. No final de 87, alguns beneficiadores (algodoeiras e cooperativas) fechavam contratos balizados em Cz\$ 600,00/arroba para abril. Os preços, porém, evoluíram e, no final de março, já rondavam Cz\$ 790,00/arroba. ▷

Enfardamento: daí ao comprador

Seca fez produção cair 20% no Estado



Mesmo assim, o Paraná deveria produzir ainda mais algodão. Uma estiagem entre dezembro e janeiro pegou as lavouras exatamente nas fases de floração e frutificação, e jogou por terra as estimativas iniciais que previam um acréscimo na produção de 18 por cento em relação ao ano passado. Esta quebra chegou a 20 por cento, com quadros diferenciados nas diversas regiões produtoras do estado.

Preços satisfatórios — À frente do Deral (Departamento de Economia Rural) de Umuarama — região que detém 12 por cento da área e produção algodoeira paranaense —, o economista Ático Luiz Ferreira adverte os produtores que os preços estão apenas razoáveis e que não há motivo para tanta euforia. “Aqueles que não apresentaram uma boa produtividade pensam que estão ganhando, mas, na verdade, não estão. A OTN está comendo os agricultores pelas pernas. Não adianta dizer que o lucro foi de tanto e desconsiderar os custos financeiros, os custos da produção e a depreciação do maquinário”, afirma ele.

Conforme Ferreira, há motivos de sobra para estas preocupações. “Os preços deste ano são satisfatórios, mas se o preço mínimo estivesse sendo praticado (Cz\$ 532,00 em março), muita gente estaria quebrada.” Por isso, con-

tinua ele, “tem agricultor colhendo somente 70 arrobas por alqueire sem precisar recorrer ao Proagro. Afinal, o laudo do Proagro é definido pelo preço mínimo”.

Quanto aos custos da produção, Ferreira lembra que 50 por cento dos cotonicultores de Umuarama são arrendatários. “Em terras boas, o dono da terra cobra até 70 arrobas por alqueire e, nas terras mais novas ou de menor qualidade, o arrendamento varia entre 20 e 30 por cento do total de algodão apanhado”. Além disso, existem os persistentes problemas com a mão-de-obra. “Um bóia-fria”, explica o economista, “recebe, hoje, Cz\$ 150,00 por arroba colhida. Como ele colhe, em média, seis arrobas por dia, isto dá Cz\$ 900,00. E não se pode esquecer que o algodão exige três apanhas (às vezes até quatro).” Como se não bastasse, há gastos com o caminhão para transportar os bóias-frias até a lavoura (cerca de Cz\$ 4.000,00 ao dia), com o “gato” (o aliciador de bóias-frias, que recebe Cz\$ 10,00 por arroba colhida) e até com o “bombeiro” (o encarregado de distribuir água entre os colhedores).

Tudo isto sem falar nas capinas de▷



Algodão estocado ao ar livre em Tuneiras do Oeste (observe as armadilhas de feromônio contra o bicudo); Ático Luiz Ferreira (E) e Osmar Dias



Quem não destruir a soqueira será preso
O produtor de algodão que não destruir as soqueiras imediatamente após a colheita (ou no máximo até o dia 30 de maio) perderá o direito de obtenção de crédito rural, Proagro e sementes. A advertência é do secretário da Agricultura e do Abastecimento paranaense, Osmar Dias, e está embasada na lei federal n.º 24.114, do Ministério da Agricultura. Além disso, os infratores ainda estão sujeitos a enquadramento no artigo 259 do Código Penal Brasileiro, que prevê pena de prisão de dois a cinco anos para quem concorrer na disseminação de pragas destas medidas de interesse econômico. O alvo do-algodoeiro.

Se você quer mais do que o feijão-com-arroz, venha pro Paraná.

O Paraná vai além do feijão, arroz e milho. Tem soja, trigo, armazéns, algodão, bois, frigoríficos, vacas, rami, aveia, silos, frangos, indústrias, cana-de-açúcar, rodovias, pastagens, ferrovias, centeio, batata, tratores, eletrificação rural, tomate, mandioca, custeio agrícola, técnicos, café, porcos, cavalos, manejo e conservação do solo, escolas, hospitais, telefonia rural, mão-de-obra, porto para exportação, frutas e verduras, cooperativas, bom clima, consumidores. E o Paraná tem outra coisa muito importante: sua terra está em boas mãos. Gente amiga, que trabalha, produz, aceita novas sugestões, novas informações, contribuições e saudável convivência. Se você tem boa mão, venha cultivar o Paraná.

Secretaria
de Estado da
Agricultura e do
Abastecimento



Paraná. Terra em boas mãos.

Produtor não tem razão em reclamar da IAC 20

limpeza da lavoura, nas aplicações de defensivos contra pragas e doenças, nos adubos e nas sementes. Dessa forma, no entender de Ferreira, “é enganoso achar que o produtor está ganhando dinheiro. Faz três anos que ele vem se descapitalizando, especialmente no ano passado. E só ganhará quem tiver

uma produtividade acima de 300 arrobas por alqueire, ou 1.875 quilos por hectare”.

Bolas com dez gramas — Mas os produtores estão também enganados quando atribuem parte da queda de produção à variedade IAC 20. Desenvolvida a partir da variedade IAC 17, a

mais tradicional no estado, a IAC 20 foi muito plantada nesta safra. De acordo com Ferreira, a nova semente será, ao contrário do que se pensa, responsável por menores índices de perda, uma vez que suas bolas pesam, em média, seis gramas, contra a média de quatro gramas da IAC 17. “Aqui na nossa região”, sustenta o técnico, “há casos de bolas com até 10 gramas”.

A sorte dos produtores ainda está vinculada ao flagelo do algodão: o bicudo. “Se desse bicudo na lavoura”, diz Ferreira, “o cotonicultor gastaria cerca de Cz\$ 60 mil por hectare para▷

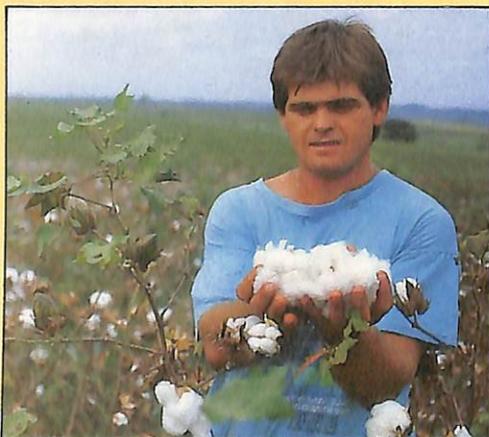
Profissional está ganhando dinheiro



Lázaro (esquerda, de azul):
42 arrobas/ha de lucro;
João Acácio (no meio):
nunca perdeu com algodão;
e Casagrande:
“tá bom”.

Satisfeitos com produção e preços, os cotonicultores paranaenses rebatem qualquer questionamento através de expressões como estas: “tá bom, mesmo com a seca” (Edimilson Casagrande, 27 anos, de Cruzeiro do Oeste); “deu o melhor algodão dos últimos 20 anos” (Lázaro de França, 47, de Toledo); e “é a única lavoura que dá um pouquinho de lucro” (João Acácio Leite Moraes, 65, de Tuneiras do Oeste).

Realizando a terceira apanha em seus 60 hectares (onde 17 são arrendados), Casagrande espera terminar a safra com um rendimento médio de 1.875 quilos de algodão por hectare. “Isto me garantirá um lucro extra”, afirma o produtor, “pois até o final da segunda apanha esperávamos chegar a 1.560 quilos”. Contente com o fato de não ter prejuízos, Casagrande só encontra motivos para reclamar dos custos da mão-de-obra. “Este ano”, narra ele, “estava tudo correndo muito bem, até o preço. Quando chegou a hora de contratar a mão-de-obra, tivemos que enfrentar muita concorrência dos ‘gatos’ de outros lugares”. Isto encareceu demais o trabalho manual e obrigou o cotonicultor a pagar Cz\$ 180,00 por arroba colhida. “Hoje, temos 50 bóias-frias aqui dentro. Alguns”, continua Casagrande, “conseguem apanhar até 10 arrobas por



dia, e isto dá bem uma idéia do que se tem que gastar com mão-de-obra”.

Na outra ponta do estado, em Toledo, nem mesmo a incidência de ácaro durante o verão afastou o otimismo de Lázaro de França. Com 11 hectares arrendados, o cotonicultor — que só planta algodão e vive todo o ano somente do rendimento desta lavoura — colheu 2.187 quilos por hectare. “No ano passado”, recorda ele, “plantei 20 hectares, mas tive um baita prejuízo. Desta vez, o algodão é de melhor qualidade e recebi Cz\$ 787,00 por arroba”.

Quanto aos custos de produção, França pagou Cz\$ 115,00 por arroba colhida — um valor até baixo se comparado com outras regiões do estado. Mas se a mão-de-obra para colheita não foi cara, o arrendamento foi. “Tenho que pagar 33 por cento do que colho para o dono da terra. Mesmo assim, tirando todos os custos, terei um lucro líquido de 42 arrobas por hectare.”

Já para o agricultor João Acácio Leite Moraes, de Tuneiras do Oeste, “uma lavoura é como uma criança: se não cuidar, ela passa mal”. Natural de Avaré/SP e há 35 anos em Tuneiras — cujo município ajudou a fundar —, Moraes tem-se dedicado tanto à lavoura algodoeira que, “em toda a vida, nunca perdi dinheiro com algodão”. De fato, a julgar por esta safra, onde espera colher uma média de 2.500 quilos por hectare, sua lucratividade será a maior dos últimos anos. Classificado como tipo 5 (de ótima qualidade), e vendido a Cz\$ 780,00 a arroba, o algodão produzido por Moraes deve render Cz\$ 130 mil por hectare. “É a lavoura ideal para se ganhar dinheiro, enquanto as outras culturas são indicadas para fazer despesas”, afirma ele, que plantou, nesta safra, 58 hectares de algodoeiros, tudo em terra própria. Este fato afasta as preocupações com arrendamento, mas não esconde os problemas provocados pelos outros custos da produção. “Nunca vi o preço das coisas subindo tanto. É inseticida, mão-de-obra e ferramenta agrícola subindo de preço todo o dia”, reclama ele. “Por isso, acho mesmo que o preço do algodão não está bom, e sim, médio. A arroba deveria estar valendo hoje Cz\$ 1.000,00, pois é algodão de boa qualidade e custou muito para ser produzido”.

Produtividade a perder de vista.

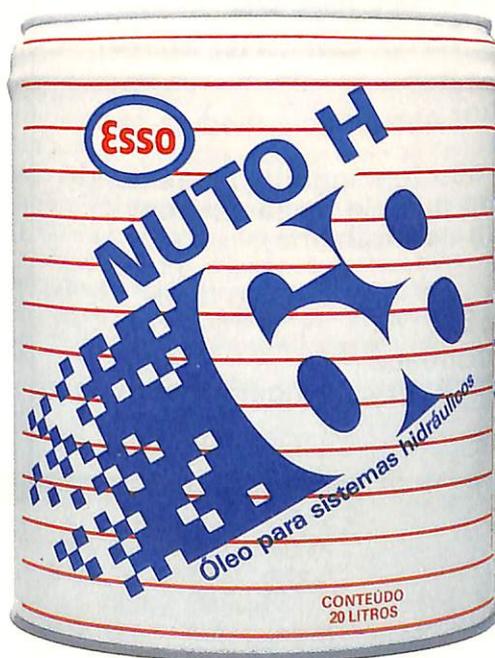


O NUTO H 68 está de embalagem nova. Mas mantém todas as características que fazem dele o óleo indispensável para sistemas hidráulicos.

Ele tem aplicação na grande maioria dos geradores, compressores, bombas e turbinas existentes. E pode proporcionar uma vida muito mais longa aos seus tratores,

máquinas e implementos agrícolas, porque é um óleo que apresenta aditivos especiais que impedem o desgaste, a oxidação, a corrosão e a formação de espuma.

O NUTO H 68 está esperando você, na nova e prática embalagem, no posto Esso mais próximo. Com ele, a produtividade dos seus tratores e máquinas vai muito mais longe.



NUTO H 68 EM NOVA EMBALAGEM.
PARA MÁQUINAS E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS QUE VÃO MAIS LONGE.



Agora, só qualidade da semente é com a Cafe



Bola com até 10 gramas: resultado da IAC 20

controlá-lo; ou seja, com estes custos, se aparecer bicudo na região, ninguém plantará mais algodão”. A saída, por enquanto, continua sendo a rápida destruição das soqueiras — uma prática simples e eficaz de prevenção contra a temida praga.

Por fim, outro grave problema da cotonicultura paranaense parece ter sido solucionado. Neste ano, quando comecem a se preparar para o cultivo, os agricultores encontrarão sementes com facilidade e, possivelmente, por preços acessíveis. É que com a privatização de dois terços da Companhia Agropecuária de Fomento Econômico (Cafe do Paraná), decidida há pouco tempo pelo governo estadual, as cooperativas poderão produzir e comercializar as sementes de algodão, mas sob controle qualitativo do estado. Até agora, a produção e a comercialização eram tarefas exclusivas da Cafe do Paraná. Para o secretário da Agricultura e do Abastecimento, Osmar Dias, “o fim do monopólio na produção e venda de sementes de algodão era um velho pedido das cooperativas, que não havia sido atendido até agora pelas inúmeras exigências de controle de qualidade e sanidade do produto”. □

EMERGÊNCIA

SUA EMPRESA PRECISA DE ASSISTÊNCIA? NÃO ESPERE MAIS.

- Temos a melhor assistência médica para sua empresa.
- Cuidamos de seu funcionário, preservando sua saúde, para que ele tenha um bom rendimento em seu trabalho.

NÃO PENSE MAIS

Faça um contato conosco.

A saúde de seu funcionário é a garantia do seu lucro.



SERVIMED

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA LTDA

Av. Independência, 944
Fones: 24.3333 - 27.2666
Av. São Pedro, 1201
Fone: 42.4242
Porto Alegre - RS

Vale a pena plantar feijão?

Valerá a pena plantar feijão no outono/inverno paranaense? Para grande parte dos pequenos agricultores que povoam o Vale do Paranapanema, na divisa com o estado de São Paulo, a resposta é sim. Mas a palavra final depende mesmo dos preços praticados no inverno, “que podem ser remuneradores até com uma baixa produtividade”, explica o técnico Anésio Bianchini, do Instituto Agronômico do Paraná (Iapar). Entretanto, esta produtividade pode ser aumentada se forem adotadas algumas medidas básicas, como adubação correta, semente de boa qualidade, variedade recomendada e época certa de plantio.

Exatamente para definir estes parâmetros, o Iapar está instalando lavouras de ensaio na região de Centenário do Sul, e estudará o comportamento de cultivares de feijão que melhor se adaptem às características regionais e que apresentem melhor resistência à virose do mosaico-dourado, uma das piores doenças do feijoeiro.

Assim, agricultores de Centenário do Sul, Santo Inácio, Lupianópolis, Colorado, Santa Fé, Itaguagé e Uniflor poderão acompanhar localmente os resultados das pesquisas e implantar lavouras com maior margem de segurança, além da possibilidade de maiores lucros.

Por que depender só dele? Diversifique

Diversificar é a saída do produtor de café, como fez Silvestre Marana, em Warta. O risco da cultura aumentou com a perda de qualidade da terra, pragas e desmatamento

A acumular experiências e delas tirar o melhor proveito é um costume seguido à risca entre cafeicultores. Por isso, quando os cafeicultores paranaenses assistiram àquela gigantesca safra do ano passado, se prepararam para tempos piores, confirmando a máxima "safra grande, preço baixo". Foi assim com grande parte dos produtores de Warta, um pequeno distrito londrinense, a 12 quilômetros da sede, que teve toda a sua história ligada ao ciclo cafeeiro paranaense, a exemplo de inúmeras localidades da região conhecida como "Norte Velho".

Foi assim também que os cafeicultores paranaenses aprenderam a não se conformar com devastadoras geadas e começaram a buscar, em culturas alternativas, o rendimento e o meio de vida que o café sozinho não conseguia oferecer.

E foi exatamente isso que fez o cafeicultor Silvestre Marana, 60 anos, um paulista de Palmital que está há mais de 30 anos na região de Warta, sempre plantando café, "porque gosto e acho uma lavoura bonita", diz ele. Junto com o filho David, 34 anos, e a família, Silvestre recorda do tempo em que

toda a região se cobria com cafezais, há uns 20 anos. "Era tudo café", complementa David, "tanto aqui, nos 50 hectares do Sítio Santa Terezinha, como também nos 120 hectares da Fazenda Santo Antônio, em Cambé". Em 1975, porém, veio a grande geada, e com ela o primeiro grande ensinamento: é importante diversificar a produção. "A geada queimou tudo", lembra David, "não sobrou nada". Como se não bastasse, as pragas, principalmente o bicho-mineiro, a cigarras, e doenças como a ferrugem, parece que intensificaram seu ataque, aproveitando-se do

Produção 74% menor que 87

Depois da supersafra de café de 1987, quando produziu 510 mil toneladas beneficiadas, o Paraná deve amargar, neste ano, um dos mais complicados momentos de seu ciclo cafeeiro. Desta vez, não serão os efeitos desastrosos de uma intensa geada, como a ocorrida em 1975, quando quase 60 por cento dos cafezais ficaram comprometidos, mas sim a própria oscilação produtiva das plantas, que em um ano oferecem uma carga maior e no ano seguinte praticamente não produzem. Além disso, há um generalizado desestímulo entre os cafeicultores que, indignados com preços baixos desde 1986 e penalizados por um sistema de pagamento da produção vagaroso, simplesmente estão reduzindo a lavoura cafeeira.

Esta diminuição de área e produção custará ao estado o terceiro lugar no ranking nacional (o Espírito Santo aparece, atrás dos campeões Minas Gerais e São Paulo, como candidato preferencial para a vaga). "Mesmo assim", explica o economista Pedro Simões, do Departamento de Economia Rural (Deral), da Secretaria da Agricultura estadual, "vamos produzir entre dois e 2,5 milhões de sacas". Isto significa algo em torno de 132 mil toneladas beneficiadas, ou seja, 74 por cento a menos que o recorde do

ano passado.

Tal situação, aliás, já era prevista. Em outubro de 87, o próprio Simões confessava à revista *A Granja* que "o futuro é preocupante, pois os preços são baixos e os estoques elevados". O futuro andou muito rápido: os preços continuaram comprimidos (de Cz\$ 8 mil a Cz\$ 8,5 mil a saca de café tipo médio) e defasados em cerca de 30 por cento com relação à galopante inflação atual.

E pior: segundo denúncia do cafeicultor Wilson Baggio, representante da lavoura no Conselho Nacional de Política Cafeeira (CNP) e presidente da Comissão Técnica de Café na Federação da Agricultura do Estado do Paraná (Faep), 25 empresas exportadoras passaram os últimos seis meses superestimando os estoques brasileiros do produto, "com o objetivo de conseguirem um número maior de cotas de exportação". A prática, considerada como "fraudulenta" pelo dirigente, empurrou o preço inter-

nacional do café para baixo. "Foram comerciantes velhacos e desonestos", disparou ele.

No mercado externo, o preço da saca anda em torno de US\$ 160,00 (aproximadamente Cz\$ 19.200,00, em meados de abril). Seria um preço razoável se o governo, com sua fome fiscal, não abatesse cerca de Cz\$ 9.181,00 daquele valor (correspondendo a impostos, como ICM e Funnrural, mais um confisco de aproximadamente US\$ 50,00, ou Cz\$ 6 mil).

Mesmo o preço de garantia governamental, corrigido mensalmente de acordo com a variação da OTN mais três por cento de bonificação, é desalentador. Em abril, ele valia Cz\$ 9.023,92. Descontados todos os impostos, os 60 quilos de café se transformam em diminutos Cz\$ 7.219,00. "O governo é ganancioso, algumas empresas praticam a ladroagem e o produtor está cada vez pior", sintetizou um assessor da Faep.

Simões: futuro chegou



Terra foi cansando e a produção caindo

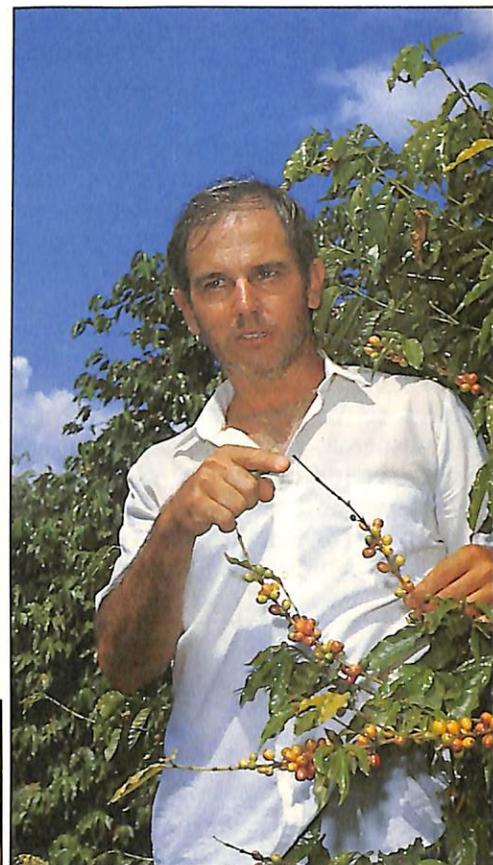
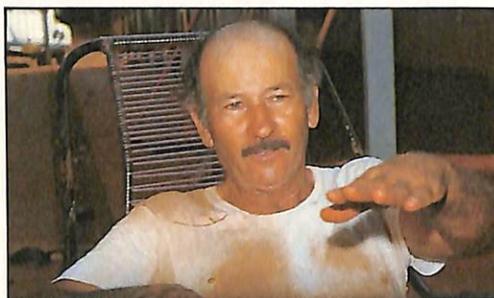


Café em Maringá: mecanização da lavoura continua difícil e de alto custo

estado de debilitação das plantas. A partir desse momento, o café entrou em declínio, e a família Marana foi levada de roldão.

“Arranco com as mãos” — Hoje, a Santa Terezinha conta com apenas 20 hectares de café, ao passo que na Santo Antônio restaram 25 hectares de cafezais. As variedades continuam sendo mundo-novo, catuaí vermelho e amarelo, “mas a terra foi cansando”, admite Silvestre, “e a produção foi caindo para cerca de 1250 quilos por hectare”. Bem menos que os costumeiros três mil quilos por hectare obtidos na época de maior rendimento. “Há alguns anos”, continua ele, “se plantava qualquer coisa e se colhia muito bem; agora, temos que usar cada vez mais adubo e a produção do cafezal rende sempre menos”.

Além disso, o clima local passou a afetar o cafeeiro de forma instável, imprevisível e contrastante, alternando secas intermináveis com geadas fulminantes. “A causa disso é o desmatamento”, argumentou Silvestre, esperançoso de que as geadas de julho/agosto não dizimem sua planta-



Os Marana, pai e filho: praga da cafeicultura é o sistema financeiro

Bóias-frias: nem dando casa se consegue gente para o cafezal



O trator mais avançado do país não tem nada de novo.

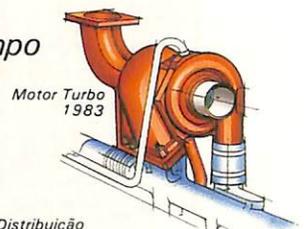
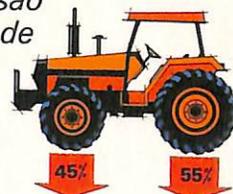
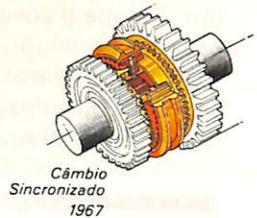
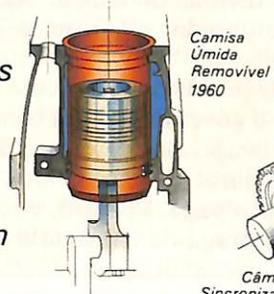


Fábrica em Mogi das Cruzes - Estado de São Paulo - SP.

Nem precisa. De fato, tudo o que existe de novo no mercado brasileiro de tratores já é antigo para a Valmet.

As inovações e aperfeiçoamentos, apresentados hoje como incríveis novidades, não só foram lançados com exclusividade pela Valmet como já fazem parte do dia-a-dia dos seus tratores há anos ou mesmo décadas. Veja as datas. E a todos estes avanços e pioneirismo, frutos de altos investimentos em pesquisa, a Valmet soma ainda inovações absolutamente revolucionárias e sem concorrência, como distribuição adequada de peso e estrutura de proteção, que fazem dos tratores Valmet produtos de última geração. No Brasil ou em qualquer outro país do mundo.

Compare com qualquer trator disponível no mercado. Você vai sentir a diferença. O Valmet transforma o trabalho no campo em uma atividade segura, prática e econômica. Outras vantagens também não são novidades, tais como facilidade de manutenção e concessionários treinados e equipados para prestar assistência em todos os pontos do país. Mas esses e outros benefícios você vai perceber melhor quando conhecer pessoalmente um Valmet, o trator gerações à frente dos outros. Esse é o Valmet. Ele tem tudo novo, só que não é de agora.



Distribuição Adequada de Peso 1986



Valmet

O trator da nossa terra

Três anos até colher é esperar demais

que esperar três anos para começar a colher. Nos grãos”, justifica David, “em sete meses já se tem retorno”. O raciocínio do pai é semelhante: “lidando com três coisas dá para viver; viver só do café não dá mais”.

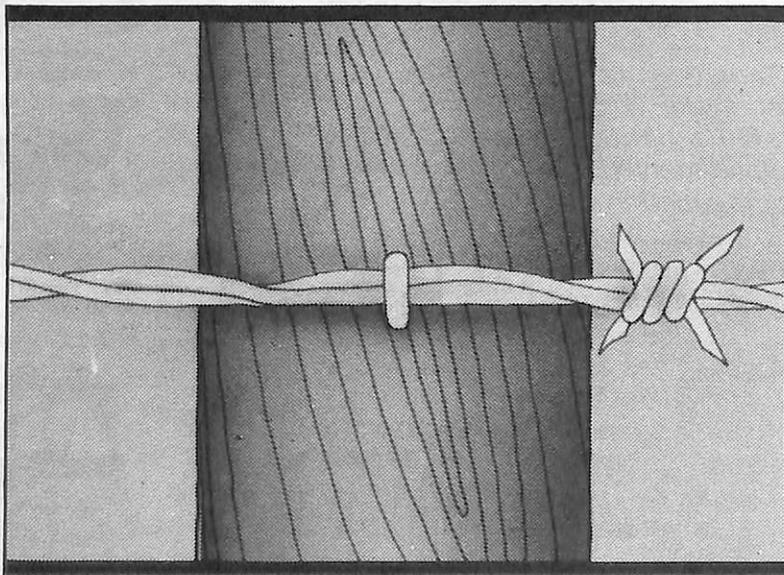
Do Escort à Justiça — Mas nem só as geadas preocupam os Marana. Conforme David, os preços pagos pelo café têm sido desestimulantes desde 1975 e não conseguem acompanhar os custos da produção. “Os juros mais do que dobraram de outubro para cá”, afirma Silvestre, “e tivemos que vender um Escort de dois anos e um caminhão para pagar as dívidas de banco. Agora, estamos equilibrados e torcemos para que o café dê bem”.

“O grande problema”, sustenta o filho, “é que o governo compra o café e paga muito tempo depois. E essa defasagem, com juros, inflação, etc., é o produtor quem paga. Por isso, eu acho que a maior praga da cafeicultura é o

*Pés
arrancados:
renovação
da lavoura
dá trabalho
e custa
dinheiro*



Grampo polido enferruja sua cerca de farpado. Use grampo galvanizado.



 **Belgo
Mineira**

Companhia Siderúrgica
Belgo-Mineira

sistema financeiro nacional”.

E falando de política, Silvestre entende que o IBC (Instituto Brasileiro do Café) não deve ser extinto, mas sim organizado. “Ele é bom, porque funciona como uma balança, e se com ele é ruim, ficaria muito pior sem ele.” Suas preocupações vão mais longe: “precisamos ter um plano político e econômico de, no mínimo, quatro anos, para saber o que vai acontecer.”

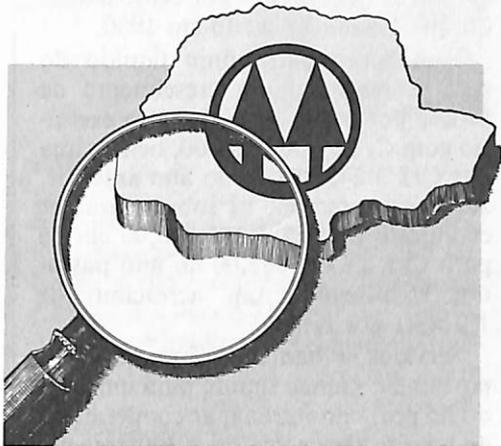
As complicações dos cafeicultores, porém, não param por aí. Envolto por uma conjuntura que expulsa o homem do campo, embora sem mecanizar as lavouras, os produtores de café têm sérias dificuldades para contratar mão-de-obra rural. “Nem dando casa se consegue gente para trabalhar no cafezal”, afirma Silvestre. “E quando consegue, ainda sai penalizado por questões trabalhistas”, concluiu. Para David, “não é que a gente chore. Achamos que o bóia-fria deve receber bem, mas o produtor também deve ser ouvido nesses assuntos trabalhistas”. E finaliza: “são tantos os problemas que não compensa produzir alimentos no Brasil; a melhor coisa agora é a poupança. Só produzimos, porque estamos engrenados e a realidade é essa aí para todo o mundo”. □

Cofrinho do produtor está pegando embalo

Depois de 30 anos de luta, as cooperativas de crédito começam a funcionar com força no Paraná.
Um número: sobras líquidas subiram 1.914% de 1986 para 1987

“Cofrinho do produtor” é o apelido, no Paraná, da Caderneta Verde, lançada em todo o país pelo governo federal, através do Banco Nacional de Crédito Cooperativo, com o objetivo de dar ânimo novo à atividade agrícola, espremida entre as dívidas dos produtores e a falta de recursos para investimento e custeio das lavouras. No rastro deste afrouxamento do Banco Central para o setor primário, as grandes beneficiadas são as cooperativas de crédito rural que, a partir de agora, têm uma fonte inesgotável de captação: o produtor.

Mas, se o quadro geral promete melhorar a médio e longo prazos, nem sempre a perspectiva foi esta. O cooperativismo de crédito no Brasil surgiu em 1902, com a criação de caixas rurais, idealizadas a partir do modelo do alemão Frederico Guilherme Raiffeisen. Se na Alemanha o sistema prospe-



rou a ponto de ter hoje mais de cinco mil caixas locais, no Brasil ele apenas sobreviveu. Implantadas por alguns golpistas, que captavam o dinheiro dos produtores para sumir em seguida, as caixas tiveram sua credibilidade abalada e terminaram submetidas a uma camisa-de-força devido à desconfiança do governo e à reforma bancária pós-64.

Herdeiras destes problemas, as cooperativas de crédito nunca foram bem vistas pelo sistema financeiro, seja pelos problemas do passado como, especialmente, pela concorrência. Assim, a criação da Caderneta Verde e a retirada gradativa da camisa-de-força vêm sendo comemoradas com entusiasmo pelos cooperativistas de todo o país, como fruto de quase 30 anos de insistências junto às autoridades da área para que as cooperativas, ou “crédís”, como são conhecidas, atuassem verdadeiramente como bancos do produtor, captando, aplicando e fazendo retornar os recursos disponíveis para o setor agrícola.

Início tardio — A primeira cooperativa do gênero no Paraná surgiu bem mais tarde do que no resto do país. Foi em 1981, com a fundação da Cooperativa de Crédito Rural Vale do Tibagi Ltda. (Credival), de Londrina. Hoje,▷

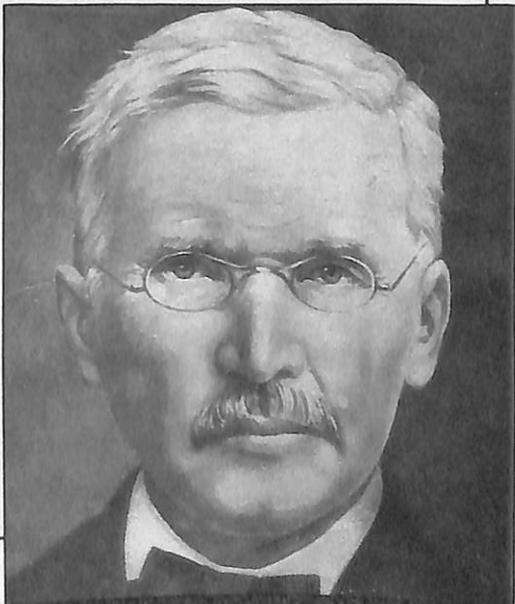
Pai da criança

Em 84 anos de sua vida, o alemão Frederico Guilherme Raiffeisen (1804-1888) jamais imaginou que ao dizer “um por todos, todos por um” seria o inspirador de 650 mil cooperativas, com 350 milhões de filiados em todo o mundo. Considerado o pai do cooperativismo de crédito, Raiffeisen teve, no entanto, visão suficiente para ligar a decadente agricultura alemã de então com a moderna sociedade industrial, através de estruturas comerciais e de crédito.

Raiffeisen começou sua carreira como recruta voluntário em Colônia, em 1835. Dez anos depois, já na administração civil por causa de uma grave doença nos olhos, ele foi nomeado burgomestre de Weyerbusch,

uma região que reunia 27 pequenas e pobres comunidades rurais. Construiu escolas, estradas e fundou o “Clube do Pão”, através de empréstimos para comprar farinha de trigo dos silos governamentais. Surgiu uma padaria, com a comunidade fazendo seu próprio pão e vendendo-o a preço baixo. Vendia-se também fiado, mas sem o pagamento de juros. O exemplo fez escola. Transferido para Flammersfeld em 1848, o pioneiro fundou uma associação de ajuda aos agricultores pobres. Começou com o resgate do gado penhorado e criou caixas para a concessão direta de empréstimos. Após nova mudança de cargo, fundou a primeira cooperativa propriamente dita, sob o lema “um por todos, todos por um”. Ao se aposentar, em 1865, escreveu o livro “As Associações de Caixas de Crédito”, que se espalhou por toda a Europa. Mais tarde, em 1876, fundou ainda a “Caixa

Central de Crédito da Agricultura”, posteriormente transformada no Banco Alemão Raiffeisen, ponto de partida para um rápido desenvolvimento das cooperativas de crédito.



Raiffeisen:
produção e crédito

Tem crédito rural, depósito e “papagaio”

18 singulares integram a Central de Cooperativas de Crédito Rural do Paraná (Cocecrer/PR), cuja autorização para funcionamento ainda tem cheiro de novo. “Desde 1985, lutamos e aguardamos pelo sinal verde do Banco Central para que a Cocecrer exista”, suspira aliviado o agrônomo Pedro Cebrian, assessor da Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Ocepar) e um dos responsáveis pela implantação do sistema de crédito.

Antes da existência formal da Cocecrer, as cooperativas de crédito estavam ligadas ao Sistema Integrado de Crédito Rural Cooperativo do Estado do Paraná (Sicredi), uma espécie de agregador das filiadas pela ausência da central. Atualmente, a Cocecrer já conta com 8.385 associados, via créditos, representando um aumento do quadro social da ordem de 43 por cento em relação a 1986. No final do ano passado,

o sistema fechou com um volume de depósitos da ordem de Cz\$ 72.449.664,00. Os números demonstraram um crescimento de 103,98 por cento, contra uma inflação de 365 por cento no ano passado. Já o saldo das aplicações no crédito rural chegou a Cz\$ 79.262.553,00, ou 274 por cento a mais do que o valor aplicado em 1986.

Também o patrimônio líquido do sistema registrou um crescimento de 873,73 por cento, encerrando o exercício com Cz\$ 51.061.307,00, bem acima dos Cz\$ 5.243.898,00 do ano anterior. Ao mesmo tempo, as sobras líquidas evoluíram de Cz\$ 1.253.306,00 em 86 para Cz\$ 23.993.385,00 no ano passado, significando um acréscimo de 1.914,41 por cento.

Serviços de banco — Com um comportamento ainda tímido para um estado do porte do Paraná, as cooperativas de crédito têm cerca de 8.300 associa-

dos, contra 193.500 das cooperativas de produção. Esta diferença entre uma e outra dá a dimensão do espaço a ser ocupado pelas créditos. Um espaço, aliás, que se criou devido às limitações impostas ao sistema. Hoje, por exemplo, as cooperativas de crédito oferecem três serviços básicos aos produtores: crédito rural, empréstimos variados (“papagaios”) e depósitos à vista (direito a talão de cheques). Embora a legislação até permita que trabalhem com depósito a prazo, as operações se tornaram inviáveis. “É um negócio desvantajoso”, diz Pedro Cebrian, justificando que as cooperativas teriam que captar a juros de mercado e emprestar este dinheiro sem cobrar a correção monetária do período. Assim, para operações de seis meses, poderiam cobrar juros de seis por cento ao ano, e para empréstimos acima de 12 meses, oito por cento ao ano, sem qualquer correção.

Apesar das limitações, com a entrada em funcionamento da Cocecrer em janeiro, o sistema se alimentou. Em cerca de três meses, foram captados Cz\$ 100 milhões em depósitos à vista, com o empréstimo de Cz\$ 70 milhões aos produtores. Para o técnico, o im-

IRRIGAÇÃO



TURBOMAR 125 GS 250



TURBOMAQ 125 GSV 250
ESPECIAL PARA VINHAÇA.
TURBOMAQ 125 GS 270



LINHA DE PRODUÇÃO



FABRICAÇÃO PRÓPRIA DE TUBOS



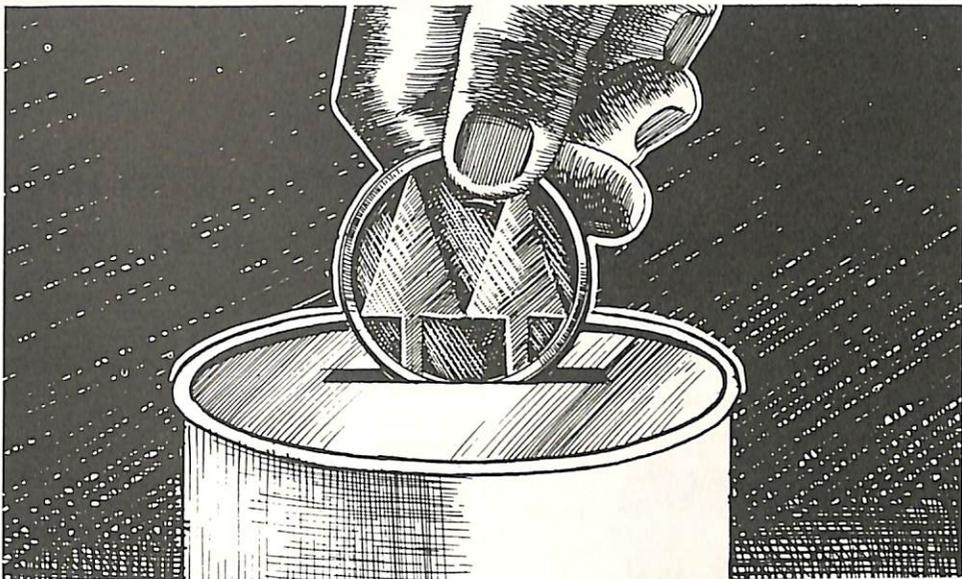
CONJUNTO MOTOBOMBA

- Levantamento topográfico do local.
- Projeto técnico-econômico adequado e detalhado do sistema.
- Fabricação própria.
- Entrega técnica do conjunto.
- Peças de reposição.
- Assistência técnica permanente.

Battistella Ind. e Com. Ltda.
Empresa do Conglomerado Battistella

DIVISÃO
MAQUIGERAL
IRRIGAÇÃO

RUA FREI ORLANDO, 1453
FONE: (041) 262-4323 - TELEX: (041) 6534
82.500 - CURITIBA - PR



portante é que existe hoje uma maior abertura para as cooperativas de crédito que, entretanto, não podem perder de vista que sua missão é oferecer dinheiro barato ao produtor, e garante que é dentro deste espírito que a central vai atuar.

Com a solução de alguns problemas, outros terminaram aflorando. É o caso da permanência de restrições para a constituição de novas cooperativas. Já

existem na central oito pedidos de cooperativas interessadas na regularização, mas os processos prometem ficar muito tempo parados. Conforme Cebrian, existe o compromisso das autoridades do Banco Central de levantarem este impedimento a qualquer momento. Atualmente, somente estão sendo regularizadas as cooperativas que deram entrada com pedidos até novembro de 1985.

Caderneta Verde — E motivos para que os cooperativistas de crédito tenham esperança é que não faltam. Com o lançamento da Caderneta Verde, colocada no mercado para suprir uma das lacunas das cooperativas de crédito na área da captação, a poupança do produtor ainda não chegou a trazer benefícios concretos ao sistema como um todo. Pedro Cebrian explica que os resultados deverão aparecer a médio e longo prazos, entendendo que, por enquanto, a central ficará fora deste tipo de captação, pois ainda está sendo implantada. Para não prejudicar o seu lançamento no Paraná, os depósitos são feitos em qualquer das 18 cooperativas filiadas, mas, em seguida, são repassados ao Banco Nacional de Crédito Cooperativo (BNCC), através de uma das suas quatro sedes em Maringá, Londrina, Cascavel e Curitiba.

Do total dos recursos captados pelas cooperativas e repassados ao BNCC, 70 por cento são devolvidos (50 por cento para aplicação em crédito rural, 10 por cento para crédito rural em irrigação e 10 por cento para aplicação em atividades não-especificadas — “paga-gaios”) e os restantes 30 por cento ficam em poder do banco (20 por cento ▶

BOM INVESTIMENTO, BONS LUCROS!



Para se obter bons lucros, é preciso antes de tudo, se fazer um bom negócio. Os produtos NORTOX, são um excelente investimento para quem quer obter maior produtividade, com economia e segurança. Use NORTOX e colha bons lucros.



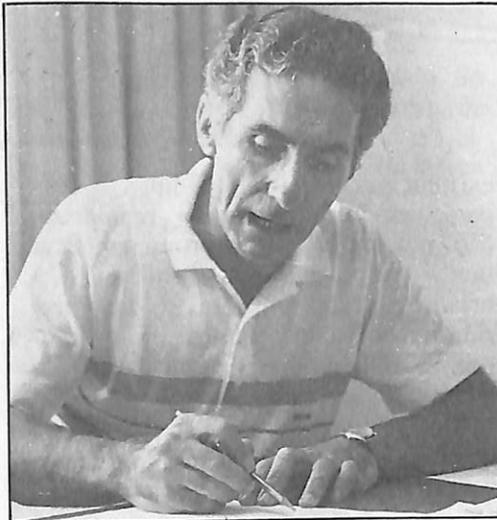
NORTOX
Fone: (0432) 52-0122
86700 - Arapongas-PR

A questão é sobrar dinheiro em caixa

para aplicação em títulos do governo e 10 por cento a critério do banco). Assim, dos Cz\$ 30 milhões captados pelas 18 cooperativas, via poupança rural, retornarão dentro de cinco meses, em parcelas mensais de 20 por cento, na seguinte proporção: Cz\$ 15 milhões para crédito rural, Cz\$ 3 milhões para crédito rural-irrigação e Cz\$ 3 milhões para aplicação em atividades não-especificadas, ficando retidos no BNCC Cz\$ 9 milhões.

Para abrir uma Caderneta Verde, o produtor não precisa ser necessariamente associado a uma cooperativa. O funcionamento é igual às poupanças comuns, com os rendimentos creditados a partir do trigésimo dia de depósito. Ele somente precisa ser filiado para

ter direito a empréstimos variados. Neste caso, para obter financiamento, terá que esperar a carência de 30 dias, apresentar um bom cadastro e, evidentemente, contar com um pouco de sorte para que exista dinheiro em caixa. □



Cebrian:
resultados
a prazo

Até Cz\$ 900 mil por associado

Títulos é o que não faltam: primeira em quadro social, primeira em depósitos à vista, primeira em número de empréstimos, primeira em fundos de reserva, primeira em valor contratado e primeira em receita. Esta é a performance da Cooperativa de Crédito Agropecuário do Oeste Ltda. (Credipagro), fundada em 30 de agosto de 1981 e uma das singulares mais bem-sucedidas no Paraná, com 1.829 associados.

Sem uma fórmula específica que explique o seu êxito, o diretor de crédito rural, o produtor de soja e economista Armando Hamerschmitt, prefere dizer que a Credipagro surgiu em função da falta de recursos na região, quando o governo resolveu decretar o fim dos subsídios ao setor primário. A partir daí, com apoio da Cooperativa Agropecuária Mista do Oeste Ltda. (Coopagro), uma das gigantes em termos de produção, a Credipagro se ergueu, constituindo-se nu-

Ideal. A máquina pra quem não sabe perder.



Ela tem um exclusivo sistema de retilha independente que proporciona grãos mais perfeitos.

A Ideal também sai ganhando no descarregamento.

O tubo é horizontal, com maior altura, que descarrega os grãos em carretas de grande porte em qualquer posição.

Escolha uma Ideal no seu revendedor: 1170DS ou 1175DS. Ou procure saber a opinião de quem já tem uma.

É bom conversar com quem está acostumado a ganhar sempre.



**INDÚSTRIA
DE MÁQUINAS
AGRÍCOLAS
IDEAL S.A.**
Rodovia RS 344 - km 1
Caixa Postal 68 - 98.900
Santa Rosa - RS - Brasil

Quem tem uma Ideal só entra em campo pra ganhar.



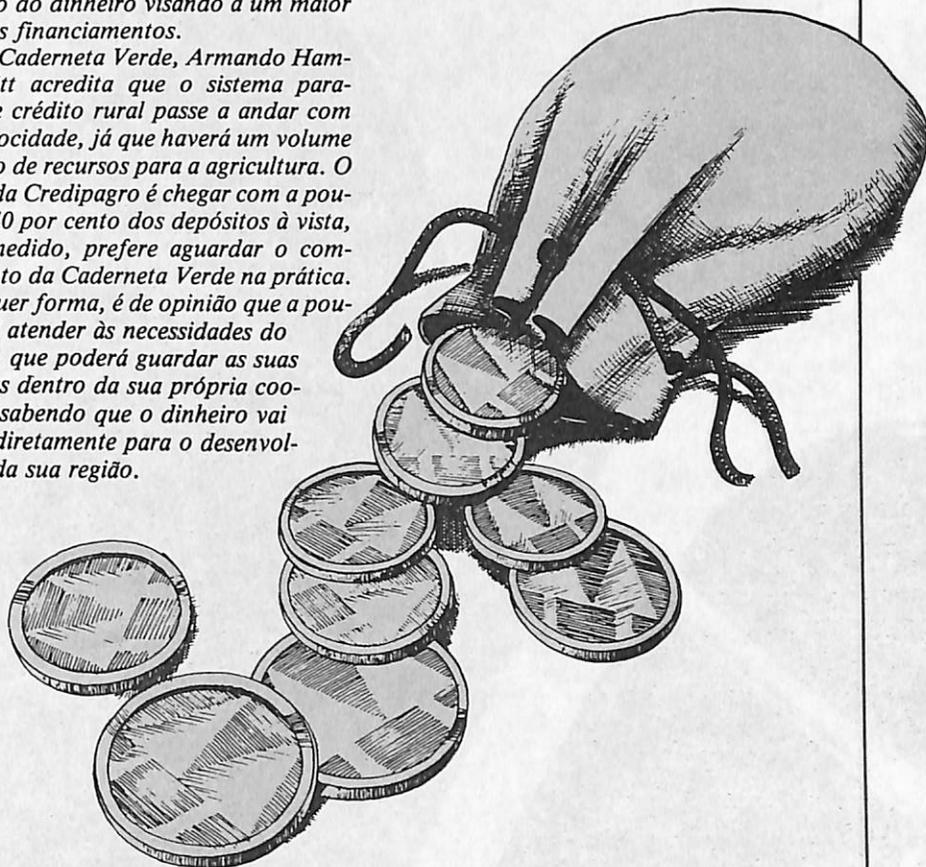
Hammerschmitt: Credipagro funciona
 ma fonte alternativa para o associado se autofinanciar.

O desempenho da cooperativa, segundo ele, é resultado do espírito de financiar e dar acesso ao pequeno produtor, sem exigir um processo burocrático arrastado. "Aqui, o produtor associado encaminha o seu pedido e, sem rodeios, liberamos ou não o dinheiro. Em caso positivo, ele já recebe os recursos no mesmo dia ou, o mais tardar, no outro", gaba-se. Já o limite estipulado da liberação pode chegar até 20 por cento do capital da cooperativa ou, traduzindo, Cz\$ 900 mil por associado.

As taxas cobradas dos associados aparentemente não são salgadas. Os juros de crédito rural são definidos pelo governo e oscilam em OTN mais 7 a 9 por cento. Já no caso dos "papagaios", o juro é de 11 por cento ao mês antecipado ou 80 por cento da OTN pós-tecipada. Entende que, nestes níveis, as taxas são atrativas e representam o

esforço da cooperativa que conseguiu reduzir o custo do dinheiro visando a um maior acesso aos financiamentos.

Com a Caderneta Verde, Armando Hammerschmitt acredita que o sistema paranaense de crédito rural passe a andar com maior velocidade, já que haverá um volume expressivo de recursos para a agricultura. O objetivo da Credipagro é chegar com a poupança a 40 por cento dos depósitos à vista, mas, comedido, prefere aguardar o comportamento da Caderneta Verde na prática. De qualquer forma, é de opinião que a poupança vai atender às necessidades do produtor, que poderá guardar as suas economias dentro da sua própria cooperativa, sabendo que o dinheiro vai retornar diretamente para o desenvolvimento da sua região.



CATERPILLAR

Informa

POTÊNCIA NA BARRA DE TRACÇÃO.

A edição de fevereiro de uma das mais conhecidas revistas dirigidas ao meio rural divulga os resultados de um teste realizado com um trator de rodas, produzido por respeitado fabricante.

Dentre as muitas informações que o texto divulga, a que mostra as diferenças de potência entre a anunciada para o motor (95 cavalos) e a efetivamente disponível na barra de tração (60,3 cavalos), que é a que realmente conta no trabalho no campo para a tração de implementos, chama muito a atenção e vale a pena ser lembrada.

Para efeito comparativo, vamos mencionar a potência no volante de um trator de esteiras D4E SA (97 HP) e a disponível na barra de tração (74 HP).

A alta porcentagem de perda de potência entre o volante do motor e a barra de tração nas máquinas de pneus deve-se principalmente aos efeitos da patinação, que a própria reportagem a que nos referimos acima, não explica devidamente.

Essa perda de potência que nas máquinas de esteiras não ultrapassa os **oito por cento**, pois que a sua área de contato com o solo é muito maior, nos tratores de pneus pode chegar a **trinta e cinco por cento**, porcentagem esta que, logicamente, está relacionada com o tipo e grau de umidade do solo.

Uma das maneiras de reduzir a patinação nos tratores de rodas é colocando contrapesos, lastros ou aumentando o número de pneus, ou seja, ampliando a área de contato com o solo. Evidentemente, tudo isso acaba por aumentar o custo operacional da máquina.

Segundo Wendel Bowers, da Universidade de Oklahoma, nos E.U.A., através da Regra .86 é fácil determinar a **potência disponível na**



CATERPILLAR, CAT e são marcas da Caterpillar Inc.

barra de tração para os tratores de rodas em função do tipo de solo:

95 cv x .86 = 81,7 cv na tomada de força.

81,7 cv x .86 = 70,26 cv na pista de concreto.

70,26 cv x .86 = 60,42 cv de potência na barra de tração sobre superfície firme.

60,42 cv x .86 = 51,96 cv de potência na barra de tração sobre solo arado.

51,96 cv x .86 = **44,69 cv de potência na barra de tração sobre solo solto ou arenoso.**

Do ponto de vista de utilização da potência gerada, o motor está consumindo combustível para produzir os noventa e cinco cavalos, só que a potência efetivamente disponível, em função do tipo de solo, é no máximo de sessenta cavalos e que pode cair para pouco mais de quarenta e quatro em solo solto.



CATERPILLAR

Seu investimento em valor.



Castrol Tropical

A CASTROL NA FRE

DFZ
Castrol Tropical Turbo. O primeiro óleo lubrificante produzido no Brasil especificamente para atender às duras exigências dos motores turbinados. Todo motor turbinado, original ou adaptado, trabalha em condições severas de operação. Por esta razão, o sistema de lubrificação tem que estar sempre em perfeito funcionamento. Usando Castrol Tropical Turbo as peças móveis do motor estarão protegidas contra o desgaste prematuro e contra



al
NTE.

Turbo

a formação de resíduos nos anéis de segmento e nos mancais do turbo compressor. Esta proteção adicional garante uma maior vida útil do motor turbo e maior economia de custos de operação e manutenção. Castrol Tropical Turbo. A força do turbo com a alta tecnologia de quem mais entende de óleo no mundo.

QUEM MAIS ENTENDE
DE ÓLEO NO MUNDO



Um dia o Brasil vai ser como Ivatuba

E neste dia o trigo saltará de 630 para 2.600kg/ha, como saltou em Ivatuba, quando os produtores conscientizaram-se de que conservar o solo dá lucro, e fixa o homem à terra

Durante mais de 30 anos, os habitantes de Ivatuba ("vale do rio com bastante água", em tupi-guarani) trabalharam a terra sem se preocupar com a conservação dos solos. Tanto foi assim que, por volta de 1978, a erosão já tomava conta de todas as propriedades rurais e as safras agrícolas não rendiam quase nada.

Problemas não faltavam: eram vorococas aflorando em toda a parte, água escorrendo das lavouras para as estradas e também fazendo o caminho inverso, meia dúzia de curvas de nível descendo as encostas, solos ficando ácidos e improdutivo, enquanto que o meio ambiente ficava cada vez mais

agrotóxico e sem a proteção de sua cobertura vegetal. No meio deste turbilhão, dezenas de agricultores desorientados, envoltos em brigas incontornáveis — herdadas da estrutura fundiária local e agravadas pela passagem do cultivo do café para o binômio trigo-soja. O que mais impressionava, no entanto, eram os baixos índices de produtividade: o trigo insistia em render apenas 630 quilos por hectare, e a soja havia estacionado na média estadual de 2.000 quilos por hectare.

Assustados com a situação, a maioria dos produtores começou a perceber que aqueles que adotavam práticas mínimas de conservação dos solos não

precisavam socorrer-se do Proagro e, melhor ainda, apresentavam produções crescentes. O problema, evidentemente, não estava na fertilidade da terra, pois todos os 10.280 hectares de Ivatuba são cobertos por terras roxas estruturadas. "A partir desta conclusão", conta Vanderlei Oliveira Santini, técnico agropecuário da Acarpa-Emater local e um dos responsáveis pela cirurgia nas lavouras de Ivatuba, "o pessoal se conscientizou e começou a buscar solução para os problemas". Os 174 produtores ivatubenses se dedicaram, então, a um intenso mutirão preservacionista, acabaram com as queimadas e buscaram apoio na prefeitura

Conheça todas as vantagens

Copiado por vários estados que buscam preservar o solo, o Programa de Manejo Integrado de Solos e Água (Pmisa), da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná, exhibe resultados que superam as expectativas. Implantado em 1985, o Pmisa já atingiu cerca de dois milhões de hectares do total de seis milhões ocupados com lavouras, com a formação de 688 microbacias, distribuídas em 258 municípios e beneficiando diretamente 77 mil produtores.

Os resultados animadores não ficam restritos aos números oficiais, mas se refletem nos índices de produtividade, que pularam de 10 para mais de 50 por cento em algumas regiões, além da despoluição dos rios e de uma visível redução nas perdas com o solo. Anualmente, antes da implantação do programa, o Paraná perdia até 20 toneladas de terra por hectare, devido ao mal manejo. Hoje, segundo Nestor Bragagnolo, coordenador estadual do Pmisa, o conjunto de práticas conservacionistas já diminuiu a perda para três toneladas por hectare por ano, no máximo.

Uma vez no programa, os produtores são

incentivados a diversificar as culturas e a reflorestar certas áreas na propriedade, visando melhorar o meio ambiente. Como as microbacias pressupõem a reunião de vários proprietários, o grupo termina se organizando em comunidades e percebe as vantagens econômicas de fazer as coisas em conjunto. Segundo o técnico, a principal vantagem deste sistema é o enriquecimento das condições de vida do homem do campo, que passa a ter a garantia de que sua propriedade vai produzir, pelo menos, sob o ponto de vista técnico, "pois a tecnologia oferecida lhe proporciona manter o solo com total potencial produtivo".



Balanço — *Durante os quase três anos do seu início, o projeto já implantou práticas conservacionistas em 1,1 milhão de hectares, correção de solo com calcário em outros 72 mil, reflorestamento em 14 mil e adubação verde de inverno e verão em 10 mil hectares. Possibilitou ainda a adequação de 10 mil quilômetros de estradas e a aquisição e instalação de mais de 500 empreendimentos comunitários. Entre eles, destacam-se os abastecedores comunitários, distribuidores de esterco e calcário, rolo-faca, trilhadeiras e escarificadores. Com os programas, somente no ano passado, o governo paranaense desembolsou Cz\$ 178 milhões, utilizados para compra de óleo diesel, calcário, sementes de adubo verde e mudas para reflorestamento, além de outros investimentos na área. A meta para 1988 é implantar mil microbacias, elevando o número de municípios contemplados para 280 — do total de 317 —, com investimentos da ordem de Cz\$ 1,125 milhão. Os recursos serão basicamente utilizados para 250 mil horas-máquina, distribuição de 150 mil toneladas de calcário, aquisição de 2,4 milhões de litros de óleo diesel, além da compra de 6,8 milhões de mudas de essências nativas para reflorestamento e 274 mil quilos de sementes para adubação verde.*

Bragagnolo:
enriquecer o campo

e no Programa de Manejo Integrado de Solos e Água (Pmisa), da secretaria estadual da agricultura. A realidade mudou de imediato. De 1983 para cá, Ivatuba cobriu 100 por cento de seu território com curvas de nível (o único no país), eliminou 35 quilômetros de voçorocas, readequou 50 quilômetros de estradas e 214 quilômetros de carreadores que estavam comprometidos em função da água que escorria das propriedades.

A resposta da terra foi também imediata: as lavouras de soja rendem, agora, médias de 2.800 quilos por hectare, ao passo que o trigo pulou para 2.200 quilos por hectare. Hoje, Ivatuba orgulha-se de ser o primeiro município paranaense a integrar toda a sua área no Pmisa, mais conhecido como "pro-



Topografia vale mais: curvas de nível ultrapassam limites das diversas propriedades

grama das microbasias". Esta distinção, inclusive, lhe garantiu a oportunidade de ser palco para as comemorações brasileiras do Dia Mundial da Conservação dos Solos, em 15 de abril.

Com o fim da erosão, os agricultores encontraram ainda outro motivo para comemorar: as terras esgotadas que antes expulsavam o homem do campo se valorizaram, e um hectare pode valer, hoje, Cz\$ 625 mil.

Atacando por todos os lados — Para chegar a estes resultados, no entanto, a erosão teve que ser atacada por todos os lados, exigindo uma série de medidas complementares e integradas na superação das dificuldades. "Readequar as curvas que já existiam", explica Santini, "foi muito pior que construir curvas novas, pois perde-se muito tempo na adaptação". Cobertas com milho ou soja, no verão, ou simplesmente



Vanderlei: prefeitura e extensão unidas

O rei das microbasias

Paulista de Bauru, cujo hobby principal foi e ainda é futebol, Vanderlei Oliveira Santini, 34 anos, nunca imaginou que chegaria ao título de "o rei das microbasias", como brincam os 6.000 habitantes de Ivatuba, no norte do Paraná. Pelo mesmo motivo, ele também não esperava que um dia gastaria 100 por cento de seu tempo trabalhando com conservação do solo. "Foram centenas de palestras, reuniões, milhares de visitas, envolvendo lideranças locais, agricultores e cooperativas", contabiliza ele.

Mas todo o seu esforço foi recompensado. Radicado há dez anos no Paraná, com passagens por projetos semelhantes em Rolândia (perto de Londrina) e em Floresta (cidade vizinha de Ivatuba), Santini chegou no município campeão em microbasias disposto a colocar em prática tudo aquilo que sabia sobre o assunto. Não deu outra. Com apoio da Prefeitura Municipal e da comunidade, o técnico agropecuário cristalizou seus intentos. "Se não houvesse a união entre a prefeitura e a assistência técnica rural, não chegaríamos ao sucesso", reconheceu. Mesmo assim, ele entende que muita coisa ainda deve ser feita. "O trabalho concluído em Ivatuba exige uma continuidade e espero que, em pouco tempo, esta paisagem ultrapasse os limites do nosso município".

CAÇAMBA DE CALCÁRIO SEMAG

adaptável a caminhão ou trator



Em apenas 15 minutos você distribui, aduba e até semeia pra não colher tempestade.

A caçamba de calcário SEMAG, é pioneira no Brasil, o que lhe dá total segurança e a garantia de uma excelente safra.

Capacidade: até 15 ton

SEMAG: 18 anos de tecnologia com qualidade.

Linha de Produtos: Caçamba forrageira, de ração, secagem, limpeza e movimentação de granéis.



EQUIPAMENTOS AGRÍCOLAS E INDUSTRIAIS LTDA.
Eixo principal com eixo secundário A
Fone: (0512) 88.2299 Telex (051) 1828
DISTRITO INDUSTRIAL DE GRAVATAÍ
GRAVATAÍ - RS

Organizar produtores foi o primeiro passo

vegetação natural, no inverno, estas curvas, segundo o técnico, vieram a resolver o problema do desemprego rural. “São 250 bóias-frias que têm trabalho nesta época, pois as curvas são plantadas e colhidas manualmente.”

O primeiro passo, porém, foi a organização dos produtores conforme sua localização no espaço. “Ivatuba tem quatro microbacias (Colônia Mineira, Paissandu, Taquaruçu e Caxias). O pessoal se reuniu em quatro grupos e começou a discutir os problemas comuns”, conta Santini. Depois, vieram diversas práticas mecânicas (curvas, terraços de base larga e murunduns) para conter a erosão. Paralelamente, as lavouras iam sendo caladas, adubadas e escarificadas, sempre mantendo a palha e, quando possível, reforçadas com adubação verde.

“Não foi fácil”, admite o técnico. “Havia água invadindo a propriedade

Colheita na curva de nível: emprego de mão-de-obra



do vizinho, vizinho que não se falava e vizinho que só brigava”. A necessidade os aproximou e surgiram até soluções originais, como o caso de três agricultores que trocaram de lotes para conseguirem produzir. “Os lotes eram contíguos, estreitos e desciam morro abaixo”, narra o técnico. “Eles abandonaram o traçado original da propriedade e passaram a plantar conforme a declividade da encosta, com as propriedades atravessadas no terreno.”

Por outro lado, a infra-estrutura rural foi sendo melhorada, através da instalação de seis abastecedores comunitários, reflorestamento das margens dos córregos menores, dragagens das várzeas para aproveitamento agrícola e a reconstrução de estradas vicinais. “Antigamente”, continua Santini, “as estradas eram sulcos profundos e lamacentos, por onde escorria toda a água que vinha das lavouras. Agora, elas são cruzadas pelas curvas de nível▷



Curva de nível (no alto) e terraço de base larga (em cima): sem eles não existe microbacia

Produtos Agropecuários Gerdau.

Seus amigos do campo.



Quem usa arames Gerdau pode confiar que tem cercas sempre fortes, resistentes, duráveis. Tem facilidade no manuseio, tem economia. E tem uma linha completa para escolher o arame certo para a cerca certa. Cerque-se de amigos. Confie nos arames e nos outros produtos para agropecuária do Gerdau. Arames farpados Elefante, Urso e Zebu. Arames lisos Tenaz e Coapa. Além das correntes, cordoalha para curral, arames galvanizados, pregos e grampos para cerca.

SIDERÚRGICA RIOGRANDENSE S.A.
Av. Borges de Medeiros, 650 - Sapucaia do Sul - RS.
CEP: 93200 - Tel.: (0512) 73-1288.

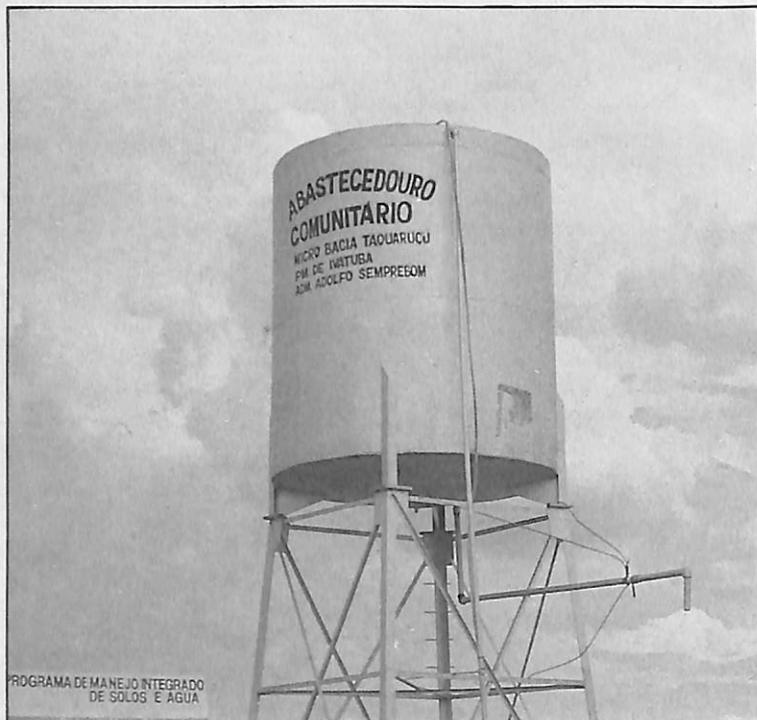
COMPANHIA SIDERÚRGICA DA GUANABARA - COSIGUA
Av. João XXIII, 6.777 - Rio de Janeiro - RJ.
CEP: 23568 - Tel.: (021) 305-1515.

SIDERÚRGICA AÇONORTE S.A.
BR 232, Km 12,7 - Recife - PE.
CEP: 50791 - Tel.: (081) 251-3488

QUALIDADE



Seca não assusta tanto: agora água fica no solo



*Abastecedouro:
um a cada
quatro ou
cinco
quilômetros*

e voltaram a ser transitáveis”.

Já os abastecedouros, estrategicamente localizados a cada quatro ou cinco quilômetros entre si, na beira das estradas asfaltadas, têm capacidade para 20 mil litros de água potável, supridos por poços semi-artesianos. “Tudo para evitar a busca de água na fonte natural e poluí-la”, declara ele, referindo-se ao velho problema dos agrotóxicos de pulverização nos mananciais d’água. “Este abastecedouro é tão eficiente que o governo do estado está adotando o sistema em outros municípios”.

Ao mesmo tempo, a diversificação foi incentivada, assim como o reflorestamento. E as freqüentes estiagens que perturbam o resto dos agricultores paranaenses já não assustam mais em Ivatuba. “Com a retenção da umidade no solo por mais tempo”, arremata Santini, “ninguém deixará de produzir”. De fato, a produção de soja no município passará incólume pela seca deste ano, e deve render aproximadamente 21 mil toneladas. Já o trigo deve produzir, no total, 19 mil toneladas. Ambas as culturas ocupam cerca de 7.200 hectares, o que dá um rendimento de, respectivamente, 2.900 e 2.600 quilos por hectare. □

O MELHOR OVER DESTES PAGOS.



GOVERNO
PEDRO SIMON

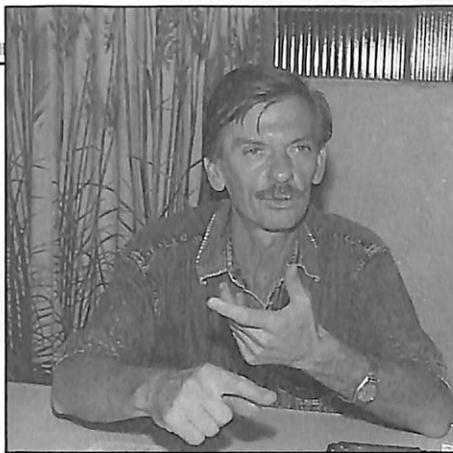
O QUE CONTA
É DORMIR
TRANQUÍLO.

Em aplicação o que mais conta é
segurança.
E ter as melhores taxas do mercado.
Isto tudo o Banrisul tem. E ainda
investe nestes pagos o dinheiro aplicado.
Fique com o Over do Banrisul.
E durma tranqüilo.

banrisul
BANCO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, S. A.
O QUE CONTA É O RIO GRANDE

Mais riqueza com economia

“Hoje, não perdemos sequer uma gota d’água”, declara, satisfeito, o agricultor Adolfo Semprebom, prefeito de Ivatuba. “Só pelos números da produtividade, já podemos sentir o quanto estamos ganhando desde que o programa foi implantado, em 1978.” Na realidade, porém, Semprebom tem outros motivos para festejar. Com a implantação do “Manejo Integrado de Solos em Microbacias Geográficas” (o nome correto do programa em Ivatuba), a Prefeitura Municipal aumenta sua economia em arrecadação de ICM e diminui seus gastos em maquinário, combustível e horas-trabalho.



Seperbom: sobrenome ajuda

“Antes”, argumenta o prefeito, “tínhamos que usar nossa motoniveladora dez vezes por ano, ou após cada chuva mais forte. Hoje, a máquina trabalha, no máximo, três vezes ao ano, na conservação das estradas”.

Além disso, como diminuiu o assoreamento dos rios, diminuíram, por consequência, os problemas com enchentes e alagamentos. Semprebom não esquece, entretanto, o auxílio que chegou em 1982, quando a Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná e suas vinculadas entraram em ação, destinando recursos e apoio técnico ao programa. “Mesmo assim”, sustenta ele, “todos os municípios têm condições de fazer o que fizemos aqui. A maior parte deste trabalho, por exemplo, foi realizada apenas com uma máquina da prefeitura”.

E sobre a possibilidade da implantação de microbacias em outros lugares, o prefeito foi taxativo: “nós sentimos a importância do programa na pele e achamos que ele deve ser extrapolado para todo o país. Afinal, se a agricultura não der alimentos para nossos filhos, não adianta fazer mais nada”.

Outro programa: produtor júnior

É um jogo de palavras: irrigação, escola, êxodo rural, educação, alunos, agricultura, motivação e produtividade. Devidamente cruzadas e dispostas, elas formam o Programa Produtor Júnior, um projeto piloto que tem como objetivo estimular na criança e no jovem do meio rural o gosto pela agricultura, através de uma técnica relativamente nova no campo, a irrigação por microaspersão e gotejamento. Assim, ao mesmo tempo que preserva o jovem em seu ambiente natural, o projeto atinge o produtor adulto na busca de melhores rendimentos na lavoura.

Lançado no início de março no município de Siqueira Campos, Norte Pioneiro do estado, o programa será implantado experimentalmente na Escola Estadual Professora Maria Aparecida Chuery Salcedo e desenvolvido até dezembro deste ano, quando será avaliado, corrigido e repassado a outros colégios. De forma sintética, o interesse dos alunos será despertado por programas didáticos em videocassetes, em que a escola vai exibir a técnica de irrigação por microaspersão e gotejamento. Através dela, será possível produzir arroz, feijão, milho e hortigranjeiros.

Para o secretário da Agricultura e do Abastecimento, Osmar Dias, o programa se espelha na experiência da agricultura de Israel, onde a criança é motivada desde muito cedo a aprender sobre agricultura. Mesmo dentro do Paraná, lembra, existem exem-

plos claros deste modo de pensar em Castro, na região dos Campos Gerais, onde os pais estimulam os filhos a gostarem do setor primário. Com esta filosofia de trabalho, num solo não muito fértil, os produtores dos Campos Gerais obtêm produções invejáveis. No entender do secretário, com o programa, o Paraná não mais vai lamentar o êxodo rural, mas tentar corrigir as suas consequências, combatendo as causas.

A implantação definitiva do Programa Produtor Júnior acontecerá a partir de meados deste ano com participação da secretaria, Emater/PR e Federação Israelita. Várias empresas de Israel já manifestaram interesse em apoiar o empreendimento piloto, fornecendo equipamentos e tecnologia em irrigação, o que confere ao projeto cunho altamente profissional a custo zero para o setor público.

ALTA TECNOLOGIA A SERVIÇO DA AGRICULTURA

Silos Metálicos

São vários diâmetros e alturas, proporcionando uma capacidade de armazenagem de até 200 mil sacas por silo. Com a resistência do aço galvanizado, as chapas são montadas com parafusos de alta resistência (bicromatizados), totalmente vedados contra a entrada de umidade. Para armazenar na temperatura exata, os silos SEMICAL têm sistema de aeração por ventiladores centrífugos de alta potência.



Secadores

Com sistema de descarga adequado para todo tipo de grão, proporcionam secagem uniforme e total. Seu funcionamento reúne simplicidade e eficiência, com toda segurança: encaixes perfeitos na montagem vedam totalmente a infiltração de água e a entrada de ar frio. Em estrutura totalmente metálica, os secadores SEMICAL são especialmente tratados contra a ferrugem.

SEMICAL

Sociedade Eletro e Mecânica Indústria Comércio e Agricultura Ltda.

Fábrica 1: Gleba Jacutinga - Lote 335 - Chácara 42/43 - Fone: (0432) 27-1616 - Telex: (43) 3264 - Cx. Postal 1661 - CEP 86100 - Londrina - Paraná.
Fábrica 2: Rodovia BR 369 - km 141 - Fone: (0432) 58-2535 - Cx. Postal 329 - CEP 86200 - Ibiporã - Paraná



UM GRANDE
LANCE PARA
QUEM VENDE.



CARNÊ REMATE MERIDIONAL.



UM GRANDE
LANCE PARA
QUEM COMPRA.

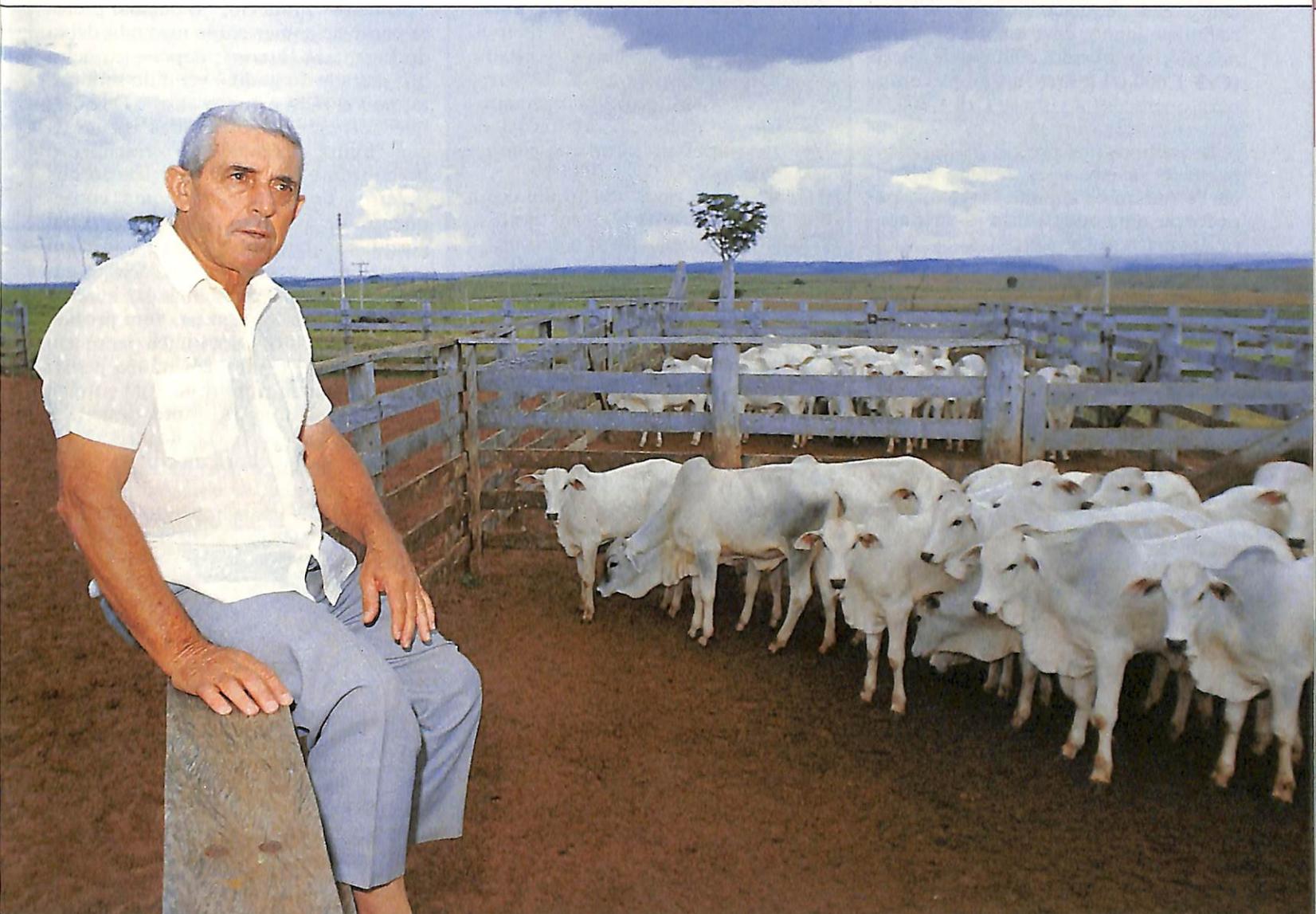
O Carnê Remate Meridional é a solução para a cobrança das parcelas nas vendas de animais em feiras, leilões ou exposições. É emitido e entregue na hora, facilitando e agilizando a transação. O comprador sai do remate sabendo exatamente quanto, quando, como e onde irá pagar. O Meridional fica responsável pelas promissórias e pela cobrança. Este é mais um serviço do Banco Múltiplo.

MERIDIONAL
O BANCO COM A FORÇA DA UNIÃO



Preço do gado vai melhorar (vidente ou otimista?)

Um experimentado pecuarista de Umuarama garante que o preço do boi vai melhorar em médio prazo. Por enquanto, ficará como está, porque o inverno com geadas tende a forçar vendas



Zafanelli e seu nelore, hoje vendido na região: bezerro já nasce pulando, sem problemas de saúde

No epicentro de uma região que vem, há mais de 60 anos, se especializando na criação de gado de corte, sobretudo nelores e anelorados, o pecuarista Francisco Zafanelli, 66 anos, pressente crises de preços e de consumo de carne bovina com vários meses de antecipação. Pela mesma lógica, este

paulista de Taiapu, que está em Umuarama há 52 anos, possui também a capacidade de perceber a luz no fim do túnel com a aparente facilidade de um vidente.

Por isso, quando olha longe, nos limites dos 960 hectares da Fazenda São Francisco, onde pastam 2.300 cabeças

de nelore, e afirma que “depois de uma temporada com preço ruim o gado vai melhorar”, é de se esperar que esta previsão se concretize. Afinal, trata-se de um experiente pioneiro regional que lida com pecuária, conforme diz, “desde o tempo em que se derrubava o mato, plantava pastagem e largava o gado ▷

Comem menos carne mas não largam as loterias

para ocupar o espaço”.

Mas para chegar aos melhores momentos, entretanto, a pecuária paranaense deve ainda passar por um aperto: “quando começar a gear”, lembra ele, “o pessoal venderá em maior quantidade e os preços voltarão a cair”. Esta pequena crise, esperada para maio e junho, deve manter os preços nos níveis praticados em final de março (Cz\$ 1.600,00 a arroba de boi gordo, para operações à vista, e Cz\$ 1.800,00 para operações a prazo). Ou seja, a rápida melhora nos preços, observada a partir de janeiro — quando os criadores retiveram os animais no campo para forçar uma onda altista — deve agora desaparecer.

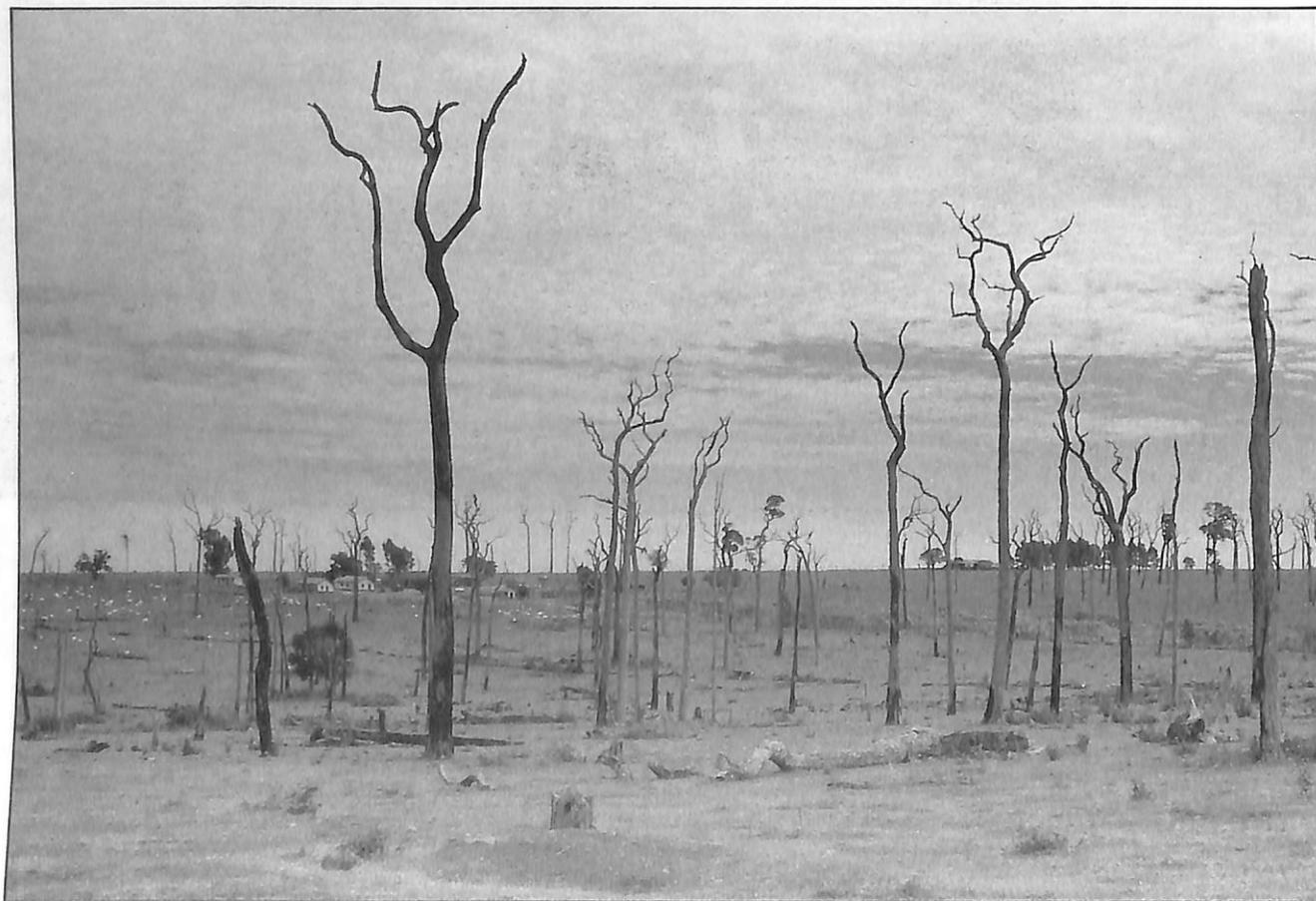
“Depois de seis meses com preços parados entre Cz\$ 1.300,00 e Cz\$ 1.400,00 a arroba”, frisa Zafanelli, “vamos passar mais dois meses com os preços estacionados”. Tal fato é especialmente crítico para ele e seus vizinhos, pois a Fazenda São Francisco se localiza numa região onde ervas como o assa-peixe e arranha-gato insistem em brotar no meio do colônio implan-

tado. “Não pude comprar herbicida”, conta o pecuarista, “já que os preços dos produtos estão muito caros”. Suas contas, porém, não param aí. “O sal mineral subiu 550 por cento em um ano e o trator velho, que deveria se aposentar, foi reformado e segue trabalhando”. A possibilidade de limpar as pastagens para acabar de vez com as ervas daninhas fica ainda mais afastada. “Sairia muito caro e o pasto da fazenda ainda é novo”, salienta o pecuarista. “Isto sem falar das infestações de cigarrinha-das-pastagens, que causam grandes prejuízos.”

Tempos do Cruzado — Mesmo com um mercado razoavelmente seguro, Zafanelli argumenta que “o pecuarista viveu muito mal nos últimos seis meses, mas tenho certeza que o ano que vem será bom”. Na sua opinião, esta fase difícil vem se mantendo “desde que o governo fez as desapropriações no final do Plano Cruzado, em 1986. Naquela época, os preços estavam mais ajustados que hoje”. Tradicional criador de Umuarama, Zafanelli costuma vender, ao ano, cerca de 1.500 cabeças

para recria, a maioria com oito meses de idade e um peso aproximado de cinco a seis arrobas. Não raro, a marca da São Francisco era reconhecida também no norte do Mato Grosso. Esta realidade mudou. “Os custos do transporte acabaram com as compras do Mato Grosso”, explica ele, “e ficamos trabalhando só com as fazendas de recria da região”.

Quanto à questão do baixo consumo de carne bovina, que no Paraná anda em torno de 14 quilos *per capita* ao ano, Zafanelli entende que há duas variáveis que caracterizam o processo: “primeiro”, fala ele, “o pessoal prefere parar de comer carne mas não deixa de jogar nas loterias; depois, eu acho que metade do gado é vendido sem nota, pois o ICM é muito alto”. De qualquer forma, ele aposta todas as suas fichas numa retomada do crescimento do consumo, já que a valorização dos bezerros de reposição é uma consequência da ascensão dos preços do boi gordo. “E meus bezerros só poderiam ser nelore”, arremata ele. “Neste gado, mesmo sem assistência, o bezerro já nasce pulando, sem nenhum problema de saúde. Por isso, nunca pensei em cruzamentos. E também nunca pensei em confinamento, porque é um sistema de produção que dá muita despesa e não consegue se livrar dos riscos de preços baixos na hora da comercialização”.



Novas pastagens: continuam as derrubadas de mato no norte-noroeste do Paraná

Arroba a Cz\$ 2,5 mil em abril. Pelo menos

Pelos cálculos da Federação da Agricultura do Estado do Paraná (Faep), o preço da arroba do boi deveria bater em Cz\$ 2.533,00, no mínimo. Ou seja, nas contas da Faep, que contabilizam custos rotineiros de produção mais uma pequena margem de lucro, a arroba valeria Cz\$ 500,00 acima dos preços praticados no final de abril. Para os produtores paranaenses — que são responsáveis pelo sétimo rebanho nacional, com sete milhões de cabeças, e pelo quinto lugar na produção brasileira de carne bovina, com 220 mil toneladas em 1987 —, este preço hipotético poderia significar o retorno dos investimentos na atividade. “No fundo”, sustenta o vice-presidente da Associação Paranaense dos Criadores de Bovinos (APCB), Ernani Guarita Cartaxo, “não podemos reclamar de preços baixos, pois eles são a garantia de que mais gente possa comer carne bovina. Mas também não podemos sustentar preços tão comprimidos que obriguem muita gente a deixar a produção”. O que ele preconiza, em síntese, é um preço estabelecido pelas regras de mercado, sem elevações artificiais ou defasagens mantidas às custas de prejuízos para os produtores.

Conforme o dirigente, toda esta desestabilização do mercado da carne teve início no final do Plano Cruzado. “Com o fim das exportações, e as importações daquela época”, conta ele, “o mercado interno ficou saturado e, desde então, temos excesso de estoque”. Dessa maneira, os preços pagos aos produtores foram ficando cada vez mais comprimidos, a inflação recrudesciu e, o que foi pior, o consumo despencou de quase 20 quilos per capita ao ano, no começo do Plano Cruzado, para os atuais 14 quilos. Isto é, o consumidor paranaense está deixando de comer seis quilos de carne bovina neste ano. “O problema maior é o baixo poder aquisitivo da população”, afirma Orlando Bertoldi Júnior, presidente da APCB, “e não por sobre do produto”. De fato, se assim fosse, as exportações de carne agora reiniciadas poderiam desafogar o setor. “Não creio que essa política de incentivar as exportações seja o ideal”, argumenta Bertoldi, “pois o país não tem condições sequer de suprir o mercado interno”. Tais exportações, no entender de Cartaxo, devem



Consumo: depende da renda

ser retomadas paulatinamente, “pois os compradores são muito delicados e exigentes, além do fato de que estão receosos dos últimos negócios feitos com o Brasil”. Ele se refere aos contratos de exportação não cumpridos pelos vendedores brasileiros.

Ambos os dirigentes concordam, entretanto, quanto às medidas que devem ser adotadas para reverter o quadro de crise que persegue a pecuária de corte: elevar o poder aquisitivo da população e liberar recursos para a terminação de animais nas entressafas. O patrocinador destas mudanças é o governo federal e elas só serão possíveis a partir do próprio reaquecimento econômico, “pois a crise não é só no nosso setor”, como lembra Cartaxo. Enquanto isto não acontece, a pecuária de corte paranaense segue apresentando sinais de queda de rentabilidade, calculada pela APCB em 30 por cento nos últimos dois anos.

Garanta a sua colheita, usando adubos e sementes Supremo.

SEMENTES (PRÓPRIAS) FISCALIZADAS
DE ARROZ, SOJA E FORRAGEIRAS.
ADUBO MINERAL, ADUBO ORGANO-
MINERAL DE QUALIDADE.



Rua Prof. Dr. Araújo, 1653 - Pelotas - RS
Fone: (0532) 25-8877 - Telex: (532) 315



TECNIGRAN
Proteção de grãos
e sementes Ltda.

INSETICIDAS E
EQUIPAMENTOS PARA
PROTEÇÃO DE GRÃOS E
SEMENTES

- K-Obiol
- Sumithion 500 CE
- Fosfina
- Raticidas
- Pulverizadores
Sanisplay/Jacto
- Termonebulizadores Pulsfog
- Determinadores de umidade
- Sondas e caladores
- Lonas de PVC para expurgo
- Assistência técnica

Rua Manoel Eufrázio, 1572
Caixa Postal 15014
Fone: (041) 252-7028 - Telex: 41-0084
CEP 80.531 - CURITIBA - PR

145 mil criadores largaram os porcos

Associação Paranaense de Suinocultura revela que metade das 290 mil famílias que criavam porcos no Estado abandonou a atividade. E o rebanho baixou pelo menos 40%

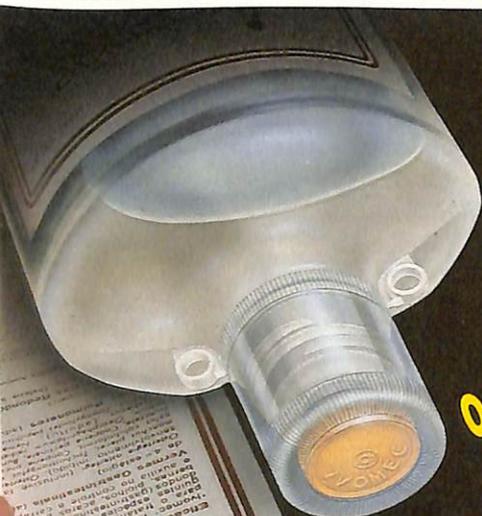
O espírito realmente não está para o porco no Paraná. As previsões de que 1988 iniciaria mal para o setor vêm se confirmando: o rebanho suíno, que chegou a beirar as seis milhões de cabeças durante o Plano Cruzado I, hoje caiu para cerca de três milhões, conforme dados da Associação Paranaense de Suinocultura (APS), significando uma queda de 40 a 50 por cento. A dança dos números foi causada pela redução de consumo, resultando no excesso de oferta e na baixa dos preços pagos pelo quilo de suíno vivo, o que levou o produtor a descartar matrizes, enviar pre-

cocemente os animais para o abate ou ainda desistir da atividade.

E foi o que aconteceu com metade das 290 mil famílias que se dedicavam à suinocultura. Desestimuladas pela pressão baixista dos preços, 145 mil, aproximadamente, deixaram de criar suínos. "Ao pequeno produtor, não restou outra alternativa", justifica Danilo Mattiello, presidente da Associação Regional de Suinocultores do Oeste do Paraná (Assuinoeste), sustentando que, enquanto o grande e o médio reduziram o número de matrizes, o suinocultor de menor porte, sem alternati-

va, vendeu tudo que tinha para se livrar de maior prejuízo.

Os reflexos apareceram de imediato nas estatísticas: o total de matrizes alojadas no estado, que já alcançou 690 mil, caiu atualmente para 340 mil. Com a previsão de uma produção menor (132 mil toneladas contra 150 mil do ano passado), a arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM) na suinocultura deverá cair de sete para dois por cento. Com dados tão negativos, os técnicos da APS não se surpreendem se o Paraná perder o terceiro lugar que ocupa hoje no ran-



ivomec
O PRODUTO PARA
O TEMPO DAS "VACAS MAGRAS" E "VACAS GORDAS"
POR QUE?

NO TEMPO DAS VACAS MAGRAS (OUTONO/INVERNO), todo o seu gado sofre pelo clima, pastos ruins e alta infestação de vermes, principalmente os imaturos e em estágio inibido. Por isso você precisa de IVOMEC. Pela sua eficácia, você pode ajudar a manter a produtividade e o lucro.

NO TEMPO DAS VACAS GORDAS (PRIMAVERA/VERÃO), ocorre alta infestação tanto nos animais como nas pastagens. Nesta época você também precisa de IVOMEC. Ele é o mais eficaz contra os vermes adultos, imaturos e em desenvolvimento inibido e atua por mais tempo*. Assim você pode ajudar a aumentar a produtividade e o lucro, e reduzir a contaminação do pasto.

* *Ostertagia spp., Cooperia spp., D. viviparus*

Use em todo* o seu gado

ivomec
Injetável para Bovinos



com ele
você pode
LUCRAR MAIS

** Não usar durante a lactação quando o leite for para consumo humano

MSD AGVET
MERCK SHARP & DOHME
Química e Farmacêutica Ltda



Mattiolo (E):
pequeno
sem saída;
Campagnolo:
400 animais
por uma
caminhonete



king nacional da suinocultura.

Saudades do Cruzado — O obstáculo maior da atividade é mesmo a distância entre os preços recebidos e os custos de produção. De acordo com Roberto Campagnolo, presidente da Associação Municipal de Suinocultores de Toledo — região que responde por 60 por cento da produção paranaense —, este diferencial, contra o produtor, está em cerca de Cz\$ 12,00. Trocando em miúdos, para produzir um quilo de carne, o produtor gasta em insumos de Cz\$ 90,00 a Cz\$ 92,00 e recebe do frigorífico entre Cz\$ 78,00 e Cz\$ 80,00 (preços de abril).

A tendência do mercado, segundo ele, é de que em junho e agosto o quadro atual comece a reverter por diversos fatores, entre os quais a disparada nos preços do boi e o aparecimento dos

primeiros reflexos do abate maciço de matrizes. Mas, para que o processo realmente aconteça. Campagnolo entende que o governo precisa olhar melhor para o setor de insumos, onde a torta de soja — cotada em dólar, pois vai para exportação — e o milho — corrigido pela política de preços mínimos — terminam neutralizando uma eventual reação do mercado em favor do suinocultor.

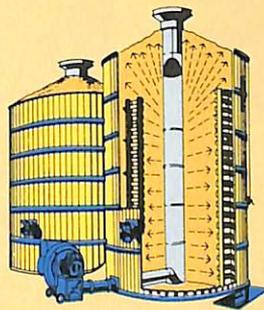
Apesar dos indícios favoráveis a uma recuperação, lembra com uma ponta de saudade da época do Cruzado, quando qualquer produtor vendia 160 suínos e, só com o lucro, podia adquirir uma flamante camionete F-1000. “Aos preços de hoje”, diz num misto de ironia e tristeza, “para comprar este mesmo veículo, precisamos vender

mais de 400 animais, sem contar o custo de produção”.

Outro problema que promete atormentar o sono dos suinocultores de modo geral está na área das importações. No ano passado, o governo autorizou a entrada no Brasil de 75 mil toneladas, o que prejudicou substancialmente a comercialização em nível de produtor. Mas, se a crise na atividade se agravar, Campagnolo acredita que vai faltar carne de porco no mercado brasileiro, não restando outra alternativa ao governo senão importar o produto. “Agora, ao assinar as guias de importação, as autoridades devem lembrar que vão assinar também o atestado de óbito da suinocultura, pois ninguém vai querer produzir num país que beneficia o produto estrangeiro e desvaloriza o nacional”, adverte. □

Silos para Sementes ROTA

Garantia de bons lucros



Os equipamentos ROTA foram desenvolvidos para oferecerem o transporte ideal e o melhor acondicionamento para conservação de sua semente, evitando danos mecânicos.

Procurando aprimorar cada vez mais seus produtos, a ROTA transformou o silo ventilável em silo secador, resolvendo a secagem do produto, sem causar danos térmicos.

O sistema de ventilação do silo foi redimensionado: Agora o soprador é de 20.000 m³ ar/hora com pressão estática de 250 mm (c.d.a.). O tubo central de distribuição radial do ar passou de 280 mm para 770 mm de diâmetro.

Como resultado, 1.500 sacas de trigo (60 kg) baixaram de 17% para 13% em apenas 15 horas com temperatura do ar de secagem à 36° C. 1.500 sacas do mesmo trigo, baixaram também de 17% para 13% em 60 horas, com temperatura ambiente.

Diversos clientes poderão dar mais detalhes sobre incríveis resultados, inclusive sobre outras culturas. Consulte nosso departamento comercial.

Traco & Truque

EQUIPAMENTOS ROTA

SILOS VENTILÁVEIS • SECADORES
ESTÁTICOS • ELEVADOR DE CANECAS
ELEVADOR UNIVERSAL
SELECIONADOR DE SEMENTES EM
ESPIRAL • FITAS TRANSPORTADORAS

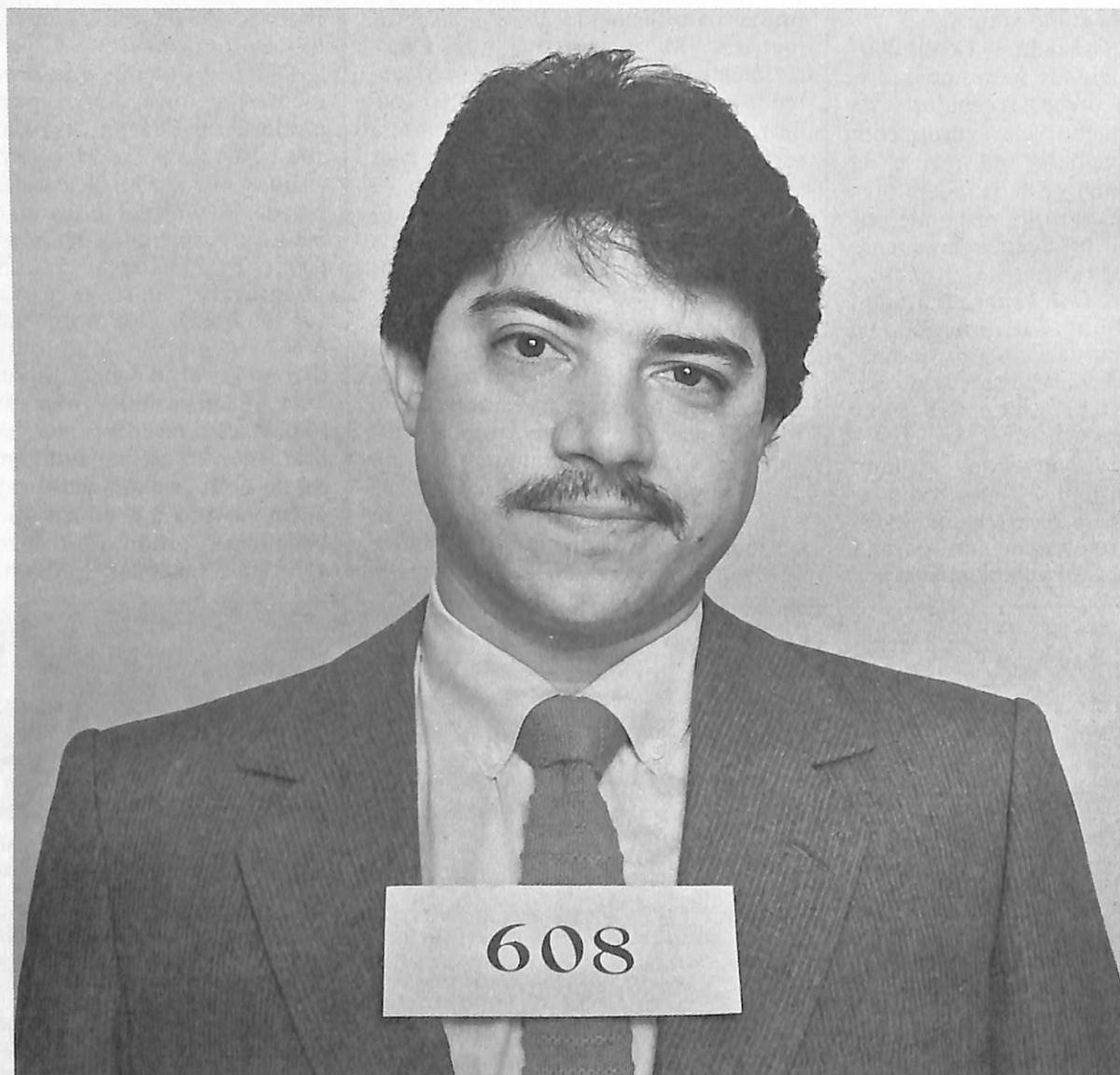


rota

Indústria de
Máquinas
Agrícolas Ltda.

Fábrica e Vendas: Parque das Indústrias Leves
Rua João de Barro, 175 • Fone (0432) 25-5267 • Telex 433-223 RTAI
Cx. Postal, 691 • CEP 86030 • Londrina • Parana

Não há nada pior que ser tratado pelo número



O San Michel Hotel se orgulha de ser o mais simpático e o mais aconchegante 4 estrelas de São Paulo.

Para nós, você é como um velho amigo, não um simples número de apartamento.

No San Michel, você encontra luxuosos apartamentos, com TV a cores, ar condicionado, frigobar, 3 canais de música e decoração personalizada. E mais: 2 restaurantes, american bar com música ao vivo e 'room service' 24 horas.

Tudo isso, com o melhor preço da cidade.

Diária de casal dos hotéis quatro estrelas de São Paulo

SAN MICHEL	Cz\$ 8.200,00
NORMANDIE	Cz\$ 8.600,00
NICKEY	Cz\$ 9.000,00
AUGUSTA PALACE	Cz\$ 10.000,00
BRISTOL	Cz\$ 11.000,00
BOURBON	Cz\$ 11.300,00
METROPOLITAN PALACE ..	Cz\$ 11.300,00
ELDORADO	Cz\$ 12.000,00

Venha ser nosso amigo.

Largo do Arouche 200, telefones **(011) 223-4433**
ou **800-8000** (grátis para reservas)

 ★★★★★
SAN MICHEL HOTEL

Silfredo:
*"nunca vi
 ficar
 14 meses
 pagando
 para produzir"*



Este ano Silfredo não esquece

"Nunca mais vou esquecer este ano." Esta sentença de Silfredo Müller, 57 anos, serve bem para definir a situação da suinocultura hoje no Paraná. Instalado desde 1965 no distrito de Vila Nova, em Toledo, aos poucos foi comprando os 45 hectares que compõem a sua granja, onde cria suínos, aves e gado leiteiro. Lembra que em todos estes anos sempre houve oscilações na criação, "mas nunca vi ficar 14 meses só pagando para produzir".

Para equilibrar a situação, o produtor se viu obrigado a reduzir o plantel e demitir funcionários, quadro que, aliás, caracteriza a suinocultura em todo o estado. O quadro é desolador: em 1984, ele tinha 450 matrizes em plena produção, número que caiu para 399 em 86 e desceu de vez em 87, quando chegou a 168. "O pior", diz, apontando para as pocilgas vazias e para as matrizes landrace e large white que sobraram, "é que depois do Cruzado, com o congelamento de preços, comercializei 150 porcas prenhas. Quer dizer: mandei para o abatedouro 1.500 leitões que poderiam no futuro alimentar muita gente".

Sem outra alternativa, a sua produção mensal, que estava entre 400 e 600 cabeças, se estabilizou hoje entre 200 a 250, o nível mais baixo dos últimos anos. Na ponta do lápis, ele perde por quilo de suíno entregue Cz\$ 14,00, sem contar a mão-de-obra e os seis hectares em que planta mandioca para alimentar os animais. Somando os gastos, os custos de produção ficam de Cz\$ 80,00 a Cz\$ 85,00 por quilo, enquanto os frigoríficos pagavam em março Cz\$ 68,00. Com a obrigação de apertar no orçamento, Silfredo Müller não tem dúvidas de que a qualidade geral do produto vai cair. Os próprios técnicos da APS admitem que em época de crise o suinocultor diminui a proteína na alimentação (rações), produzindo uma carne de qualidade inferior, mais gordurosa.

Sem vinho e cerveja — "A crise deixa as pessoas mais pobres e bem mais tristes",

desabafa o descendente de alemães, antes acostumado a uma mesa farta, especialmente de cerveja e vinho, seu "passatempo" preferido nas horas de folga. Com mágoa, recorda que nem na passagem do ano tinha "uma cervejinha" para comemorar 88. "Cortei tudo o que dava, até as coisas de casa", afirma, enfatizando que "só de vez em quando" aparece um vinhozinho, mesmo assim, para controlar a sua pressão baixa.

No entanto, diz que o que mais lhe doeu foi ter que demitir cinco famílias, das nove que trabalhavam na sua propriedade. "Éramos uma grande família, e não sei até hoje como dei a notícia a eles. Se puder, vou contratar todos novamente", justifica. Hoje, residem na propriedade quatro famílias e dois rapazes solteiros, que fazem as refeições junto com os dois filhos dos Müller, "para economizar". Sobre o futuro da atividade, o produtor entende que "com este governo ninguém sabe o que pode acontecer no dia seguinte". Chega a lembrar o Plano Cruzado, quando as autoridades mandaram produzir e depois terminaram importando carne suína, o que baixou os preços do produto. Reconhece que o sistema de integração — em que o frigorífico oferece os animais e os insumos, enquanto o produtor entra com mão-de-obra e instalações — é o que vem garantindo a sobrevivência dos produtores. Mesmo assim, observa que o sistema não consegue controlar problemas mais graves: a correção dos insumos pelo dólar e das máquinas pela OTN, enquanto os preços em nível de suinocultor ficam praticamente estagnados.

Para Silfredo Müller, não há solução à vista. "Hoje, o que eu quero mesmo", diz sério, "é ganhar o salário de um vereador ou deputado, pois, sinceramente, quem produz 700 toneladas de carne por ano, de baixo de todo este mau tempo, bem que merece receber Cz\$ 400 mil por mês para não fazer nada".

SEMENTES FISCALIZADAS

- Trigo
- Aveia-preta
- Azevém
- Trevo-subterrâneo
- Trevo-branco
- Trevo-vesiculososo
- Cornichão
- Alfafa crioula RS
- Pensacola
- Alho
- Lentilha



COTRIJUI

Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda.
 Rua das Chácaras, 1513 - fone: (055) 332-2400
 ramal 304 - 98700 - Ijuí - RS

GALPÕES Cavan

- Pré-Moldados de Concreto
- Duráveis, Práticos e Econômicos
- Garantia de 15 anos
- Aplicações: aviários, pocilgas, garagens, armazéns, escolas, casas, igrejas, paióis, proteção para o gado e colheita, etc.



RJ: (021) 297-1246 SP: (011) 280-5911
 MG: (031) 222-4139 RS: (0512) 33-4721
 PR: (041) 292-1683 SC: (0482) 22-2616
 MS: (067) 382-5168 ES: (027) 241-1742
 GO: (062) 223-0222 PA: (091) 235-2940
 BA: (071) 243-7774 PE: (081) 339-2111

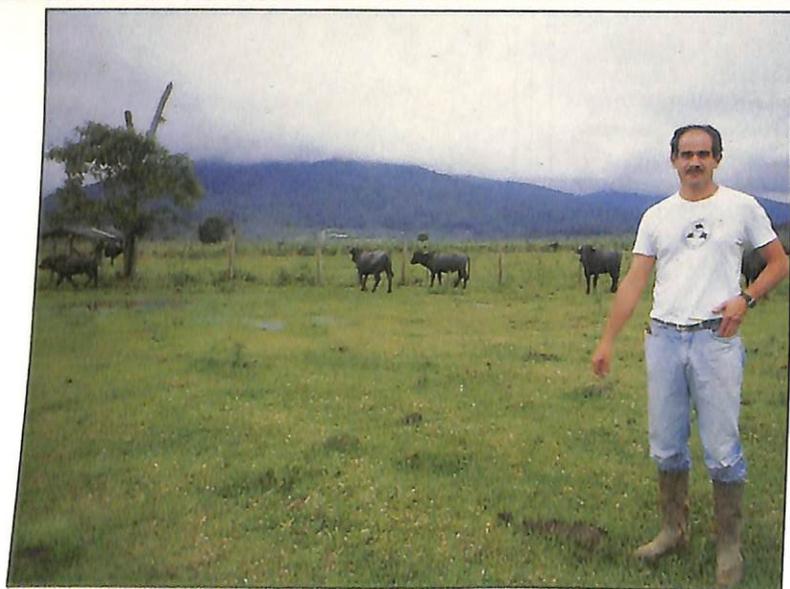
Nada dava certo nesta terra. Aí chegaram eles

O rio Cubatãozinho infernizava a vida na fazenda Estrela, em Morretes, escolhendo ele próprio seu leito e inviabilizando a criação de bovinos e a plantação de grãos. Sobrou o búfalo



É mesmo moleque o rio Cubatãozinho, que serpenteia na serra do litoral paranaense e deságua mansamente na baía de Guaratuba. Volta e meia, ele apronta: invade as propriedades indefesas ao longo do seu leito e, com espírito aventureiro, sai do curso original, despreza algumas de suas curvas e segue em linha reta, moldando pacientemente na terra o seu novo caminho. A este fenômeno natural, característico dos rios de planície, os caboclos chamam de "furado", ocasião em que a água escava um novo leito para o rio. Mas as travessuras do Cubatãozinho não param por aí. Quando transborda, ele deposita nas planícies milhares de partículas que arrastou de regiões montantes, conferindo ao solo já arenoso características indecifráveis.

Em verdade, o Cubatãozinho é apenas um personagem da vida litorânea do Paraná e não é o único a pregar peças em quem pretende tirar da terra o seu sustento. A própria planície litorânea é formada por solos pobres, cuja constituição básica é de cambissolo e podzol, ambos conhecidos pela textura arenosa e ditos como impróprios para cultivos e criações intensivas. Mas, coincidentemente, foi através do litoral de Paranaguá, um pouco mais acima de Guaratuba, que começou a colonização do estado. Só que os pioneiros se renderam ao clima amazônico da região e ao solo improdutivo. Com a abertura de trilhas para o interior, gradativamente, eles se lançaram ao encontro dos ricos latossolos roxos de boa estrutura e de produção garantida. As tentativas para se estabelecer nas terras do litoral culturas e criações foram desastrosas. Somente alguns cultivos de subsistência fazem parte da paisagem, juntando-se a um punhado de bananeiras e permeadas por uma flo-



Cavalcanti e novilhas murreah: betoneira animal

Com engate metálico. Muito prático para montar ou desmontar as linhas de irrigação.

Ideal para linhas laterais que devem ser freqüentemente mudadas para uma nova posição.

Com dispositivo que impede golpes da haste basculante do engate contra a parede do tubo.



Uma solução para quem não quer ver tubo amassado no sistema de irrigação.

Fabricação utilizando composto de PVC rígido criteriosamente formulado e processo de produção rigorosamente controlado em todas as etapas.

Produto resistente às condições de agressividade do solo, da água, dos fertilizantes, dos defensivos e das radiações solares.

Tudo azul no campo

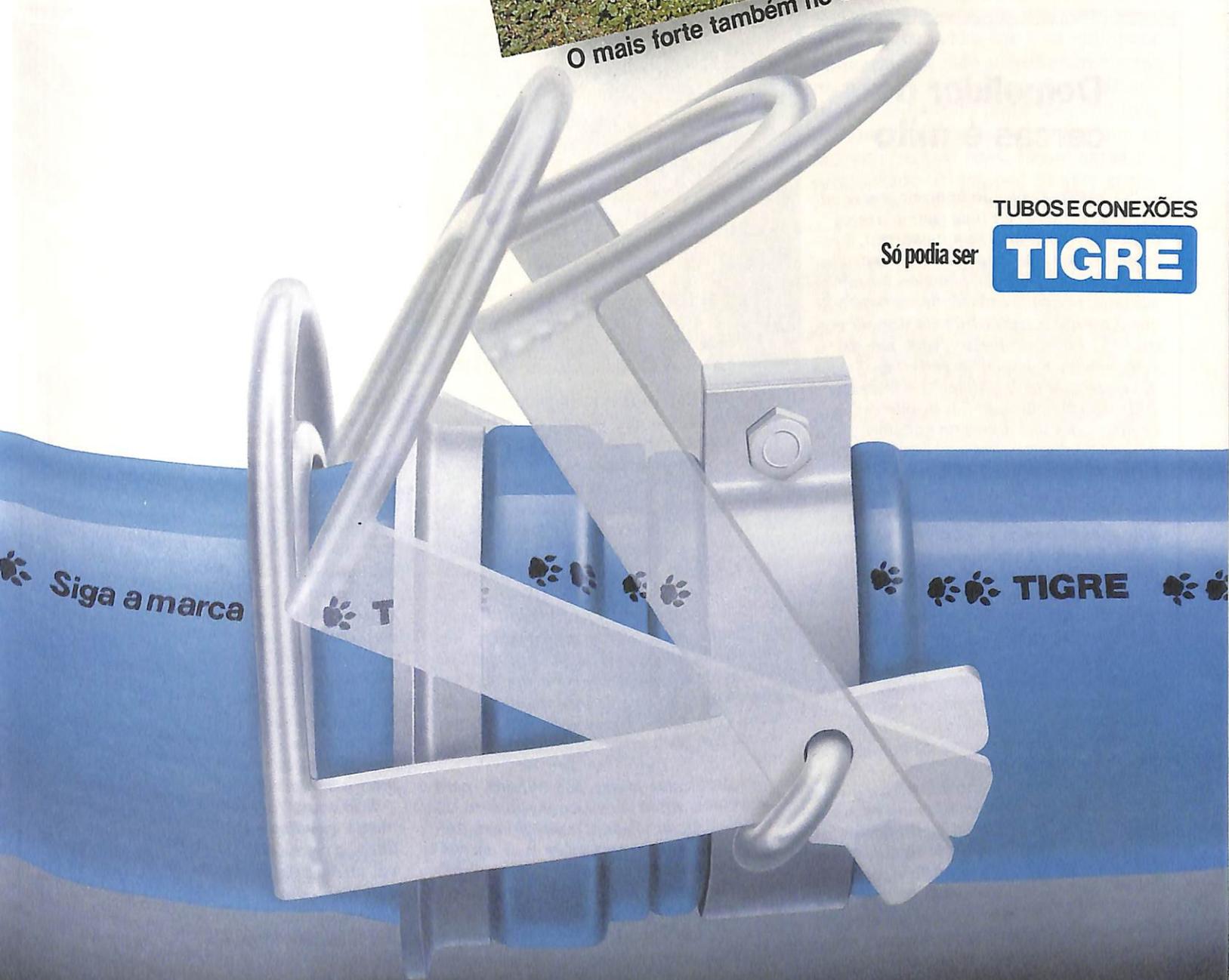
Tubos de PVC Irriga EMS

O mais forte também no campo

TUBOS E CONEXÕES

Só podia ser

TIGRE



Siga a marca

T

TIGRE

DN 100 (4")

Três anos sem crias, inclusive zebuínos

resta praticamente virgem. Aos bovinos introduzidos ali, foram reservados dois destinos: a morte ou o convívio eterno com todo o tipo de pragas e doenças.

O intruso — Foi com um olhar matreiro e um sorriso imperceptível no canto dos lábios que o caboclo do litoral viu pela primeira vez, há cerca de 30 anos, um bicho grande, forte e preto chegar e ser solto nas planícies. Passadas quase três décadas, este animal, conhecido por búfalo, demonstrou que se

adapta excepcionalmente bem no “sol e no mar”. E, atualmente, embora todos os 311 municípios paranaenses tenham bubalinos e a maior concentração fique em Paranaíba, ao norte do estado, grande parte dos criadores está justamente no litoral, aproveitando as terras improdutivas.

A vida na região não é fácil, constituindo-se em atos contínuos de sobrevivência e até de heroísmo. Um dos exemplos de se tentar algum empreendimento nestas terras está na Fa-

zenda Estrela, de 2.500 hectares, situada no município de Morretes, a cerca de 90 quilômetros de Curitiba. A propriedade, às margens do rio Cubatãozinho, recebeu os primeiros animais — da raça holandês — que vieram transportados em pequenas embarcações em 1967. “O acesso era muito difícil e percorríamos 40 quilômetros rio acima, a partir da baía de Guaratuba, em barcos pequenos”, recorda Sérgio Chaves Cavalcante, proprietário da fazenda adquirida por seu pai em 1963. Antes das tentativas com bovinos, a família Cavalcante experimentou a agricultura, plantando café, arroz e árvores frutíferas. Colheu só frustrações e prejuízos.

Em 1968, chegaram 64 imponentes cabeças de gado nelore, guzerá, gir e canchim, em nova tentativa com bovinos. No final de três anos, o saldo foi

Demolidor de cercas é mito

“O búfalo é igual ao homem: sem comida, água e mulher ele pula mesmo a cerca”. Com este comentário bem-humorado, o ex-presidente da Associação de Bubalinocultores do Paraná (Abupar), Sérgio Chaves Cavalcante, pretende enterrar de vez o mito de que a espécie é especialista em demolir cercas. “É evidente que se faltar um destes itens qualquer animal se perturba e não é diferente com os bubalinos”, acrescenta.

As dificuldades que Cavalcante enfrenta como criador não decorrem exatamente dos animais, mas do apodrecimento precoce dos mourões que compõem a cerca. “No litoral”, observa, “não há poste que resista por muito tempo, e praticamente a cada dois anos iniciamos a reposição”. Em vista disso, na sua fazenda, ele vem experimentando uma cerca viva de maricás que formará em um ou dois anos uma barreira natural, separando os piquetes entre si e estas das estradas. Para quem se interessar pela idéia, o bubalinocultor dá um conselho: é necessário plantar os mourões de maricá com os galhos a 1,80 metro ou dois metros do solo, caso contrário, os búfalos se alimentam dos brotos, o que compromete o crescimento da árvore.

Estudar o búfalo — Ao mesmo tempo em que desmistifica os animais como eméritos Abupar diz não entender o porquê de tantas falácias divulgadas em torno da espécie. “O búfalo é extremamente dócil, rústico, fértil e longo”, ressalta. Na sua opinião, os maus resultados talvez advenham de produtores que manejaram o bubalino como o bovino, o que considera “um grande erro”.



Cerca-viva de maricás, que brota em estaca (foto menor)

Segundo ele, o búfalo é mais sensível, tem olfato mais apurado, enxerga melhor e é mais curioso que o bovino.

“Em termos econômicos, o búfalo só tem vantagens”, enfatiza, enumerando a precocidade (o búfalo é abatido com um ano a menos que o bovino), a longevidade e fertilidade (vacas acima de 20 anos continuam parindo bezerras normalmente) e o maior teor de gordura no leite. “Com cinco litros de leite de vaca búfala se faz um quilo de queijo mozzarella”, argumenta, “enquanto são necessários 11 litros de leite de vaca holandesa para o mesmo fim”. A explicação está no teor de gordura que, no caso dos bubalinos, atinge a oito por cento, contra três por cento, em média, nos bovinos.

Os problemas atuais dos búfalos, para Cavalcante, estão no desconhecimento do animal. “Ainda sabemos muito pouco, precisadas e aptidões”, sentença. Apesar da falta de dados, revela que alguns produtores, em controles particulares, comprovaram um ganho de peso maior do búfalo comparativamente ao bovino numa mesma pastagem. “Em territórios idênticos”, conta, “os bubalinos ganharam 700 gramas/dia,

enquanto um rebanho de bovinos mestiços e anelados alcançou 250 gramas/dia”. Ele admite que para esta performance o búfalo consome mais pasto, “mas em compensação não é exigente quanto à qualidade da alimentação”, lembra.

Cabral se enganou — Também algumas confusões prejudicam a imagem do búfalo existente no Brasil, que, embora forte, não é agressivo. “Muita gente ainda confunde o nosso búfalo, de origem asiática”, esclarece, “com os bisões americanos ou o homônimo africano, animal realmente selvagem e não-domesticável”. E para não deixar dúvidas de que acredita no futuro da espécie, Sérgio Cavalcante afirma que “se Cabral tivesse trazido búfalos nas caravelas, em vez das vaquinhas, nossa pecuária estaria bem mais adiantada”.

Seja como for, para vencer o desconhecimento que ainda gravita ao redor dos bubalinos, a Secretaria da Agricultura do Paraná, através do Programa de Produção Animal, está criando o Centro Estadual de Bubalinocultura. O centro funcionará numa das fazendas do Iapar, em Morretes, litoral do estado, com o propósito de pesquisar, prestar assistência técnica e divulgar conhecimentos de genética, sanidade e manejo.

extremamente negativo: animais magros, duas mortes e não houve um único nascimento de bezerros. A solução foi trocar, em 1972, os 62 zebuínos que restaram por 32 búfalos, num investimento considerado como derradeiro.

“Saltou aos olhos” — A opção pelo búfalo, segundo Sérgio Cavalcante, da recém-criada União Paranaense das Associações de Criadores (Upac) e ex-presidente da Associação de Bubalicultores do Paraná (Abupar), “aconteceu até por curiosidade”. O tempo, entretanto, mostrou os resultados que, conforme ele, “saltaram aos olhos”. Sérgio e o pai se surpreenderam com a rapidez no crescimento, a prolificidade e a assimilação de pastos de qualidade inferior. “Ficamos espantados”, lembra, acrescentando que o búfalo digere e converte plantas que bovino algum conseguiria digerir. “A sua capacidade digestiva é fenomenal”, exalta, comparando-a, como bom engenheiro, a uma verdadeira “betoneira”.

Os frutos do investimento em bubalinos que o criador colhe hoje tiveram origem num manejo integrado. Como grande parte dos 2.500 hectares se constituem em morros e florestas, restou para a agropecuária cerca de 30 por cento da área. O primeiro passo do ma-

nejo foi se precaver contra as molecagens do rio Cubatãozinho, que teimava em invadir as terras vez por outra. Isto foi obtido através da construção de 23 quilômetros de canais de drenagem, o que recuperou para a pecuária 500 hectares de banhados, onde pastejam hoje as 700 cabeças de bubalinos das raças mediterrâneo e murrah.

O sistema de drenagem aquietou o

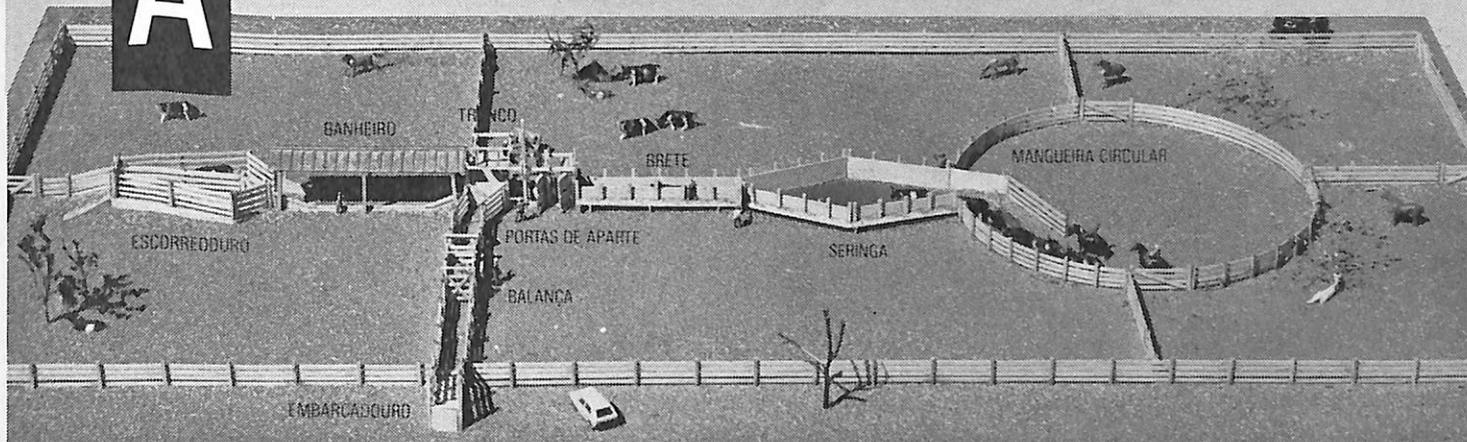
Cubatãozinho, que deixou definitivamente de pregar peças, e transformou o antigo banhado em área útil para pastagem. Ali, não só voltaram a crescer plantas características da região como a qualidade do pasto foi enriquecida com humidícola, um capim que se adaptou bem ao solo. Existe ainda na propriedade o temível tanner-grass, considerado tóxico para os bovinos se ▶



Cinco fios de arame liso: se tiver pasto, segura

A

MUTTONI REALIZA SEU SONHO DE ONTEM



AMANHÃ DE MANHÃ.

AS INSTALAÇÕES COMPLETAS **MUTTONI** OFERECEM QUALIDADE, RAPIDEZ E SEGURANÇA NO MANEJO COM BOVINOS, EQUINOS E OVINOS.

TODOS OS ARTIGOS SÃO CONSTRUÍDOS

EM MADEIRA DE LEI TRATADA. ASSESSORAMENTO E ASSISTÊNCIA TÉCNICA.

PROJETOS ESPECIAIS - MONTAGEM E INSTALAÇÃO EM TODO O BRASIL.

GUSTAVO MUTTONI & CIA LTDA.

Rua Porto Alegre, 120 - km 285 - BR 116

Tel.: (0512) 80-1533 - 80-2764

Caixa Postal 86 - CEP 92.500 - GUAIBA - RS



TRADIÇÃO MUTTONI DESDE 1879



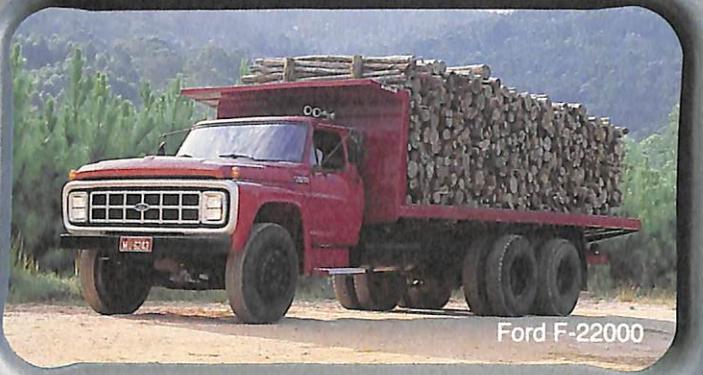
Ford F-4000



Ford F-11000



Ford F-14000



Ford F-22000

Linha F não escolhe o



Aqui você encontra tudo o que o seu caminhão precisa. São 252 extensões da própria Ford em todo o País.

Para vencer qualquer desafio, use a força. Escolha um Ford linha F.

Além de ganhar na força, você ganha na durabilidade, na versatilidade e na robustez.

Sem contar a economia que a linha F proporciona: você tem custos mais baixos, seja na aquisição, seja na manutenção.

Todas essas vantagens podem ser traduzidas numa única palavra: confiança.

Há sempre um Ford linha F na medida da sua necessidade. Desde uma pequena entrega urbana até um pesado trabalho fora da estrada.

Ford linha F não escolhe a tarefa. Executa.

E você ainda dispõe de uma rede nacional de assistência técnica especializada, mobilizando os 252 Distribuidores Ford de Caminhões em todo o País.

Isto é Ford. Caminhão pra valer.

FORD CAMINHÕES



CAMINHÃO PRA VALER.

trabalho.Faz.

CAPIM-ELEFANTE



REBROTE
MUDAS FORRAGEIRAS

A boa qualidade do volumoso é economia na alimentação!

A PESQUISA CIENTÍFICA RECOMENDA

MERCKER 86 MÉXICO
MERCKERON PINDA
TAIWAN-A 144
TAIWAN-A 146
TAIWAN-A 241
URUCKWONA

GRANJA S. VICENTE

Av. Cristóvão Colombo, 3038/204
Porto Alegre - RS

Informações pelo
FONE: (0512) 72-3113

PRODUÇÃO LIMITADA

Um inseticida mortal contra piolho: timbó

ingerido continuamente, mas que nenhum mal causou aos búfalos até o momento.

Este melhoramento geral refletiu-se imediatamente na lotação dos animais que, de duas cabeças por alqueire (2,4 hectares), elevou-se para três. Ao lado disso, medidas sanitárias habituais como a evermifugação dos adultos a cada seis meses e dos bezerros mensalmente, aliados a outros controles, propiciaram uma elevada taxa de natalidade, sendo que somente no ano de 86 a Fazenda Estrela contabilizou 200 novos bezerros, metade fêmeas e metade machos.

Nem mesmo o maior inimigo da espécie, o minúsculo piolho, foi esquecido. Com uma fórmula caseira à base de timbó, planta de alto teor de toxidez, o piolho simplesmente desapareceu. Sérgio Cavalcanti dilui um quilo

de raízes da planta triturada em 100 litros d'água e banha os animais à sombra, com o cuidado de não expô-los ao sol, a não ser após uma hora.

Com o animal calibrado nos diversos aspectos, ele tende a responder em curto período. Desta forma, os bubalinos no litoral, num espaço de 24 a 30 meses, ou entre dois a 2,5 anos, alcançam 480 quilos de peso vivo ou 16 arrobas (240 quilos) no frigorífico, enquanto os búfalos em Araçatuba/SP, por exemplo, em 18 meses proporcionam, depois de abatidos, 18 arrobas (270 quilos) de carne. "Nesta comparação, não diria que estamos muito bem, mas nos encontramos em índices acima dos razoáveis", admite Sérgio Cavalcante, que em breve iniciará o plantio de arroz irrigado, numa integração de áreas com a pecuária bubalina. □

TABAPUÃ

Dr. ALBERTO ORTENBLAD



Fazenda Agua Milagrosa

Cx. Postal 23 Tel.: PABX (0175) 62-1117
15880 - Tabapuã - SP

**RUSTICIDADE,
FERTILIDADE E GRANDE
GANHO DE PESO.
TABAPUÃ, A RAÇA FEITA
PARA O BRASIL.**

Escritório no Rio:

Rua da Assembléia, 92, 10º and.
CEP 20011 - Rio de Janeiro, RJ
Tels.: (021) 242-0297 e 222-1818

Apenas 256 animais criaram 1,5 milhão

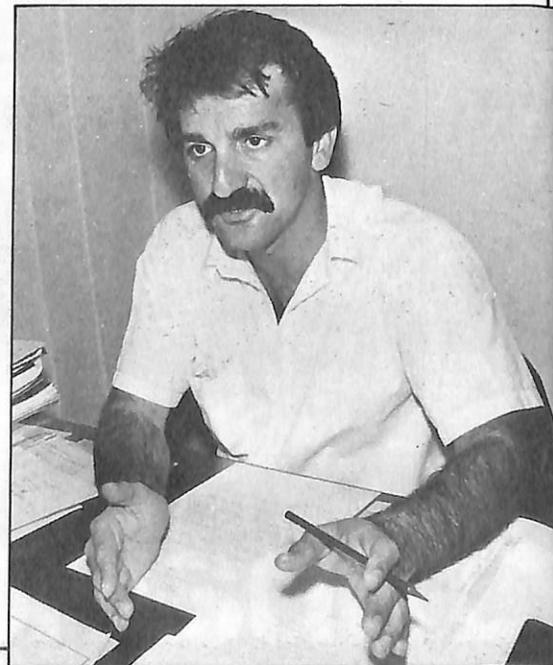
A consangüinidade é um dos mais sérios problemas da bubalinocultura brasileira, cujo rebanho está avaliado em cerca de 1,5 milhão de cabeças que tiveram origem em apenas 256 animais importados. A maioria destes búfalos ficou esquecida durante muito tempo na ilha de Marajó, no estado do Pará, e ali tratou apenas de sobreviver, passando a cruzar-se indistintamente.

A situação não é diferente no Paraná, onde o rebanho de 150 mil cabeças começa a apresentar os efeitos da degenerescência. O impasse tem uma única solução: importar sêmen de animais indianos. Pelo menos é o que vem sustentando a Associação de Bubalinocultores do Estado (Abupar) e os próprios técnicos da Secretaria da Agricultura. A iniciativa de ambos os órgãos, entretanto, esbarra nas barreiras sanitárias erigidas pelas autoridades brasileiras que temem a vinda, junto com as ampolas de sêmen, de vírus de doenças exóticas que não existem no país.

Os registros demonstram que a última importação de bubalinos ocorreu em 1960, mas com um número reduzido de exemplares. "Por isso", defende Ademir Gracciotin,

tin, assessor técnico e coordenador estadual do Programa de Produção Animal da Secretaria da Agricultura, "lutamos para um refrescamento imediato no sangue dos animais para evitar-se degeneração maior da espécie".

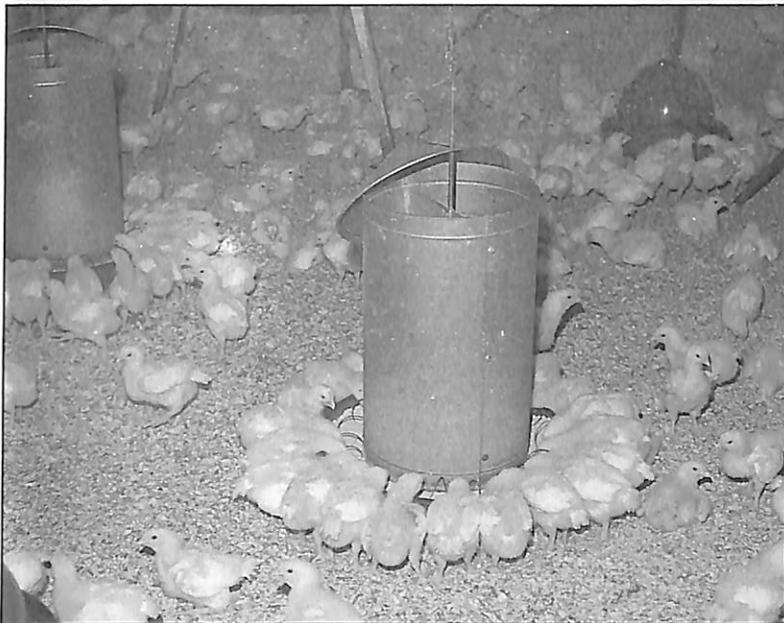
A argumentação dos criadores paranaenses para trazer o material genético é que, no caso de sêmen congelado, os riscos de importar também vírus praticamente desapareceriam. Superado o entrave com as autoridades sanitárias, o objetivo será adquirir o sêmen durante o Congresso Mundial de Bubalinos, que se realizará na Índia, em novembro deste ano.



Gracciotin:
por um refrescamento
imediato de sangue

É a maior crise dos últimos vinte anos

Os números são violentos: em março, nas granjas paranaenses, o quilo de frango vivo valia Cz\$ 59, e em abril subiu para Cz\$ 64. Contra um custo de produção nunca inferior a Cz\$ 84



Lotes de pintos: vão custar mais para virar frangos

A passagem de ano para a avicultura paranaense não teve felicitações. Os tropeços sucessivos da política do governo na área econômica tiraram o fôlego dos produtores e frigoríficos, que nunca haviam convivido com uma crise de tais proporções em 20 anos. As medidas de contingenciar as exportações de frangos de corte e arrochar gradativamente o poder de compra dos salários causaram uma situação atípica no mercado. Os reflexos perduram até hoje: o Brasil perdeu mercados compradores no exterior e o povo ficou sem ter como adquirir a produção, pois os salários estavam achatados. Apesar disso, o Paraná conseguiu manter sua posição de vice-líder no plantel de aves de corte com 56 milhões de cabeças — dados do IBGE — e terceiro em produção de frangos e ovos, respondendo por uma fatia, respectivamente, de 16 e 10 por cento do bolo nacional.

Com as medidas, a superoferta foi inevitável, reduzindo os preços de forma drástica, em prejuízo de produtores e frigoríficos. Por isso, as indústrias re-

solveram alorjar mensalmente 110 milhões de pintos, de certa forma programando os abates às necessidades do mercado interno e externo. No entanto, indicadores como a elevação na arroba do boi e a redução dos abates de aves podem ocasionar uma revisão deste posicionamento. Ao mesmo tempo, assustados com a expectativa de uma queda brusca nos valores do frango, os produtores passaram a espaçar mais os lotes encaminhados para a engorda, evitando assim um aumento da oferta.

Os efeitos já começaram a ser notados. Em março, o quilo do frango vivo em nível de granja era comercializado a Cz\$ 59,00. Durante o mês de abril reagiu e foi cotado em Cz\$ 64,00, para um custo de produção ainda elevado, em torno de Cz\$ 84,00 a Cz\$ 86,00 na granja.

Exportações reativadas — Por outro lado, o setor exportador se ressentiu bastante das conseqüências do Plano Cruzado. Em 1986, o país exportou 225 mil toneladas, número que caiu para 214 mil no ano passado — o pior comportamento desde que o Brasil iniciou a exportação, em 1978 —, para uma produção global de 1,8 milhão de toneladas. Despertada para o problema, a Associação Brasileira de Exportadores de Frango (Abef) vem tratando de recuperar os mercados perdidos durante o plano de euforia do governo, especialmente o Iraque e o Egito, e também buscando novos compradores, onde os Estados Unidos, com sua produção altamente subsidiada, ainda não conseguiram entrar. É o caso de Cuba, o que poderá aumentar a exportação de 1988 para 220 mil toneladas, acusando uma recuperação (ver Quadro 1).

Fruto do grande alojamento de poedeiras — o que também aconteceu nos ▽

Produção de carne de frango/toneladas			
	86	87	88
Paraná	270 mil	298 mil	298 a 300 mil*
Brasil	1,65 milhão	1,85 milhão	1,85 milhão*
Fonte: IBGE — Abates sob inspeção federal * Estimativa Deral			
Produção de ovos/ dúzias			
	86	87	88
Paraná	108 milhões	120 milhões	120 a 130 milhões*
Brasil	0,83 bilhão	1,3 bilhão	1,3 bilhão*
Fonte: Deral (dados extra-oficiais) * Estimativa			

Luta por farelo de soja e milho sem ICM

frangos de corte —, a postura foi, segundo os técnicos, o segmento mais atingido, pois não conta com o mercado externo para oferecer uma alternativa de recuperação mais rápida e depende exclusivamente do mercado interno, que sabidamente não suporta majorações sucessivas nos preços. No final do ano, o produtor recebia por dúzia de ovos entregue (ovo tipo grande) Cz\$ 18,00. A situação somente apresentou

melhora a partir de fevereiro, quando a dúzia aumentou 43 por cento, passando para Cz\$ 26,00. Em março, novo aumento. Desta vez de 62 por cento, elevando a dúzia para Cz\$ 42,00. Entretanto, os especialistas do mercado acreditam que a alta tenha sido motivada artificialmente, uma vez que nos primeiros dias de abril o preço da dúzia caiu para Cz\$ 37,00.

Mesmo combatido, o setor oferece

boas perspectivas para 88. Para a zootecnista Teresa Cristina Pereira, do Departamento de Economia Rural (Deral), da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento, os avicultores acreditam na superação da crise, pois já sabem onde pisar depois da euforia do Cruzado. “Agora todos estão mais conscientes e trabalham com margens mais seguras”, enfatiza. Ao mesmo tempo, o estado verifica a possibilidade de retirar o Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM) de insumos agrícolas como farelo de soja e milho, o que aliviaria muito o bolso dos produtores, pois são componentes essenciais na alimentação, sendo o primeiro corrigido pela variação do dólar e o segundo pelo preço mínimo.

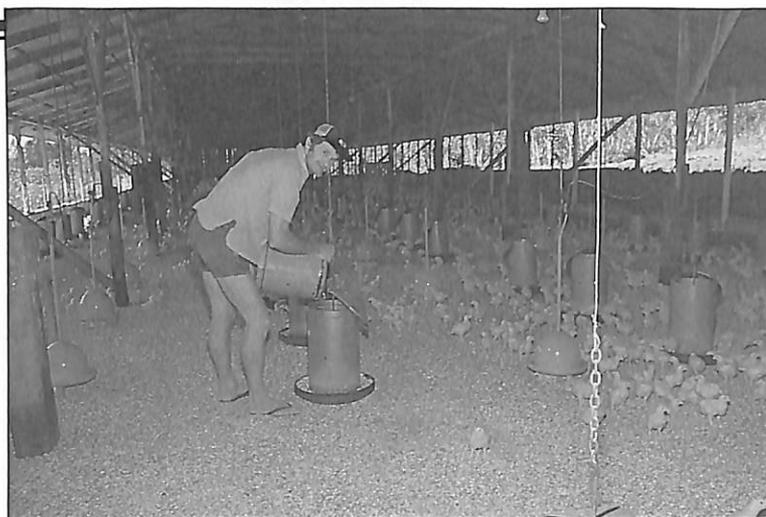
A prova provada

“...Não posso mais assinar **A Granja** por falta de poder aquisitivo. No ano passado, para um lote de nove mil frangos, ganhei, em média, Cz\$ 20 mil. Hoje, com toda a inflação, ganho, pelos mesmos frangos, apenas Cz\$ 25 mil e em 60 dias.”

Este trecho da carta do produtor Armino Thielke, de Medianeira, publicado na Caixa Postal da última edição de **A Granja**, chamou a atenção da reportagem por dois motivos: primeiro, pela sinceridade e, segundo, por denunciar a situação em que se encontram milhares de avicultores brasileiros. E fomos visitar sua propriedade, conhecida na região por Chácara Recreio do Paraíso, onde o avicultor se estabeleceu em fevereiro de 1981, após ser desalojado de Itacorá, município que hoje está totalmente coberto pelas águas do lago da hidrelétrica de Itaipu.

Carpinteiro de profissão, Armino Thielke, 46 anos, gaúcho de Panambi (cidade distante 380 quilômetros de Porto Alegre), chegou a Itacorá em maio de 1964, atraído pela promessa de uma vida melhor. Adquiriu uma área de seis hectares, onde plantava trigo e soja e explorava a madeira existente na região, especialmente canafistula, marfim, cedro e angico. Foi a madeira que lhe deu capital para mudar-se para Medianeira, quando soube que teria de sair da “terra prometida”, onde ele, a esposa e duas filhas passaram 17 anos. “A notícia nos partiu ao meio”, recorda emocionado, ainda mais que todos já tinham se acostumado à região, apesar de muito distante dos centros de comercialização.

Com o dinheiro da madeira e mais um pouco da indenização — pendenga que ainda continua na Justiça —, ele conseguiu adquirir um hectare em Medianeira por Cr\$ 830 mil. Era fevereiro de 1981. Com um pedaço de terra tão pequeno, Armino Thielke



Thielke: empobrecimento progressivo

não teve outra alternativa a não ser partir para a avicultura. As economias ainda possibilitaram a construção de uma confortável casa e de um pavilhão de 92 por 11 metros, equipado com dois aquecedores à lenha, 110 bebedouros automáticos, além de outros 100 manuais, e 200 comedouros.

“Integração sustenta” — No início, o produtor criava 4.500 pintos, que de 45 a 60 dias chegavam ao ponto de abate. O lote pronto lhe rendia Cr\$ 62 mil, o equivalente a 12 ranchos gordos nos mercados da região. “Hoje, apesar de ganhar em cruzados, o dinheiro de um lote dá, no máximo, para dois ranchinhos e muito dos mixurucas”, compara com simplicidade. Para ele, o que está acontecendo com o setor primário é culpa do governo, “que estimulou a produção através do Plano Cruzado e resolveu dar para trás, complicando todo mundo”.

Mesmo com as dificuldades, Armino Thielke não pretende abandonar a avicultura. “Veja só o capital que está empregado nas instalações”, diz, apontando para o pavilhão recentemente reformado. Mas admite que, se “a coisa piorar muito”, terá que novamente mudar de endereço. “O problema é que não se pode ir de galho em galho, até porque pobre, quando encontra um ga-

lho vazio, ele está seco”, brinca.

Sobre o sistema de integração, o produtor acredita que é a salvação dos avicultores nos momentos de crise. “É uma garantia”, reconhece, “pois se não fosse isso, o que seria de mim e da minha família, hoje?” Pelo último lote entregue, o produtor recebeu líquido Cz\$ 28.598,70, resultado da entrega de 7.300 aves, de um total de oito mil pintinhos. O líquido é fruto da diminuição do total, Cz\$ 104.520,00, menos Funrural, Cz\$ 2.613,00, e descontos com insumos, Cz\$ 71 mil. Assim, por cabeça entregue ao Frigorífico Rouxinol, de Foz do Iguaçu, o avicultor recebeu Cz\$ 3,91.

Apesar das dificuldades e lembrando que desde 1986 não compra um eletrodoméstico para sua casa, Armino Thielke acredita que as coisas vão melhorar. Aprontando cinco lotes por ano, ele espera que haja uma redução este ano, “pois a situação está difícil para todo mundo”. Prova disso é que o seu aviário, projetado para receber 10 mil frangos, hoje abriga somente 6.800.

Nos dez mil metros quadrados, ele dispõe ainda para consumo próprio de três suínos, uma vaca leiteira e dois bezerras, 20 poedeiras e um pomar com laranjeiras, bergamoteiras, limoeiros e bananeiras, além de 1.200 pés de eucalipto para lenha.

Engorde seu lucro com Bovifort + Cobalject



O modificador orgânico que revigora seu rebanho.

Bovifort e Cobalject, associados, constituem um **modificador orgânico duas vezes mais potente**. É a qualidade Propec dando nova vida ao seu rebanho e oferecendo a você dose dupla de lucro. A força regeneradora de Cobalject, obtida a partir de uma solução de cobalto, aliada ao complexo vitamínico presente em Bovifort atuam como corretivo nas deficiências nutricionais, estimulando as funções orgânicas do animal e aumentando tanto o seu peso vivo na invernada, como sua carcaça no frigorífico. Bovifort + Cobalject melhora o estado do gado fraco



e demonstra sua eficiência como auxiliar no tratamento e prevenção de doenças e nos pós-cirúrgicos, apresentando as seguintes propriedades:

- * regula o metabolismo;
 - * aumenta o índice de fertilidade;
 - * estimula o apetite;
 - * promove a total assimilação das proteínas;
 - * proporciona crescimento muscular e ganho de peso adicional.
- Os resultados aparecem já na primeira aplicação. Bovifort + Cobalject. O legítimo modificador orgânico.

PROPEC - Indústria e Comércio de Produtos Agropecuários Ltda.

MATRIZ - CURITIBA - PR
Rua Padre Camargo, 250
Bairro Alto da Glória - CEP 80060
Cx. P. 727 - Tel. (041) 262-4753 (PABX)

ADMINISTRAÇÃO CENTRAL DE VENDAS - CURITIBA - PR
Rua Padre Camargo, 250
Bairro Alto da Glória - CEP 80060
Cx. P. 727 - Tel. (041) 263-4733

**LABORATÓRIOS E INDÚSTRIAS:
CAMPINA GRANDE DO SUL - PR**
Estrada do Timbu Velho, s/nº
CEP 83430 - Tel. 772-1212

EQUIPE DE VENDAS CTB
Cx. Postal 727
CURITIBA - PR

EQUIPE DE VENDAS MNS
Cx. Postal 93
BETIM - MG

EQUIPE DE VENDAS SPL
Cx. Postal 960
BAURU - SP

EQUIPE DE VENDAS MGS
Cx. Postal 168
CAMPO GRANDE - MS

EQUIPE DE VENDAS RGS
Cx. Postal 166
SANTA MARIA - RS

EQUIPE DE VENDAS GSS
Cx. Postal 1.181
ANAPÓLIS - GO

Aqui, mais espécies que valem dinheiro

As leguminosas
siris-indiano
e *Acacia mangium*
(esta pode substituir
o eucalipto)
alimentam animais
e fornecem madeira

Conhecida por ser a terra dos can- gurus e dos grandes rebanhos de ovelhas, a Austrália também se destaca pela importância que dá a seus recursos florestais. Afinal, bem mais que a metade de seu território é ocupada por um deserto quente e seco, que às vezes lembra o cerrado e outras a caatinga nordestina. Por isso, os australianos estão sempre pesquisando novas essências que se adaptem a seu inóspito clima e permitam uma utilização racional.

Não satisfeitos com o sucesso do eucalipto australiano — uma árvore mirtácea que possui mais de 600 variedades e se espalhou pelo planeta, dando madeira, postes, quebra-ventos, sombra, comida para abelhas e essências aromáticas e medicinais —, os pesquisadores australianos descobriram agora duas novas espécies para conquistar as áreas tropicais e subtropicais com a mesma rapidez que o eucalipto. Trata-se do siris-indiano (*Albizia lebbek*) e a *Acacia mangium*, duas leguminosas que servem tanto para reflorestamento madeireiro como para a alimentação de bovinos.

Originário da Índia e de Burma, onde seu habitat se estende desde as florestas tropicais até os vales do Himalaia, o siris tem sido plantado em grande escala pelos agricultores australianos do estado de Sunshine State e começa a se expandir para o norte do país, no estado de Queensland. Segundo o pesquisador John Prinsen, “o siris proporciona não apenas sombra co-



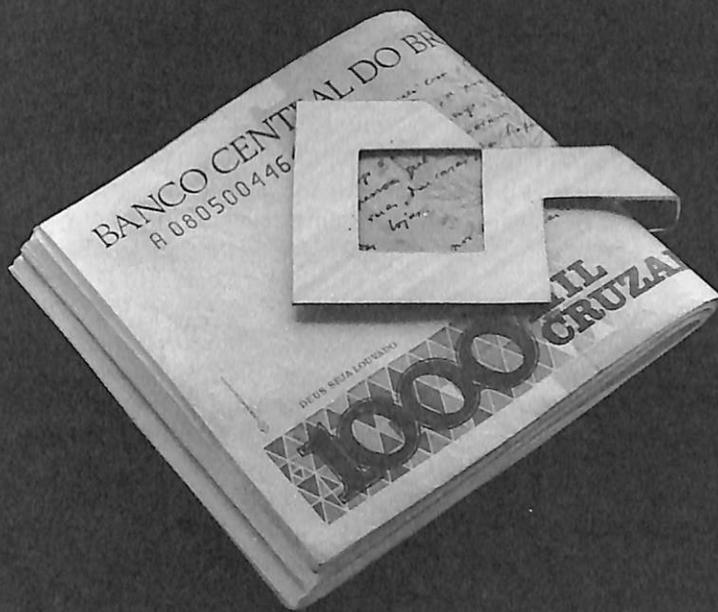
Acacia mangium:
até 30m de
altura e 80cm
de diâmetro de caule

mo também uma forragem valiosa, pois suas folhas são nutritivas e saborosas. Com o tempo”, continua ele, “se transforma numa grande árvore, com galhos baixos e esparramados”. Prinsen acredita que, apesar do siris-indiano gostar de condições úmidas, parece adequado para áreas com precipitação pluvial abaixo de 400 milímetros, tolerando maresia e solos com alto índice de salinidade.

Embora menos produtivo que a mais conhecida leucena — leguminosa tropical muito utilizada no Brasil —, o siris tem a vantagem de produzir forragem desprovida dos problemas de toxidez e tem mais resistência às geadas. A planta produz semente em abundância, que necessita ser embebida em água fria por 48 horas antes do plantio ou sub-

mersa em água fervente e depois resfriada por 24 horas. Os dois métodos incrementam a germinação. “A plantação direta é possível”, diz Prinsen, “mas o primeiro crescimento é demorado”. A partir de uma experiência com plantas de 15 meses, com brotos podados em cinco centímetros e raiz de 25 centímetros, a sobrevivência resultou em 100 por cento. Após quatro anos, as plantas mediam cinco metros de altura.

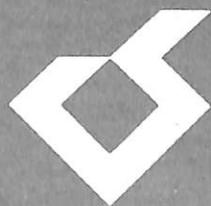
“Lixo protéico” — O conteúdo de proteína crua das folhas novas do siris-indiano é de 23 por cento e mesmo o lixo de folhas caídas e secas contém mais de 10 por cento de proteína — o suficiente para uma alimentação adequada de bovinos após a queda das folhas no inverno. Ao mesmo tempo, as árvores▷



POUPANÇA FORTE COM CRÉDITO EXTRA Uma garantia de renda.

Além de renda e segurança,
a Poupança Forte
proporciona um Crédito Extra.
Agora, diante de qualquer
imprevisto, você não precisa
sacar da poupança porque
conta com a garantia de
renda da Poupança Forte.
Se poupança é bom, na
Caixa Estadual é ainda
melhor.

Fale com o gerente. A solução é na hora.



CAIXA ESTADUAL

GOVERNO
PEDRO SIMON

Uma acácia com boa madeira e ótimo carvão

suportam uma rigorosa poda e, desta forma, a alimentação de verão pode ser proporcionada pelo desbaste dos galhos. Numa experiência em Brian Pastures Research Station (Estação de Pesquisa de Pastagens de Brian), perto de Gayndah, Queensland, as árvores que foram cortadas até perto do caule principal produziram, em três meses, brotos de até 3,5 metros de comprimento.

Com sua habilidade de firmar-se ao solo e tolerância à salinidade, o siris-indiano parece uma boa escolha para a conservação de solos de plantações, especialmente os solos já esgotados. Da mesma maneira, é uma excelente fonte de mel de alta qualidade e produz uma madeira apropriada para a construção de móveis e utensílios.

Acácia do carvão — Já conhecida no Brasil, onde vem sendo estudada por pesquisadores da Epamig (Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais), como alternativa para reflorestamento do Vale do Rio Doce, a *Acacia*

mangium é uma leguminosa de rápido crescimento (o primeiro corte pode ser feito aos seis ou sete anos) e ocorre naturalmente em altitudes que variam de 100 a 420 metros. As condições de solo e clima do Vale do Rio Doce são semelhantes às condições de algumas regiões Australianas e, por isso, a acácia é apontada para substituir o eucalipto em terras mineiras, uma vez que os eucaliptais vêm sendo atacados por uma doença chamada “seca-de-ponteiros” e também por fungos do cancro e da ferrugem.

A acácia adulta atinge até 30 metros de altura e 80 centímetros de diâmetro de caule. Sua madeira pode ser usada na fabricação de móveis, ripas, chapas de madeira, revestimento externo de embarcações e lenha. Por outro lado, suas raízes são propícias para desenvolverem rizóbios, que ajudam a incorporar o nitrogênio no solo.

Além destas qualidades, a madeira dessa essência florestal é de alta densi-



Mangium: folha diferente da acácia comum

dade e seu poder calorífico é de cerca de 4.900Kcal/quilo, o que equivale dizer que sua madeira pode produzir um excelente carvão vegetal. Para Minas Gerais, esta propriedade é de extrema importância, pois o estado é o maior plantador de madeira energética e também o maior consumidor de carvão vegetal do país.

Atenção: este cogumelo mata

O mal-do-eucalipto, enfermidade que causa até a morte de bovinos, não está relacionado diretamente com a árvore, mas sim a um cogumelo do gênero Ramaria que cresce à vontade no eucaliptal. O cogumelo tem o aspecto de uma couve-flor e é de cor amarelada ou marrom-clara, provocando nos animais salivação intensa, queda de pê-

los na extremidade da cauda, descolamento da parte óssea dos cascos e dos chifres, entre outros sinais.

Os primeiros indícios da doença apareceram em 1958 e, a partir de então, os pesquisadores realizaram experimentos com diversos animais, submetendo-os a quantidades variadas do cogumelo. Os professores Cláudio Severo Lombardo de Barros, Murilo Nogueira dos Santos e Severo Sales de Barros, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), estudaram a doença, relacionado-a com o cogumelo Ramaria flavo-brunnescens. Em vários trabalhos, relata-

ram a sintomatologia de lesões macroscópicas observadas em intoxicação experimental em bovinos e determinaram a quantidade letal para os animais.

Os pesquisadores concluíram que são necessárias doses mínimas diárias de aproximadamente cinco gramas do cogumelo por quilo de peso vivo do animal, durante cinco dias, para produzir os primeiros efeitos da doença. Para provocar a morte, bastam 20 gramas por quilo, em 18 dias, ou uma única dose de 36 gramas por quilo. Os sintomas aparecem a partir do quinto dia, quando as ingestões do cogumelo forem entre cinco e 27 gramas por quilo vivo e têm como características a sialorréia (salivação excessiva), emagrecimento, queda dos pêlos da extremidade da cauda e atrofia das papilas da língua.

As lesões macroscópicas mais importantes, nos animais necropsiados, foram ulcerações na língua e no esôfago, enquanto microscopicamente foram identificadas lesões degenerativas, necrose e infiltrado inflamatório das mucosas, hemorragias e discreta reação inflamatória do sistema nervoso central. Nos casos naturais da doença, os pesquisadores observaram ainda o afrouxamento dos cascos na altura da coroa e desprendimento da parte córnea dos chifres, além de opacidade da córnea com hemorragias na câmara anterior do olho. Os animais apresentam-se cegos e cambaleantes.



Ramaria: dose de 36 gramas por quilo vivo mata

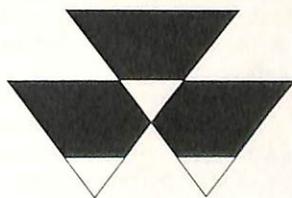
A FORÇA DA FAMÍLIA.



É uma família numerosa: 16 modelos de tratores, cada um com seu jeito, sua personalidade, para você encontrar sempre o parceiro ideal para o trabalho na sua propriedade.

Uma coisa eles têm em comum: a força. E muita raça, para enfrentar um dia-dia que você, melhor que ninguém, sabe que não é fácil.

Para isso, eles nascem com a herança que só a família Massey Ferguson pode oferecer. A enorme experiência. A tecnologia mais avan-



MASSEY-FERGUSON

A FORÇA DA FAMÍLIA.

çada e confiável. A eficiência da maior rede de assistência técnica, sempre a postos, sabendo o quanto é importante o máximo em desempenho pelo máximo de tempo.

Por isso, você olha em volta, olha para seus vizinhos, para a sua região, e vai ver que os tratores Massey Ferguson são os líderes da nossa terra, com metade da frota nacional.

Na hora de escolher, fique com Massey Ferguson: a família que tem a força correndo nas veias.

Ecologia e praticabilidade

É extremamente saudável e encorajador perceber que a palavra "ecologia", há alguns anos atrás praticamente desconhecida, é hoje palavra comum no vocabulário dos brasileiros. Aqui na Fazenda Pau D'Alho, quase não passa uma semana sem que não se receba alguma comunicação de um ou outro grupo dedicado ao trabalho em prol da defesa das reservas florestais; da fauna do Pantanal depredada pela caça indiscriminada; dos rios poluídos pela garimpagem descontrolada ou uso pelas fábricas e usinas como esgotos.

Da mesma maneira, os meios de comunicação têm contribuído, revelando abusos e promovendo a idéia da necessidade de conservação dos recursos nesta época de desenvolvimento acelerado das fronteiras do Brasil. É alentador saber destes fatos, e o crescimento de consciência sobre um assunto de tão grande importância. No entanto, tenho a impressão de que o entusiasmo e energia de todos poderiam ser mais eficazes se fossem melhor coordenados entre si; e se dessem mais ênfase à sua interpretação mais prática da concepção de ecologia. Pois não é o fim da ecologia encontrar meios para que o homem possa aproveitar a natureza, vivendo em harmonia com ela?

Para mim, os aborígenes da Austrália têm a religião mais bonita que existe, porque é baseada no dever de preservar a natureza exatamente como ela foi criada. Mas, infelizmente, sabemos que desde que o homem meteu uma enxada no chão, esta preservação não era mais possível. Porém, do mesmo jeito que o homem pode destruir seu ambiente, ele pode melhorá-lo. O principal é descobrir e ensinar como fazer isto em termos práticos. Pois, também, quem vive diretamente da natureza, como nós agricultores e pecuaristas, precisa tirar dela o máximo com o mínimo custo, para poder sobreviver dentro da profissão.

O importante, porém, é lembrar que para continuar sempre tirando o máximo, precisamos tratar bem e saber dos limites do recurso. Por isto, dou imenso valor aos pecuaristas das regiões secas dos Estados Unidos e do *outback* australiano, que se limitam a colocar nunca mais de uma cabeça de gado por 10 alqueires nos seus pastos, sabendo que a abundância de capim que cresce naquelas terras férteis numa época curta de chuvas precisa durar o resto do ano. Sa-

bendo também que, se colocassem um número excessivo, mesmo nas chuvas, o pisoteio logo tornaria aquelas terras um deserto. Deste grande respeito pelos *limites dos recursos*, os pecuaristas conseguem criações saudáveis — boi gordo de 18 arrobas em três anos — e um excelente retorno das áreas que seriam, de outra maneira, inaproveitáveis.

A mesma admiração tenho pelos moradores do Pantanal, que reconhecem que aquelas terras ralas e delicadas não podem suportar nem o arado nem um grande número de animais, mesmo quando o crescimento do capim está no seu máximo. Em ambos os casos, o que é ecológico e economicamente certo é reconhecer que certas regiões não comportam tecnologia intensiva, e ponto final!

Recentemente, o grande colonizador Ariosto da Riva disse que as culturas indicadas para a Amazônia são aquelas como cacau, café, seringueira e guaraná, que praticamente substituem a floresta em termos de sombra e matéria orgânica criada pela deterioração das suas folhagens. Ariosto tem razão. Mas espero que ele não esteja esquecendo que, em outros sentidos, a floresta natural em qualquer lugar que existe não tem substituição. Como protetores contra ventos fortes e chuvas torrenciais, e como conservadores de umidade, somente podem funcionar áreas relativamente grandes de florestas naturais. Reconhecendo este fato, sempre penso no agricultor sr. Yamashita, de Alta Floresta que, quando — de acordo com a lei — preservou 50 por cento das suas terras em florestas, escolheu cuidadosamente aquelas áreas de topografia altamente inclinada que nunca deveriam ser desbravadas mesmo. Pois somente a densa subvegetação das suas matas podia proteger estas terras contra a devastação e certa inutilização que teria sido criada pela erosão.

Creio que o Paraná aprendeu esta lição, e por ela está pagando hoje com geadas, secas e grandes obras na restauração das terras erodidas. Espero que os colonizadores da Amazônia tenham a visão de aproveitar as lições aprendidas no Paraná, para usá-las numa região mil vezes mais vulnerável, por ser de terras ralas sob o sol castigante do Equador.

Mas talvez mais importante de tudo é o fato de que a natureza em geral é, e sempre será, a guardiã de segredos ainda não descobertos, cuja compreensão pode ser essencial para a nossa sobrevivência. Sim, já sabe-

mos que cada praga tem seu predador, e que um elemento inofensivo e útil pode se tornar praga danosa por abuso do equilíbrio natural. Assim, o sapo é bom, porque come besouros; e a coruja é boa, porque come sapos. Mas, se desaparecem as corujas?

Sabemos também do grande valor dos fungos que controlam as cigarrinhas nos pastos, os percevejos na soja e as lagartas nos coqueiros da Bahia.

É um mundo infinito de criaturas, plantas alimentícias e medicinais que somente agora está sendo descoberto pelo homem que, em sua estreita visão, até agora tem-se dedicado à proliferação de alguns poucos animais, cereais e frutas; e ao combate às pragas e doenças com químicos. Hoje, estão trabalhando cada vez mais com este mundo da natureza para descobrir maneiras práticas e econômicas de incorporar estes elementos na tecnologia agrícola, para fazê-la mais eficaz, mais segura em termos de sobrevivência permanente. Por estas razões, precisamos compreender e vencer os outros de que é necessário ter grandes reservas nacionais e, ao mesmo tempo, reservas razoáveis em cada propriedade, para mantermos um equilíbrio saudável em nossas terras.

Como fazer isto? Em primeiro lugar, reconhecendo que o equilíbrio ecológico é coisa prática que precisa ser considerada em termos práticos. Nós não precisamos deixar a floresta amazônica como um assunto intocável. Mas precisamos ter equilíbrio e coragem na defesa do seu desenvolvimento racional. Nós não podemos jogar fora nossos defensivos químicos de uma vez. Mas precisamos reconhecer a importância dos estudos de controles biológicos e dar apoio a estas pesquisas.

Precisamos reconhecer que existe um IBDF em que a maioria das pessoas está tentando fazer um trabalho sério na preservação da natureza. E se este trabalho é ainda muito falho, é porque esta instituição relativamente nova não tem pessoas suficientemente bem-preparadas para tarefas que requerem treinamento e bastante conhecimento. Como na maioria das profissões, é este fator educacional que é mais deficiente. E, por isto, a pressão neste sentido deve ser grande, para que qualquer programa de ecologia e conservação possa ser realmente efetivo.

Ellen B. Geld



Tecnologia aumenta produção da cevada

A cevada cervejeira bateu na última safra todos os recordes históricos de rendimento. Tradicionalmente, a média de produtividade fica em torno de 1.000kg/ha, mas em 87 ela superou os 2.000kg/ha. O aumento obtido nos últimos anos é explicado pelo Centro Nacional de Pesquisa de Trigo (CNPT), da Embrapa, de Passo Fundo/RS, devido ao uso do pacote tecnológico, destacando-se a rotação de culturas, correção do solo, uso de variedades mais produtivas e tratamento químico das sementes. Com isso, os produtores paranaenses colheram 2.500kg/ha, os catarinenses, 2.200kg/ha e os gaúchos, 1.800kg/ha. Conforme o CNPT, a qualidade do grão está ótima, bem como o poder germinativo, o que garante a fabricação de um dos melhores maltes por parte das indústrias cervejeiras do país. Assim, é possível que também melhore a qualidade da cerveja fabricada no Brasil.

Qualquer coisa, menos o solo descoberto

Quem não plantou trigo este ano, assustado com a dúvida política do governo, deve prestar atenção à área de lavoura onde o cereal seria plantado. É fundamental cobrir este solo para evitar a erosão. Júlio Cezar Salton, pesquisador da Embrapa/Uepae de Dourados/MS, sugere que a cobertura seja feita com aveia, ervilhaca, nabo forrageiro, chícharo, colza, sorgo e até milho. O melhor, mesmo, é aveia, preta ou branca, pela facilidade em obter-se semente. Caso não seja possível plantar alguma das forrageiras, não devem ser retirados os restos da lavoura anteriormente plantada. Ainda segundo o pesquisador, "o ideal é não gradear nem o mato, que também atua como protetor do solo".

Mandioca: surpresa atrás de surpresa

Está surgindo mais um nematicida crioulo: a manipueira, aquele líquido que sai das raízes de mandioca prensadas para fabricar farinha. O professor J. Júlio da Ponte, da Universidade Federal do Ceará, observou que os agricultores nordestinos costumam usar a manipueira para controlar nematóides, e iniciou uma pesquisa para estudar a questão. E descobriu que o líquido também é um eficiente adubo natural, ao aumentar os índices de nitrogênio e potássio no solo, elevando a produtividade.

Estas mudas de cana a ferrugem não pega

O Planalsucar já dispõe de mudas selecionadas de quatro novas variedades de cana-de-açúcar totalmente resistente à ferrugem. As principais qualidades destas variedades, de acordo com o pesquisador Sizuo Matsuoka: RB735220 - elevada resistência a doenças, especialmente carvão e ferrugem; RB765418 - boa resistência a doenças, rica e precoce; RB785148 - resistente à ferrugem e adaptada a solos arenosos e de baixa fertilidade; e RB72454 - elevada produtividade e recomendada para todas as regiões canavieiras do país. Mais informações pelo telefone (0194) 33.5077.

Mais três gigantes em destaque no PR

Se depender da pesquisa, o Paraná pode voltar a ser um dos primeiros produtores de alho do Brasil (já foi o terceiro estado produtor e hoje contribui com somente cinco por cento da lavoura). Depois de testar durante cinco anos 15 diferentes cultivares, os pesquisadores Leocádio Grodzki, Nestor Brenner e João Felipe Plilipovsky, do Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), destacaram o gigante, gigante roxo e gigante roxo. Os três pertencem ao grupo "nobre" e apresentam produtividade média de 4,57 toneladas por hectare. Mais informações pelo telefone (0432) 26.1525, ramal 363.



Sabendo plantar, sorgo à vontade

8200kg/ha. Esta foi a produtividade dos sorgos graníferos A6302, A6304 e A9807 (híbridos conhecidos como ruby, jade e rancho, respectivamente), segundo a Agronômica divulgou em dia de campo recentemente promovido em sua estação experimental de Birigui/SP. Plantados em novembro do ano passado, os três receberam adubação de plantio de 166kg/ha de 4-30-10 (nitrogênio, fósforo e potássio) mais zinco, e 83kg/ha de sulfato de amônia em cobertura. A colheita ocorreu em 25 de fevereiro.

Uma soja especial para os paulistas

Uma semente de soja que pode ser plantada pelos paulistas em setembro-outubro, para prolongamento do ciclo, aumento de radiação e ampliação de capacidade produtiva? Se é isto o que você está procurando, experimente a IAC-14, nova variedade pesquisada pelo Instituto Agrônomo, da Secretaria da Agricultura de São Paulo. Embora adaptada às condições climáticas de São Paulo (principalmente da região da Mogiana), a IAC-14 pode ser plantada no norte e no nordeste do país, em especial o Maranhão, informa Manoel Miranda, responsável pelo melhoramento de soja da seção de leguminosa do IA e autor da afirmação de que esta variedade assegura um ganho de 500kg/ha à média de produtividade das lavouras plantadas em outubro.



a granja Leilões

Londrina vende Cz\$ 100 milhões

Quase dois mil animais expostos e Cz\$ 100 milhões de vendas (o dobro do ano passado) em 16 leilões. Este balanço confirma, mais uma vez, Londrina como um dos principais centros da pecuária do país. Segundo os números da Sociedade Rural do Paraná, 500 mil pessoas, além de autoridades como o governador Álvaro Dias, prestigiaram a 28ª edição da Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina, de 8 a 18 de abril, no Parque Ney Braga. Foram julgadas 14 raças de bovinos, eqüinos e ovinos procedentes de todo o estado, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e do Paraguai.

Tendência de mercado — Apesar da numerosa representação das raças zebuínas, foram os bovinos de origem européia — especialmente marchigiana, simental e holandês — os que mais destacaram-se, principalmente em termos de comercialização. Foi no leilão de marchigiana que acabou acontecendo a maior venda da raça já ocorrida em leilões no Brasil: a fêmea “Alpha da 4 Irmãos”, PO, com 40 meses de idade e prenha de sete meses, comprada por Cz\$ 1,020 milhão pelo pecuarista Evilazio Bley, de Cornélio Procópio, Paraná. A vaca pertencia aos criadores Otávio Pedriali e Lauro Garcia Molina, de Londrina. Além disso, foi onde se registrou o maior montante de vendas, Cz\$ 19,860 milhões, com 70 bovinos arrematados e uma média de Cz\$ 284 mil por animal. Por outro la-



Recorde saiu do leilão de marchigiana: Alpha da 4 Irmãos valeu Cz\$ 1,020 milhão

do, o leilão de elite da raça simental atingiu as melhores cotações, com um preço médio de Cz\$ 312.500,00 por bovino, e um total de negócios de Cz\$ 17,190 milhões, para 55 animais comercializados.

Desta forma, um fato que vem acontecendo já há alguns anos pôde ser comprovado: o aumento de interesse na criação de gado europeu e boas vendas de animais dessa origem. Mas a fundamentação certamente está apoiada numa outra constatação, que é a disposição dos pecuaristas em fazer o cruzamento do zebu com as raças européias. Uma tendência que tem gerado bons resultados em nível de mercado e que tem proporcionado o aumento do ganho de peso em plantéis destinados à produção de carne.

“É algo que vem acontecendo há algum tempo, e o cruzamento tem dado resultados positivos. Já está existindo comercialização do gado europeu entre os pecuaristas, que devem partir para o cruzamento com o zebu, que é a base de tudo. Sem as raças zebuínas, o gado europeu não teria chances de sobreviver, mas o interessante e bom é que os cruzamentos estão dando certo e os produtores têm conseguido ganho de peso em menos tempo com os animais gerado dessa união. Isso é favorável não só para os criadores que vêm fazendo o cruzamento, mas para toda a pecuária” — explica Luiz Roberto Neme, presidente da Sociedade Rural do Paraná.

“O que há de melhor” — Um dos grandes criadores de marchigiana do

Paraná é o campeão de vendas no leilão da raça, Otávio Pedrialli, que viu “o que há de melhor no Brasil” nos animais expostos na feira de Londrina. Sem distinguir o gado zebu do europeu na avaliação geral das raças participantes, ele considera que a exposição londrinense vem ganhando destaque “na representatividade e no nível dos animais”. Sobre a marchigiana, Pedrialli disse que “é uma raça que provou que produz extraordinariamente bem, satisfazendo os três pontos básicos de qualquer tipo de pecuária: possui boa fertilidade, rusticidade e precocidade”. Para o excelente resultado obtido no leilão da raça que cria, o pecuarista deu a seguinte justificativa: “os animais colocados em pista eram todos de elite e com uma boa genética, significando que os compradores vão poder produzir bovinos do mesmo nível dos que foram adquiridos. Mas o prazo de pagamento oferecido pelos vendedores foi o que proporcionou as boas vendas nos leilões”.

Em quase todos os leilões, as vendas foram concretizadas em parcelas variando de 10 a 15 meses, reajustáveis pela correção da OTN. Entretanto, foi oferecida uma outra forma de pagamento que tornou-se a mais procurada pelos pecuaristas: pagar os arremates em quatro ou seis parcelas, sem juros e correção monetária. O autofinanciamento realizado entre os produtores também foi um fator preponderante para a boa comercialização de animais em leilões. Além, é claro, da recente alta de preço da arroba do boi gordo, que influi muito no ânimo dos pecuaristas. “Se a cotação do boi de corte está em baixa, a tendência do mercado é acompanhar a queda de preços. Melhorando o preço do boi gordo, aumenta o valor dos reprodutores, pois o animal não custa, ele vale pela sua qualidade” — comentou o presidente da Sociedade Rural.

Acessível ao produtor — Foi com qualidade que os criadores da raça simental conseguiram atingir as melhores cotações pelos seus animais. Luiz Turquino, recordista de vendas nos leilões da raça, com Cz\$ 2,360 milhões, por seis animais, lembra que os bovinos simental alcançaram os maiores ponderais de todas as raças participantes da exposição. Mesmo apresentando em pista os animais que mais ganharam peso por dia, ele considera que as médias de mais de Cz\$ 300 mil por bovino do leilão elite “estiveram abaixo dos preços de venda conseguidos no ano passado”.



Neme: os dois lado da feira

Mas Turquino gostou da comercialização e disse que a raça simental está “acessível aos pecuaristas, porque o seu sucesso é fundamentado no ótimo ganho de peso e na boa aptidão leiteira”.

Luiz Turquino achou que “todas as raças estiveram bem representadas, ficando comprovado que é a maior de todas as feiras agropecuárias com participação de gado europeu”. Para os criadores de simental, “é a maior mostra da América Latina”. Ele citou como saldo importante a presença de compradores vindos de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina e todo o Paraná, “que vão proporcionar a difusão da raça”.

Destaque para a pecuária — Jamil Janene, criador de nelore no norte do Paraná, elogiou a entidade promotora da exposição pelo “maior destaque dado para a pecuária”. Luiz Roberto Neme disse que essa é uma preocupação que vem sendo priorizada pela entidade na promoção da feira agropecuária. “De alguns anos para cá, estamos interessados em transformar a exposição num encontro, onde os pecuaristas possam trocar informações e receber novos conhecimentos sobre o setor. Por isso, este ano, promovemos cursos técnicos dirigidos à classe agropecuarista: um de atualização em confinamento de bovinos de corte, um de manejo e nutrição (de eqüinos) e outro sobre informática na agropecuária. Mas não nos esquecemos do público em geral, que sempre tem prestigiado a exposição. Não podemos deixar de lado a população da região, que espera ansiosa esses 10 dias em que pode ter lazer e

entretenimento”, esclareceu.

Jamil Janene avaliou que “em relação ao ano passado a exposição melhorou, apresentando animais com níveis de qualidade superior”. Ele achou que os três leilões das raças zebuínas — de bovinos controlados e registrados, da raça tabapuã e de elite do zebu — estiveram dentro das expectativas, embora tenham ficado com o saldo de comercialização abaixo do verificado nos leilões das raças européias. Mas justificou da seguinte maneira: “a maioria dos animais apresentados em pista não era de alta categoria, mas sim gado comercial, vendido para atender a necessidade de pecuaristas que criam fêmeas de campo. Além disso, meses antes da exposição, promovemos dois leilões — o Máxi e o Classe A —, onde estiveram a elite da pecuária de nelore. Ali, sim, obtivemos bons preços e boas médias, porque estavam em pista animais da mais alta qualidade”.

Ele reconheceu a superioridade das raças européias na exposição, mas lembrou que isso é bom para os criadores de nelore. “Nós temos comércio durante todo o ano, e as raças européias precisam do nelore para fazer os cruzamentos” — confirmou.

O lance dos eqüinos — Um mercado ainda por explorar. Novo, mas com perspectivas de amadurecimento muito grande. Assim situam Londrina os criadores de eqüinos das raças árabe e mangalarga paulista. Num ano de difícil situação na economia brasileira, os representantes de Londrina e região ainda têm boas perspectivas e apresentam louváveis resultados para seus espaços, segundo eles, muito bem ocupados durante a 28ª Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina.

Durante 11 dias, passaram pelo Parque Ney Braga 480 eqüinos, representantes de cinco raças. O mangalarga paulista e o quarto-de-milha apresentaram o maior número de animais, comparando cada uma com 120. O mangalarga marchador esteve presente com 100 animais, árabe 80 e appaloosa com 60 animais.

Na análise de Waldemar Neme, cria-▷



Janene: gado comercial vendeu bem

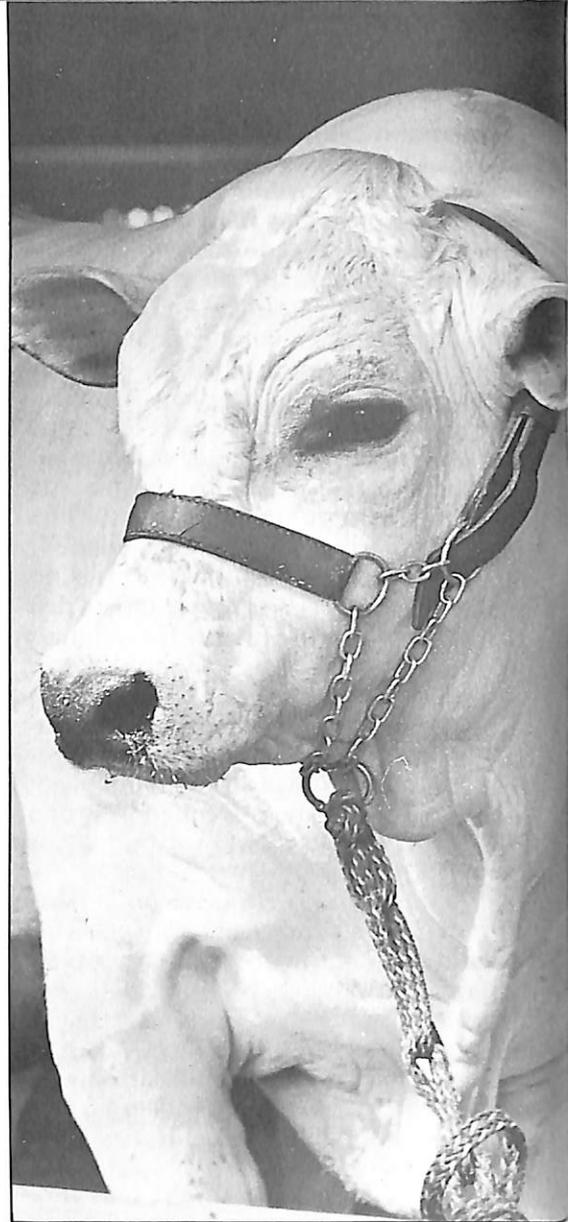
dor de árabe, os leilões estiveram dentro da média esperada, apresentando preços regulares e um bom saldo, principalmente por terem sido realizados no final da exposição. O leilão árabe aconteceu no sábado, às 21 horas, dois dias antes do término do evento, comercializando Cz\$ 11,850 milhões, para uma venda de 38 animais e um preço médio de Cz\$ 311.842,11 por animal.

Para Neme, que levou para casa nada menos do que seis prêmios — um deles, com a grande campeã da exposição, “Amurath Tania” —, Londrina é um mercado novo, porém bastante promissor. O criador faz questão de colocar a exposição da cidade entre as melhores em nível nacional, dizendo que “pouca diferença há entre ela e a Expo-Brasil — realizada em São Pau-

lo”. E lembra que o reduzido número de animais da raça este ano deve-se, principalmente, à exposição de Campo Grande/MS, coincidentemente realizada nos mesmos dias da londrinense. “Seguramente, criadores que viriam para Londrina, participaram da exposição de Campo Grande”, observa.

Seis vezes sem juro — Com elogios à exposição e levando para Ponta Grossa uma média de 800 mil cruzados comercializados em dois animais, o criador Lúcio Miranda afirma que os preços estiveram dentro da realidade de mercado. Não abandonando as boas perspectivas para a raça, o criador de Ponta Grossa acredita que há muito ainda por fazer, mas no terceiro ano de participação na exposição de Londrina ele vê ainda bons resultados naquela que ele considera a melhor exposição do estado do Paraná.

Para o criador, “Londrina é uma região muito rica, com uma diversificação muito grande de atividades. Portanto, o árabe tem perspectivas muito grandes”. Embora acredite nisso, Lúcio Miranda não deixa de apontar a necessidade de algumas mudanças dentro dos sistemas de leilões, como o pagamento dos animais vendidos. Ele divide com Waldemar Neme uma certa inquietação quanto ao sistema das “seis vezes sem juro”. “Esse sistema” — diz o criador do sul do Paraná — “foi criado quando a inflação não estava disparada, como hoje”. Juntar os criadores e entrar em consenso que beneficie a todos é a opinião de Neme. Para



Grande campeão Alce: 1.235kg, o mais pesado



Waldemar Neme: coincidência prejudicou

Julgamentos de 17 raças

Equinos

Mangalarga marchador

Grande campeão — “Farol do Aeroporto”. Proprietário: José Geraldo Gomes Areas, de Teresópolis/RJ.

Grande campeã — “Lisboa HB”. Proprietário: Hélio Bello Cavalcanti, de Paulo de Frontin/RJ.

Appaloosa

Grande campeão — “Mr. Red Grandstander”. Proprietário: Sérgio Augusto Zonno, de Uberlândia/MG.

Grande Campeã — “Bonnie Gal”. Proprietário: José Américo Ribeiro dos Santos, de Amparo/SP.

Árabe

Grande campeão — “Nag Gift of Love”. Proprietário: Newton Archilla Guerra, de São Paulo/SP.

Grande campeã — “Amurath Tania”. Proprietário: Waldemar Neme, de Miraselva/PR.

Mangalarga

Campeão cavalo sênior — “Lanceiro Mangalarga”. Proprietário: José Gonçalves Júnior, de Guarantá/SP.

Campeã égua sênior — “Cabrocha da Lupa”. Proprietário: Geraldo Santos Castro, de Lucianópolis/SP.

Quarto-de-milha

Grande campeão — “Coult Ded”. Proprietário: Hélio Saldanha de Oliveira Júnior, de Assis/SP.

Grande campeã — “Miss Doc Byby”. Proprietário: Hélio Saldanha de Oliveira Júnior, de Assis/SP.

Ovinos

Suffolk

Grande campeão — “Butiá 5155”. Proprietário: Rudiger Boye, de Rancho Alegre/PR.

Grande campeã — “Tinga 73”. Proprietário: George Christofis, de São José dos Pinhais/PR.

Bovinos

Tabapuã

Grande campeão — “Jua do Progresso”. Proprietário: Edgar Pereira Ribeiro, de Xambê/PR.

Grande campeã — “Gabardina da Copacabana”. Proprietário: Oswaldo Fujiwara, de Andradina/SP.

Gir

Grande campeão — “Pau Brasil”. Proprietário: Luiz Belentani, de Nova Esperança/PR.

Grande campeã — “Nena DC”. Proprietária: Francisca Campinha Garcia Cid, de Londrina.

Marchigiana

Grande campeão — “Alce da 4 Irmãos”. Proprietários: Otávio Pedrialli e Lauro Garcia Molina, de Londrina.

Grande campeã — “Amiga”. Proprietário: José Garcia Moliña, de Londrina.

Nelore padrão

ele, o ideal seriam os quatro pagamentos. “Assim, o criador não veria seu dinheiro comido pela inflação”, pondera.

Tanto Miranda como Neme concordam também que “se enfurnar” numa fazenda não traria a valorização necessária aos animais, tampouco haveria a troca de experiências que existe durante uma exposição agropecuária. Para eles, o grande lance ainda é participar dos leilões: “o leilão ainda é a melhor forma de comercialização”.

Mercado mangalarga — A 28ª Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina comercializou quase o dobro do montante de 87, segundo a comparação do criador londrinense Fernando Prochet, presidente do núcleo mangalarga paulista de Londrina. Para uma oferta de 49 animais, a comercialização alcançou os Cz\$ 11 milhões.

O criador destaca Londrina como uma das quatro melhores do estado do Paraná e segundo mercado para o mangalarga, depois de São Paulo, o reduto da raça.

Para Prochet, que vendeu três animais de sua propriedade durante o leilão, a comercialização atendeu às perspectivas, havendo uma ressalva, na sua opinião, apenas no controle de qualidade dos animais, cuja seleção foi feita pelo próprio núcleo. Segundo o criador, “os critérios deveriam ser mais rígidos no próximo ano da exposição”.

Acreditando em Londrina como um mercado promissor, ele mostra os dados de uma exposição que apresentou



Prochet: ressalva na qualidade

60 animais locais, dos 110 participantes. No saldo positivo, ainda, o criador inclui os oito novos criadores batizados na exposição deste ano, uma média que o presidente do núcleo mangalarga de Londrina pretende que cresça a cada ano, durante os próximos eventos.

Para os 49 animais comercializados durante o leilão do mangalarga, Fernando Prochet calcula a média de 240 mil cruzados, e não esquece do maior lote, arrematado por 715 mil cruzados. Três fatores, na opinião do criador de mangalarga paulista, tornam Londrina

um grande lance para a maioria das raças: a proximidade com o maior centro do país, São Paulo, poder aquisitivo alto e agropecuária especialmente desenvolvida nessa região.

O leilão de equinos quarto-de-milha e appaloosa vendeu 16 animais e comercializou aproximadamente Cz\$ 4 milhões, para uma média de Cz\$ 245 mil por equino. Já para o mangalarga marchador, os números são menos animadores: foram arrematados 17 animais que atingiram a quantia de aproximadamente Cz\$ 1,6 milhão, com uma média de Cz\$ 94 mil por equino.

O animal mais caro de todos os leilões foi uma fêmea quarto-de-milha importada — “Miss Deck Ship” —, pela qual os criadores Luiz Klimowicz e José Madalena Ribas, de Curitiba/PR, pagaram Cz\$ 876 mil. A égua pertencia ao tradicional criador Serafim Meneghel, de Cornélio Procópio, norte do Paraná.

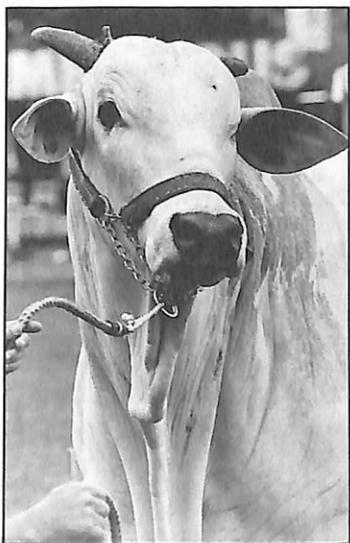
1º Leilão Top da Raça Holandesa

Número de animais comercializados — 23.

Total arrecadado — Cz\$ 3.750.000,00 (três milhões, setecentos e cinquenta mil cruzados).

Média por animal — Cz\$ 163.043,48.

Animal mais caro — “Luciara K.D. de Guaravera”. 47 meses e 28 dias. HPB PC. Prenha do touro “Iona Farm Higlye”. Valor: Cz\$ 260 mil. Proprietário: José Gabriel Salles Ferreira. Comprador: José Carlos Liboni.



“JE Vaso da EN”

Grande campeão — “JE Vaso da EN”. Proprietário: José Eduardo Rocha Cabral, de Londrina.

Grande campeã — “JE Zombaria da EN”. Proprietário: José Eduardo da Rocha Cabral, de Londrina.

Nelore mocho

Grande campeão — “Vicky”. Proprietário: Companhia Agropecuária Volta Grande, de Cuiabá/MT.

Grande campeã — “Negla Mocha”. Proprietário: Companhia Agropecuária Volta Grande, de Cuiabá/MT.

Limousine

Grande campeão — “General de São Luiz”. Proprietário: Ivo Tadeu Bianchini, de Lages/SC.

Grande campeã — “Carolina”. Proprietário: Agropecuária Santo Izidoro, de Angatuba/SP.

Holandesa

Grande campeã — “Antares Ninim Mars Graça”. Proprietário: Clodoaldo Viggiani, de Londrina.

Grande campeão — “Stella Pedras A. 186”. Proprietário: Gabriel Cândido Borato, de Campo Mourão/PR.

Simental

Grande campeão — “Especial da Charrua”. Proprietário: Jaime Möller, de Sertaneja/PR.

Grande campeã — “Digna POI da 3 Galhos”. Proprietário: Rudolf Reich, de Santo Antônio da Platina/PR.

Chianina

Grande campeão — “Zévio 4M”. Proprietário: Joaquim Martins, de Umuarama/PR.

Grande campeã — “Aliança Sayed”. Proprietário: Ibraim Mohamed El Sayed, de Cambé/PR.

Charolesa

Melhor macho — “Cardeal Rubro 13 Cajati”. Proprietário: Cajati Agropastoril, de Cascavel/PR.

Melhor fêmea — “Clarilene Caceres Cajati”. Proprietário: Cajati Agropastoril, de Cascavel/PR.

Jérsei

Grande campeã — “Ametista do Thiesen”. Proprietário: José Gomes da Silva, de Iporã/PR.

Agenda

Rio Grande do Sul

Data	Cidade
11 a 15/5	Esteio
17 a 22/5	Esteio
18/5	São Gabriel
18 a 20/5	Júlio de Castilhos
20/5	Encantado
20 a 22/5	Rosário do Sul
21/5	Uruguaiana
21/5	Alegrete
22/5	Esteio
23 a 28/5	Esteio
24/5	Ijuí
25 a 29/5	Santa Maria
26/5	Vacaria
26 e 27/5	Esteio
27/5	São Borja
28/5	Cruz Alta
28/5	Camaquã
28/5	Passo Fundo
30/5	Tupanciretã
13/6	Cruz Alta
15/6	Guaíba

São Paulo

9/5	São Paulo
11/5	Franca
12 a 20/5	Franca
15/5	São Paulo
16/5	São Paulo
17/5	São Paulo
19/5	São Paulo
21/5	Campinas
21/5	São Paulo
23/5	São Paulo
30/5	São Paulo
6/6	São Paulo

Outros Estados

16 a 29/5	Goiânia/GO
18/5	Palma/MG
18/5	Sapucaia/RJ
20/5	Água Doce/SC
21/5	Londrina/PR
21/5	Corumbá/MS
24/5	Itaguaçu/ES
28/5	Guarapuava/PR
28/5	Piraquara/PR
28/5	Chapecó/SC
28/5	São Miguel Oeste/SC
3/6	Lages/SC
4/6	Florianópolis/SC
6/6	Joinville/SC
6/6	Londrina/PR
7/6	Poconé/MT
13/6	Gurupi/GO
14/6	Ponta Grossa/PR

Histórico

Expo. Func. Freio de Ouro
 Feira de Rústicos Charolês
 Feira de Terneiros e Vaquilhonas
 15ª Expo. Rústicos Charolês
 4ª Feira de Reprodutores Suínos
 2ª Feira Nac. Rotativa de Ovinos
 23ª Feira de Rústicos A. Angus
 3ª Feira de Outono - Equínos Crioulos
 1ª Expofeira dos Municípios
 1ª Exposição Sul-Brasileira do Cavalo Árabe
 4ª Feira de Rústicos (devon, charolês, zebu, normando, s. gertrúdis, a. angus)
 10ª Expo. Nacional da Raça Charolesa
 9ª Feira de Terneiros e Vaquilhonas
 Leilões de Outono do Clube do Cavalo - RS
 16ª Feira de Terneiros e Vaquilhonas
 5ª Feira de Rústicos Charolês
 12ª Feira de Rústicos Devon
 Expofeira de Ovinos e Equínos
 Feira de Terneiros e Ventres
 Feira de Terneiros e Vaquilhonas
 Feira de Terneiros e Vaquilhonas

Mangalargamação - Palace
 Expo. Nac. Gado Pitangueiras
 19ª Expoagro
 15ª Expo. Nac. Jubileu de Ouro da Raça Parda Suíça
 Leilão Haras Bom Fim - Palace
 Mangalarga da Nata - Palace
 Leilão Quality Holandês
 Leilão Puro-Sangue Árabe do Haras Capim Fino
 2ª Expo. Espec. Cavalo Campolina
 4ª Expo. Espec. Mangalarga Marchador
 Leilão Mangalarga do Haras Império - Palace
 6ª Expo. Nac. Cavalo Bras. de Hipismo

Expo. Nac. Raça Chianina
 16ª Expo. Agropec. Ind. e de Animais
 6ª Expo. Agropec. Intermunicipal
 11ª Feira do Terneiro, 2ª Feira da Maçã e Expofeira
 2ª Feira de Bezerros e Gado Geral
 21ª Expo. Agropecuária e Industrial
 10ª Expo. Agropecuária e Torneio Leiteiro
 5ª Feira de Gado Geral e Equínos
 4ª Feira de Gado Geral
 Feira de Terneiras, Gado Geral, Bovinos e Ovinos
 Feira de Gado Leiteiro e Reprodutores
 Feira de Gado Geral e Terneira
 55ª Festa da Laranja
 14ª Rodeio Crioulo
 28ª Expo. Agrícola Especializada
 11ª Expo. Cavalos Pantaneiros
 16ª Expo. Agropec. e Raça Zebu
 1ª Feira de Equip. Agrícolas

Crioulo a peso de ouro no Sul

Recorde sul-americano e nacional de preços, organização esmerada, evento social de classe e negócios rápidos. Assim pode ser resumido o Leilão 18 Quilates — Linhagens Consagradas da Raça Crioula, na inauguração do Centro de Convenções da Rede Plaza Hotéis, em Porto Alegre/RS, na noite de 22 de abril. No final, um resultado surpreendente: Cz\$ 19,320 milhões para 22 fêmeas (todas com prenhez confirmada e algumas com cria ao pé), o que dá uma média geral de Cz\$ 878.181,00. O destaque da noite, porém, ficou para a tordilha negra "BT Soberana", de seis anos. Vendida por Flávio e Marcia Vianna (Cabanha Entre Rios) para José Wagner de Andrade Lima (Andrade Lima Agricultura e Pecuária, Jaguarão/RS) por Cz\$ 2,660 milhões — recorde sul-americano e brasileiro da raça. Outros destaques: 16 coberturas somaram Cz\$ 4 milhões, com médias de Cz\$ 250 mil (a de "La Invernada Hornero" foi adquirida por Jo-

sé Câmara Fagundes, da Estância Alvorada, Uruguaiana/RS, por Cz\$ 720 mil, outro recorde da promoção); a expressiva participação de paranaenses (os irmãos Francisco Vieira e Avelino Vieira Neto, da Fazenda Capela, Curitiba, foram os maiores compradores do leilão, com Cz\$ 6,090 milhões); e a ágil e competente atuação de Marcelo Silva, das Organizações Trajano Silva, na condução dos negócios.



Sr. e sra. José Wagner de Andrade Lima cumprimentados pela compra de B. T. Soberana

Paraná tem mais uma feira nacional

A XVI Exposição-Feira Agropecuária e Industrial do Norte Pioneiro (Efapi), de 19 a 27 de março, em Santo Antônio da Platina, realizou seis remates com vendas de Cz\$ 35.533.000,00. O destaque ficou com o I Leilão de Quarto-de-Milha, que comercializou Cz\$ 12.220.000,00, e com a aprovação do parque de exposições para feiras em nível nacional, já a partir do ano que vem.

Marchador com novo recorde

"Queops Aliança", vendida por Adão Cláudio da Silveira (Haras Coxilha Grande, de Rio Pardo/RS) para João Carlos Hartz (Haras Porto Palmeira, de Saporanga/RS) por Cz\$ 2,820 milhões, no Leilão Mangalarga Marchador Arpoador, Rio de Janeiro, estabeleceu novo recorde nacional para fêmeas da raça.

Dois mil ovinos em Rosário do Sul

Mais de 2.000 ovinos de todas as raças participam da 2ª Feira Nacional Rotativa de Ovinos (Fenovinos), de 20 a 22 de maio, no Parque de Exposições Ananias Vasconcellos, em Rosário do Sul/RS. A promoção é da Arco, Cotriros, Prefeitura e Sindicato Rural. Os leilões estão programados pela Guará Remates para o dia 22, a partir das 9 horas. No ano passado, a Fenovinos ocorreu em Itaquí/RS e arrecadou cerca de Cz\$ 3 milhões.

Quarto-de-milha por Cz\$ 5 milhões

O criador paulista Antônio Carlos Cotrin fez a maior compra no Leilão Quarto-de-Milha da Fazenda Berrante, em Assis/SP: adquiriu uma égua por Cz\$ 5 milhões, batendo recorde de preço para fêmeas.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DO CAVALO ÁRABE



I Exposição Sul-Brasileira do Cavalo Árabe
 Puro - Mestiço - Anglo-Árabe

De 24 a 30 maio de 1988

I Leilão Especializado da Raça Árabe
 Dia 28 de maio de 1988 - às 18:00 horas
 Local: Parque Assis Brasil - Esteio/RS

MÉDIA \$

Equinos

Data	Raças	Local	Potros	Potras	Eguas	Cavalos	Total	Média	Empresa
5/3	Raça crioula São Martin	Bagé/RS	—	—	163.600	250.000	6.145.000	146.309	Triângulo
12/3	Quarto-de-milha R. das Américas	Porto Feliz/SP	—	—	2.119.000	1.109.000	83.400.000	1.702.000	Pró-Turf
12/3	Árabe C. Heritage	Sorocaba/SP	—	—	1.400.000	1.800.000	52.390.000	1.541.000	Esmeralda
12/3	Marchador	Imperatriz/MA	580.000	—	—	470.000	6.840.000	—	Três Barras
15/3	PSI reproduções	São Paulo/SP	—	—	—	—	14.964.000	650.608	APPS
19/3	Raça crioula	Campos Jordão/SP	—	—	—	—	9.568.000	299.000	Vila Inglesa
20/3	PSI Inshalla	São Paulo/SP	540.000	—	—	1.440.000	10.416.000	—	PSI-APPS
22/3	PSI Rosa Sul	São Paulo/SP	—	—	2.250.000	—	20.000.000	480.000	Pró-Turf
25/3	Marchador	Campo Grande/MS	—	—	236.803	450.000	10.705.000	236.803	Leiloboi
26/3	Andaluz	São Paulo/SP	—	—	—	—	34.800.000	994.280	APPS
27/3	Árabe	São Paulo/SP	299.000	676.000	517.000	416.000	8.761.000	299.000	ABCCA
27/3	Quarto-de-milha oficial	São Paulo/SP	3.060.600	—	—	—	68.172.000	318.560	Programa
27/3	Mangalarga	Bebedouro/SP	—	856.474	1.045.950	—	37.191.000	953.651	Djalma
19/4	Marchador Canecão	Rio de Janeiro/RJ	—	480.000	1.500.000	630.000	20.000.000	480.000	Três Barras
20/4	Quarto-de-milha Faz. Berrante	Assis/SP	537.500	—	1.189.730	—	72.500.000	—	Seven
22/4	Raça crioula 18 Quilates	Porto Alegre/RS	—	—	878.181	—	19.320.000	878.181	Trajano Silva
23/4	Raça crioula	Campos Jordão/SP	140.833	277.500	—	—	4.450.000	—	De Lamare
30/4	Marchador Arpoador	Rio de Janeiro/RJ	224.000	—	538.400	—	19.512.000	—	Realiza

Bovinos

Data	Raças	Local	Novilho(a) 1,5 ano	Novilho(a) 2,5 anos	Novilho(a) 3,5 anos	Touros e bois	Vacas gordas ou c/cria	Total	Empresa
17/3	Jersey PO	São Paulo/SP	—	—	256.500	120.000	262.434	10.260.000	Djalma
18/3	Holandês PO	Campinas/SP	63.000	—	—	220.000	162.000	7.500.000	Embral
26/3	Santa gertrúdis	Tietê/SP	—	—	—	240.000	385.818	14.892.000	Trajano Silva
20/3	100º Leilão de Gado de Corte	Uberaba/MG	10.500	12.500	15.000	18.720	16.515	21.120.000	ABCZ
26/3	Jersey Gameleira	B. Horizonte/MG	—	—	97.900	—	189.000	4.940.000	Palanque
26/3	Dumu Nelore	São Paulo/SP	177.000	214.957	—	—	160.000	10.224.000	Programa
26/3	Nelore WJ	Botucatu/SP	335.000	—	223.793	233.500	673.333	17.190.000	Remate
14/4	Cooperleite	Lins/SP	—	—	61.650	—	146.250	30.240.000	Cooperleite
20/4	Sta. gertrúdis Sta. Izabel	Sta. Maria/RS	14.000	32.000	—	—	60.000	21.394.000	Trajano Silva
23/4	Jersey	Campos Jordão/SP	—	—	—	—	59.285	4.450.000	De Lamare
28/4	Charolês Sto. Izidro	Sta. Maria/RS	17.500	134.062	290.952	773.529	934.412	—	Trajano Silva

Ovinos

Data	Raças	Local	Borregos PP-SO	Carneiros PP-SO	Borregas PP-SO-RD-CT	Ovelhas PP-SO-RD-CT	Total	Empresa
10/3	Suffolk	Esteio/RS	49.000	62.427	70.000	62.500	4.214.500	Trajano Silva
10/3	Texel	Esteio/RS	21.923	37.000	12.000	—	1.029.000	Trajano Silva
10/3	Hampshire down	Esteio/RS	27.500	16.750	20.000	7.260	650.000	Knorr

CLASSIFICADOS

a granja Leilões

A maneira econômica de vender!

PORTO ALEGRE

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO

CURITIBA

Fones: (0512) 33-2544 (011) 220-0488 (021) 224-7931 (041) 225-1972

CLASSIFICADOS

agranja

POTES E FRASCOS PARA MEL, PRODUTOS QUÍMICOS E ALIMENTÍCIOS.

Informações e vendas:
UBER PLAST IND. E COM. DE PLÁSTICOS
Rua Leon Tolstói, 646 - Fone: (041) 246-2529
81.500 - Curitiba - PR

BOBWHITE CODORNA AMERICANA

OVOS - PINTINHOS - MATRIZES
EQUIPAMENTOS
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
CAIXA POSTAL 36
CEP 18400 - ITAPEVA - SP

ETSCHIED

**RESFRIADORES
DE ALTA CLASSE**

Somente Leite de
1ª Qualidade



CAIXA DE FIBERGLASS

EUGAPEC

Impl. Pec.
Ltda.
(0142)
72.1591
72.1648

TANQUE EM INOX

PIRAJUI-SP

MHZ RADIOCOMUNICAÇÕES COMUNICAÇÕES IMEDIATAS

Rádio Portátil: Para uso interno em sua fazenda, indústria e área de segurança.
Rádio HF/SSB comunicação de 10 a 5.000km
Rádios para uso fixo e móvel.

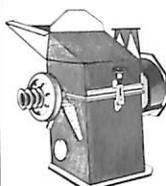
**MHZ RÁDIO E
COMUNICAÇÕES
LTDA. - ME**

Rua Gaspar
Lourenço, 610
Vl. Mariana
São Paulo - SP
CEP.: 04107
Fone: (011) 572-0910



EQUIPAMENTOS PARA CONFINAMENTO

Avicultura, Suinocultura, Pecuária etc.



Moinhos de serras
especiais para:
cereais, palhas, feno e
etc.

Misturadoras, Silos,
Peletizadoras,
Fábricas completas
de ração.

MOINHOS SILVER



Metalúrgica Vêneta Ltda
Rua Brito Peixoto, 70 - Cep. 02735 -
Fone: (011) 858-4655 - São Paulo - SP

Manutenção, conserto e reformas de máquinas de cortar grama (gasolina/elétricas), tratoritos, pulverizadores costais, roçadeiras, motosserras, máquinas importadas, adaptações, "inventos", etc.

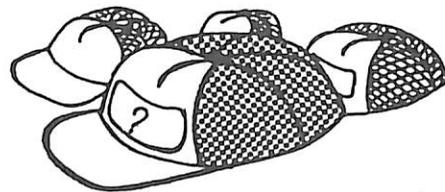


EMERSON PAREDES MÁQUINAS E MOTORES AGRÍCOLAS

Av. Nossa Senhora Aparecida, 1061 - Fundos
Fone: (041) 243-7362 - Cx. Postal 9257
80320 - Curitiba - Paraná

"A mensagem que fica na cabeça"

BONÉS PICORAL

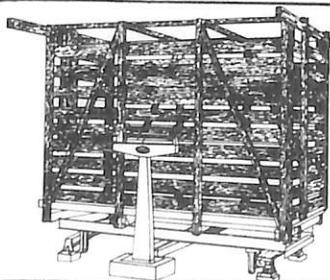


**FÁBRICA DE BANDEIRAS
PICORAL LTDA.**

Rua Hoffmann, 301/303 - Fones: 22-4537 - 22-7904
Telex: 515363 - P. Alegre - RS - CEP 90220

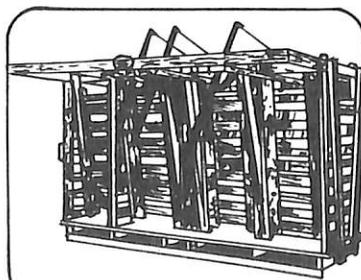
BALANÇAS

QUALIDADE QUE PESA EXATO!
DESDE 1951



COIMMA

BALANÇAS:
• BOVINAS
• SUINAS
• RODOVIÁRIAS
TRONCOS (BRETES)



COIMMA - COM. E IND. MAD. E METALÚRGICA SÃO CRISTOVÃO LTDA.
R: TIRADENTES, Nº 341 - FONE: (0188) 21-2555 - TELEX: 182637 - DRACENA - SP.

Capotas Removíveis américa

- Modelos exclusivos
- Acarpetadas
- Resistente e leve



FOURFIBRA IND. COM. LTDA.

américa

Fábrica: (0152) 63.1804 e 63.1816
Rod. Castelo Branco - Km 116 - Boituva - SP

SÃO PAULO: (011) 456-8843 E 445-1888



DETERMINADOR DE UMIDADE DE CEREAIS ELETRÔNICO DIGITAL

- Fácil leitura através de displays de led's
- Leitura direta em 10"
- Alcance: 5 a 40%
- Compensação de temperatura: 0 a 58°C
- Resolução: 0,1% de umidade

MUGA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE EQUIPAMENTOS ELETRO-ELETRÔNICOS LTDA.
Rua Mauá, 1005 - Fone: (041) 253-5092
Telex: (041) 2146 - 80030 - Curitiba - PR

MOTORES • BOMBAS • GERADORES

Todos os modelos e peças originais p/ pronta entrega. Assist. técnica autorizada

TOWAMA

R. Dr. Carvalho de Mendonça, 71 - SP - (C. Elíseos)
CEP 01201 - Tels. 67-0433 e 826-8934

• MONTGOMERY • YANMAR
• AGRALE • TIÊTE

Máquina para fechar boca de sacos.

- Para sacos de juta, papel plástico, algodão e polipropileno.
- Grande economia de mão de obra.
- Corte automático do fio.
- Peso líquido 4,9 kg.

Matisa. Há 26 anos liderando o mercado de máquinas para empacotamento no Brasil.

MATISA S.A.
MÁQUINAS DE COSTURA E EMPACOTAMENTO
Av. Maria Buzolin, 520 - C.P. 175 - Fone: (0194) 42-5233 - CEP 13480 - Limeira-SP

TOSQUIADEIRAS

PARA EQUÍNOS - BOVINOS OVELHAS E CÃES



Assistência técnica e garantia de fábrica. Atendemos pelo correio.

OSTER COMERCIAL E TÉCNICA LTDA.
Rua Domingos de Moraes, 348
Sobreloja 16 - CEP 04010 - São Paulo
TELS.: (011) 575-2446 - 575-3993

Assinatura

a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

Veja como é fácil e barato

LIGUE

(0512) **33-1822**

Para tratamento de **ÁGUA**

BOMBA Dosadora

ALLINOX (011) 256-0855 • São Paulo

EMCO

EMPRESA DE COMUNICAÇÕES LTDA

- * Telestrada para Caminhões, Ônibus, etc...
- * Transceptores fixos. Móveis. Portáteis VHF.FM - SSB-HF
- * Radiocomunicação para pequena, média e longa distância
- * Centrais Rurais - Radiotáxi - Cias. Engenharia, Fazendas, Transportadoras.

EM TECNOLOGIA AVANÇADA O SEU RADIOTRANSMISSOR

É... **EMCO**

Escritório e Fábrica (Sede própria)
Alberto Nepomuceno, 177
CEP 04270 - Ipiranga
São Paulo - SP

PABX: (011) 914-5344
TELEX: (011) 24256



Seja um técnico na AGRICULTURA



sem se afastar de sua casa e sem prejuízo para suas ocupações normais...

VOCÊ OBTERÁ:

Lucros compensadores - Colheitas muito mais rendosas - Oportunidades várias - Dignidade profissional

VOCÊ PODERÁ:

Cuidar - Modernizar - Recuperar - Proteger

**SUA FAZENDA - SUA GRANJA
SUA CHACARA - SEU SÍTIO**

através de nossos eficientes e bem organizados cursos por correspondência, orientados e administrados por renomados engenheiros agrônomos e veterinários.

INSTITUTO CAMPINEIRO DE ENSINO AGRÍCOLA
Rua Antônio Lapa, 78 - Tel.: (0192) 51.9499
Cx. P. 1148 - Campinas - São Paulo - CEP 13100

Madeira Tratada



A Flosul possui uma usina de preservação de madeiras, cuja autoclave emprega o sistema de impregnação com hidrossolúveis, proporcionando à madeira ampla proteção contra os organismos predadores. Esta técnica é muito eficaz, sendo empregado um preservativo fabricado de acordo com as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) e AWPA (American Wood Preserves Association) denominado CCA. A Produção de madeira tratada inclui:

- Postes e cruzetas para eletrificação e telefonia
- Mourões e tramas para cercas
- Madeira para currais, mangueiras e galpões
- Madeira serrada tratada para construções
- Madeira para construção de pontes, diques e ancoradouros.

Serraria São produzidos variados tipos de madeira serrada como caibros, tábuas, ripas, pranchões ou outras formas sob encomenda. Esta madeira é utilizada para a construção em geral, tais como: embalagens, montagens de pallets, cabos para ferramentas, móveis, casas pré-fabricadas, etc.

flosul
FLORESTAMENTO DO SUL LTDA.

ESCRITÓRIO:
Rua 18 de Novembro n.º 443
Fone: (0512) 42-2900
Telex: 51-1872 - Loux
CEP: 90240 - Porto Alegre - RS

SEDE:
Fazenda Pinhal - Km 93 - RS-40
(Estrada POA-Pinhal)

ESCOLHA SEU TRATOR

MARCA	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
-------	--------	------	---------	-------

AGRALE

4300	HSE-24-ST			1.558.313
4300	HSE-24			1.622.956
4200	HSE-24			1.456.776
4100	HSE-24			1.085.907
4100	HSE-24-ST			1.190.691

CASE

580H AX				6.418.990
580H SS				6.902.112
580H VV				6.815.887
W 18				8.120.140
W 20 B				10.621.896
W 36				22.159.965
80 CR				19.297.760
LY 2P				21.845.690

CATERPILLAR

D4 E DD	Trator de esteira c/lâmina			13.471.698
D4 E SA	Trator de esteira			12.429.820
D6 D DD	Trator de esteira c/lâmina			24.364.340
D6 D SA	Trator de esteira			22.166.672

CBT

8240	Completo	15x30/9x16		2.914.862
8440	Completo	15x30/9x16		3.024.413
2105	TM	15x34/7,5x18		3.444.048
8060	Standard	15x34/10x16		3.586.810
8060	S/TDP	15x34/10x16		3.798.102
8060	Completo	15x34/10x16		3.874.027
8060 4x4	Standard	15x34/13x24		4.841.035
8060 4x4	S/TDP	15x34/13x24		5.109.710
8060 4x4	Completo	15x34/13x24		5.195.056
8260 4x4	Standard	15x34/13x24		4.600.218
8260 4x4	S/TDP	15x34/13x24		4.847.284
8260 4x4	Completo	15x34/13x24		4.925.769

ENGESA

815	Rodagem simples	15x34		9.016.053
815	Rodagem simples	18x26		9.084.366
815	Rodagem simples	18x30		9.302.051
1128	Rodagem simples	18x26		13.540.837
1128	Rodagem simples	18x30		13.700.866
1428	Rodagem simples	23,5x25(ind)		16.754.840
1428	Rodagem simples	18x26		14.831.239
1428	Rodagem simples	18x30		15.041.937

KOMATSU

D30E-16B				8.183.383
D50A-15C				11.723.280
D50P-15C				13.839.436
D60A-6B				16.622.352
D65A-6B				17.691.702
D60E-6B				17.334.416
D60F-6B				16.222.546
D65E-6B				18.394.313

FORD

4610-II	C/arco seg, capota e dir. mec.			2.458.599
5610-II	C/arco seg, capota e dir. hid.			3.001.634
6610-II	C/arco seg, capota e dir. hid.			3.218.059
6610-II TR4	C/arco seg, capota e dir. hid.			4.134.211

MARCA	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
-------	--------	------	---------	-------

MASSEY FERGUSON

MF 235	Stand., c/emb. dupla		14,9-13x24	1.796.486
MF 235	Stand., c/emb. d., arroz		14,9-13x24	1.816.374
MF 235	Stand., c/emb. d., estreito		11,2-10x28	1.740.577
MF 265	Stand.		13,6-12x38	2.209.581
MF 265	Stand., arroz		18,4-15x30	2.530.826
MF 275	Stand.		18,4-15x30	3.128.717
MF 275	Stand., arroz		18,4-15x30	3.150.727
MF 290	Stand.		18,4-15x30	3.151.149
MF 290	Stand., arroz		18,4-15x30	3.194.107
MF 290	Stand., pavt.		18,4-15x34	3.357.252
MF 290	Stand., pavt., arroz		23,1-18x26	3.395.474
MF 290	Stand., cana		18,4-15x30	3.895.865
MF 290	Stand., pavt., cana		18,4-15x34	2.957.505
MF 292	Stand., pavt.		18,4-15x34	3.712.176
MF 295	Stand., hidr., pavt.		18,4-15x34	3.844.058
MF 295	Stand., pavt.		18,4-15x34	3.358.164
MF 295	Stand., arroz		23,1-18x26	3.897.971
MF 296	Stand., pavt.		18,4-15x34	4.152.451
MF 296	Stand., arroz		23,1-18x26	4.121.111
MF 296	Stand., tração nas 4		23,1-18x30	5.588.658
*MF 290	Stand.		18,4-15x30	3.439.468
*MF 290	Stand., arroz		18,4-15x30	3.471.494
*MF 290	Stand., pavt.		18,4-15x34	3.645.785
*MF 290	Stand., arroz, tração nas 4		23,1-18x26	4.929.551
*MF 290	Stand., cana, hidr.		14,9-13x28	4.229.689

MÜLLER

TM 12	C/teto solar		Simplex 16,9-14x30	5.717.703
TM 12	C/teto solar		Simplex 18,4-15x30	5.771.518
TM 14	C/teto solar		Simplex 18,4-15x34	6.790.024
TM 14	C/teto solar		Simplex 23,1-18x30	7.167.560
TM 17	C/teto solar		Simplex 23,1-18x26	8.731.801
TM 17	C/teto solar		Simplex 23,1-18x30	8.899.922
TM 25	C/teto solar		Duplo 18,4-15x34	10.594.075
TM 25	C/cabine		Duplo 18,4-15x34	11.019.902
TM 31	C/cabine		Duplo 18,4-15x34	11.851.978
TM 31	C/teto solar		Duplo 18,4-15x34	12.294.598
TM 31	C/teto solar		Duplo 23,1-18x30	12.734.695
TS 22	Trator florestal		18,4-15x34	18.809.186

SANTA MATILDE

SM-370C				2.967.958
SM-400CR				2.297.064
SM-500CR				2.592.241

VALMET

68 especial	Dir. mec. emb. ind.		14,9x28	2.235.718
68	Dir. mec. emb. ind.		12,4x28	2.171.150
68	Dir. hid. emb. ind.		14,9x28	2.209.856
78	Dir. hid. emb. ind.		18,4x30	2.672.305
880	Dir. hid. emb. ind.		18,4x30	3.215.087
880	Dir. hid. emb. ind.		18,4x34	3.286.050
880 PCR	Dir. hid. emb. sim.		18,4x30	2.535.869
880 PCR	Dir. hid. emb. sim.		14,9x28	2.728.226
980 4x4 turbo	Dir. hid. emb. ind.		18,4x34	4.282.907
128 4x4	Dir. hid. emb. sim.		18,4x34	5.326.895
128 4x4	Dir. hid. emb. sim.		23,1x30	5.441.464
148 4x4 turbo	Dir. hid. emb. sim.		18,4x38	6.706.354
148 4x4 turbo	Dir. hid. emb. sim.		18,4x38 RD	7.275.802

YANMAR

TC-11	Cultivador motorizado			679.057
YB40-STD	Standard			1.612.194
YB40T-STD	Standard			2.032.441

ESCOLHA SUA COLHEDEIRA

MARCA	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
-------	--------	------	---------	-------

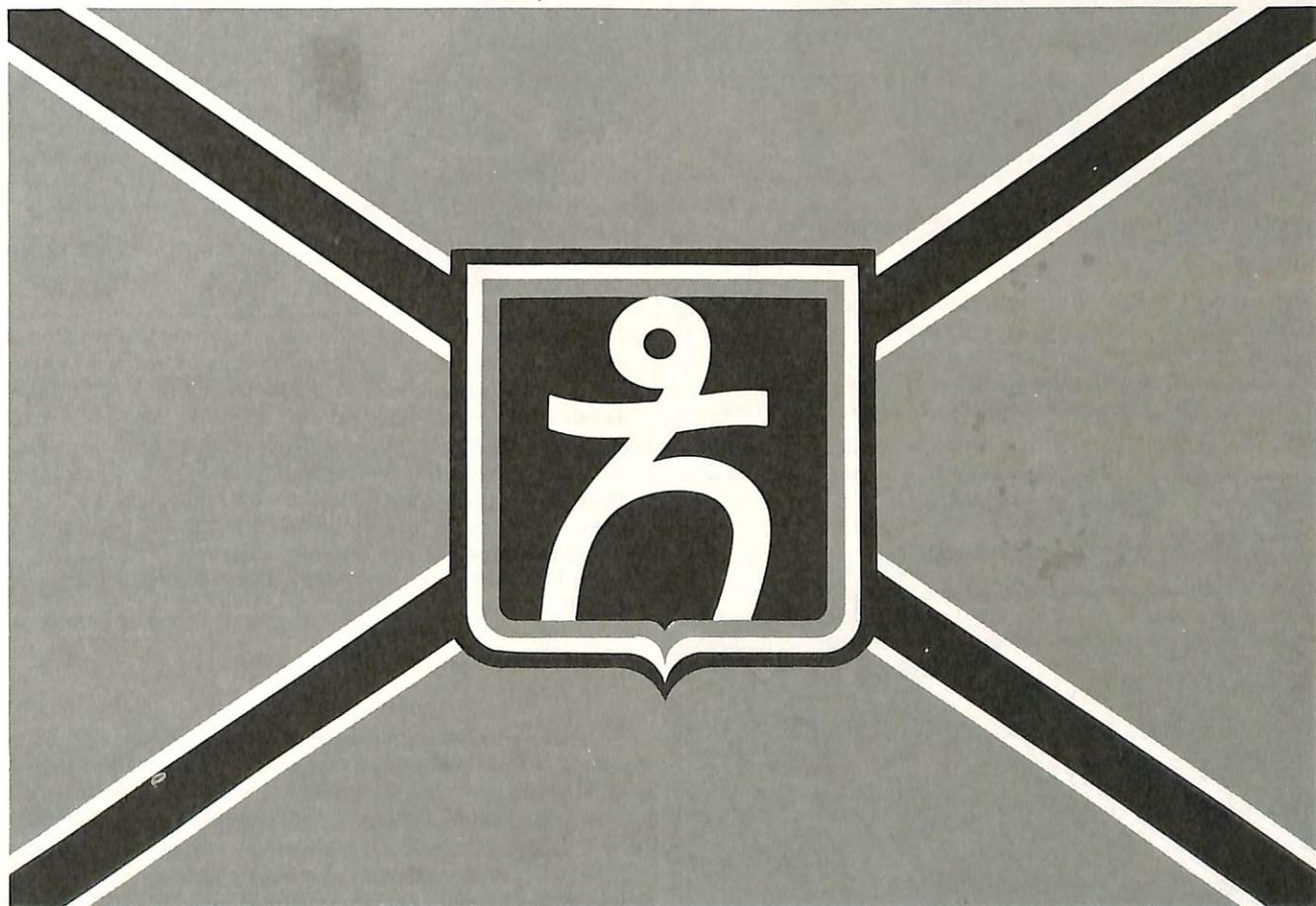
IDEAL				
	1170 grãos		15x30/7,5x18	5.165.435
	1170 arroz		18x26/11x24	4.971.879
	1175 grãos		15x30/7,5x18	5.832.089
	1175 arroz		18x26/11x24	5.627.919
LAVRALE				
	L-300	Colheit. coxilha	13x34/7,5x16	2.401.300
	L-300	Colheit. arrozeira	15x30/9,5x24	2.401.300
LEILA				
	Leila I	C/roda, motor M93		2.278.000
	Leila I	C/roda, motor M790		2.485.000
	Leila I	C/esteira, motor M93		2.540.000
	Leila I	C/esteira, motor M790		2.745.000
	Leila II	C/roda sim., motor 790		2.955.000
	Leila II	C/roda dup., motor 790		3.042.000
	Leila II	C/esteira, motor 790		3.146.000

OBSERVAÇÕES:

- 1 — Os preços são posto fábrica, à vista, fornecidos em abril.
- 2 — Preços para as regiões Sul/Sudeste.
- 3 — Os asteriscos indicam modelos a álcool.
- 4 — Esta seção está sendo publicada bimensalmente.

MARCA	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
-------	--------	------	---------	-------

MASSEY FERGUSON				
	MF 1630	Autom. p/grãos		4.851.756
	MF 1630	Autom. p/arroz		4.797.134
	MF 3640	Autom. p/grãos		5.236.954
	MF 3640	Autom. p/arroz		5.186.935
	MF 5650	Autom. p/grãos		6.286.178
	MF 5650	Autom. p/arroz		6.288.000
	MF 1134	Plataforma p/milho		1.019.709
	MF 1144	Plataforma p/milho		1.310.435
SANTA MATILDE				
	SM 1200	CDCIGR		3.688.581
	SM 1200	CDCIPE		3.636.394
	SM 5105	CDCIEE		3.987.151
	SM 5105	CDCSEL		3.863.277
SLC				
	6200	Versão básica (s/plat.)	15x30/9x16	4.075.400
	6200 T	C/turbo	15x30/9x16	4.437.830
	6200-H4	C/trans. hidrostática	15x30/9x16	4.873.390
	6200-H4T	Turbo/hidrostática	15x30/9x16	5.235.820
	6200	Versão arrozeira (s/plat.)	18x26/11x24	4.238.390
	6200-T	C/turbo	18x26/11x24	4.600.820
	6200-H4	C/trans. hidrostática	18x26/11x24	5.036.380
	6200-H4T	Turbo/hidrostática	18x26/11x24	5.398.810
	Plataformas			
	PC-213	P/corte, 13 pés, rígida		873.540
	PC-216	P/corte, 16 pés, rígida		882.720
	PC-213	P/corte, 13 pés, flexível		1.084.750
	PC-216	P/corte, 16 pés, flexível		1.095.470
	PM-3209	P/milho, 3 linhas		991.390
	PM-4209	P/milho, 4 linhas		1.222.250

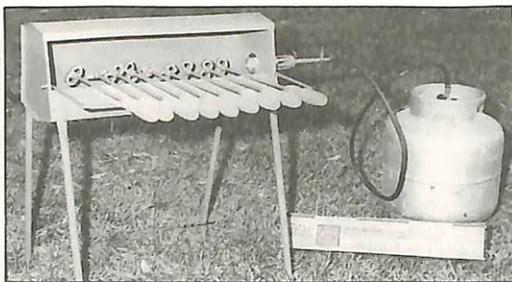


Nossa bandeira é oferecer a informação confiável.
ONTEM. HOJE. AMANHÃ. SEMPRE.

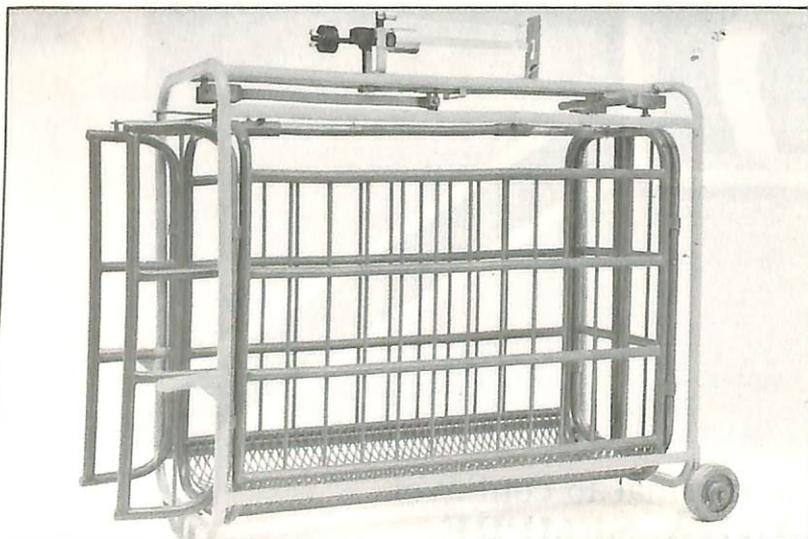
NOVIDADES NO MERCADO



Multiplantadeira — A MP 1600 realiza plantio direto e convencional com sistemas de discos desencontrados, dispensando os discos de corte. Segundo o fabricante, é a primeira do país a plantar trigo com o exclusivo sistema de discos alveolados de duas saídas, o que possibilita perfeita distribuição de qualquer tipo de semente (graúda e miúda). Comporta plantio de soja, milho, feijão, sorgo, girassol, trigo, aveia, azevém, arroz, ervilhaca, entre outros. **Indústria de Máquinas Agrícolas Fuchs S/A. - Imasa, av. 21 de Abril, 775, fone (055) 332-1233, caixa postal 316, CEP 98700, Ijuí/RS.**



Aquecedor de marca — O “flambador frontal” Rancheiro, modelo FF-1000R, é um aparelho de geração moderna, portátil e totalmente desmontável. Funciona a gás, e sua simplicidade de operação permite alto rendimento na marcação de bovinos a fogo. **Hidro-Mecânica Ltda. - Divisão Agropecuária, rodovia SP 294, km 649, fone (0188) 21-1899, CEP 17900, Dracena/SP.**



Balança — Com capacidade para 150 quilos, a 260 Especial serve para pesar bezerros, suínos e ovinos. Apresentada com cursores e escala em latão laminado, gravado em baixo relevo, tem navalhas e mancais em aço especial tratado termicamente e zincado conforme as especificações da ABNT. Estrutura totalmente metálica e peso de 61 quilos. **Balanças Continente, rua Ernesto da Fontoura, 408, fone (0512) 43-3944, CEP 90000, Porto Alegre/RS.**



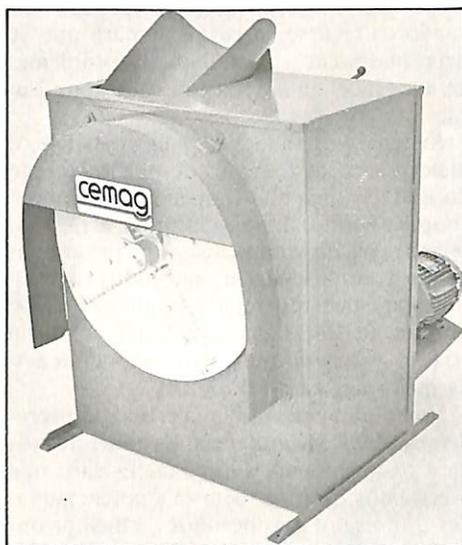
Formoped — Para tratamento do garrido, podridão-dos-cascos (foot rot, pie-tin), frieiras em geral e papilomatose (figueira). A embalagem facilita o manejo e permite controlar melhor a distribuição do produto, que se espalha em névoa uniforme sobre as áreas lesadas através de válvula com bico aspersor. **Laboratórios Pfizer Ltda., rodovia Presidente Dutra, km 225, fones (011) 208-8022 e 208-8244, CEP 07010, Guarulhos/SP.**



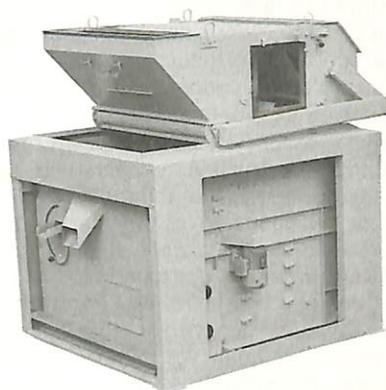
Tacômetro — Utilizado para determinar a rotação de motores de combustão interna de dois ou quatro tempos, especialmente regulagem, o tacômetro digital TAD-8770 estabelece índices na faixa de zero a 19.990 rotações por minuto. Funciona por indução elétrica ou por aproximação, e tem aplicação freqüente na regulagem de motosserras, motobombas, roçadeiras costais, motores de barcos e automóveis. O fabricante garante assistência técnica permanente. **Digisystem Indústria de Sistemas Eletrônicos Ltda., rua Alferezes Poli, 589, telex (041) 6627, fone (041) 233-6213, CEP 80230, Curitiba/PR.**



Vampiricida — Pasta tópica, o Vampiricid Vallé é o primeiro vampiricida comercial para combater o morcego hematófago — transmissor da raiva. Elaborado à base de warfarina, substância anticoagulante que provoca hemorragias no morcego, o produto funciona desta forma: como o morcego tem o hábito de voltar a atacar o mesmo animal, sugando o sangue no mesmo local em que havia sugado antes, ingere a pasta. Vallée Nordeste S/A., rua São Lázaro, 244, fone (011) 227-1233, CEP 01103, São Paulo/SP.



Raspadeira — Raspa até duas toneladas por hora, com fatias de pouca espessura e alongadas que secam mais rápido. Altura de 1,10 metro, largura de 0,79 metro e comprimento de 1,0 metro. Acionada por motor elétrico de 1,5 cavalo-vapor ou três pontos do trator. Disco de corte com quatro navalhas de gumes ondulados. Cemag -Ceará Máquinas Agrícolas S/A., av. Gaudioso Carvalho, 217, Jardim Iracema, telex (085) 1533, fone (085) 228-2377, CEP 60000, Fortaleza/CE.



Limpeza de cereais — As MLTM têm sistema de movimentação orbital circulante das peneiras, resultando na eficiente separação entre grãos e impurezas, em camadas de diferente peso específico e na separação do produto final em duas qualidades, se desejado. Dotadas de iluminação interna, são montadas e desmontadas com facilidade. Processam soja, trigo, milho, arroz, sorgo, aveia, feijão e quaisquer outros grãos ou produtos peneiráveis e classificáveis. Tecno Moageira Ltda., av. Bernardino Silveira Pastoriza, 710, telex (51) 2742, fone (0512) 40-0311, CEP 91000, Porto Alegre/RS.

Carajás — As quatro portas são a novidade desta nova versão da Carajás, com maior mobilidade para os passageiros. Tem o mesmo desempenho da linha duas portas, servindo para qualquer tipo de terreno. Ventilação individual para os passageiros e amplo espaço para transporte de volumes. Gurgel S/A. - Indústria e Comércio de Veículos, rodovia Washington Luiz, km 171, fone (0195) 34-9588, telex (019) 1419, CEP 13500, Rio Claro/SP.



Adubo natural — Processado a partir de esterco e por isso rico em matéria orgânica, o Húmus Bio-Germus proporciona maior aeração, que favorece o enraizamento das plantas e o aproveitamento dos nutrientes. Além dessas vantagens, de acordo com o fabricante, o produto promove o equilíbrio ecológico no solo, aumenta a resistência das plantas, previne contra as doenças da terra e pragas. Bio-Germus Empreendimentos Agropecuários Ltda., av. Belo Horizonte, 312, fone (011) 482-5039, CEP 13300, Itu/SP.



Antiinfecioso — Relançado no mercado, o Rodissulfa é usado principalmente em bovinocultura. À base de sulfa de maior concentração, é usado nos tratamentos de mastites, metrites e outras infecções comuns ao gado leiteiro. Injetável, e apresentado em frascos de 100 mililitros. Instituto Veterinário Rhodia-Mérieux, Fazenda São Francisco, fone (0192) 74000, CEP 13140, Paulínia/SP.

Apoio de verdade

Quase um quarto das aplicações do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul no Paraná foi destinado ao cooperativismo, diz o novo presidente, Waldemar Allegretti.

O Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul, como um todo, tem participado ativamente do apoio ao cooperativismo na região Sul do país. E agora mesmo prepara a realização do "Fórum Região Sul: o Cooperativismo em Debate", que se desenvolverá dias 30 de junho e 1º de julho, em Foz do Iguaçu. Um encontro que busca não só discutir os principais problemas do setor na atualidade, mas, especialmente, quais as soluções que devem ser encaminhadas.

No que se refere ao nosso estado — o Paraná —, desde o início de sua atuação efetiva de apoio às empresas paranaenses, o BRDE dedicou especial atenção ao setor rural, principalmente às cooperativas agropecuárias.

É bom que se destaque: houve intenção deliberada do BRDE de participar ativamente no desenvolvimento do setor cooperativista, seja suprindo recursos financeiros para sua estrutura em termos de armazenagem e agroindústria, seja assessorando seus dirigentes e técnicos diretamente, bem como através de estudos e programas.

A ação deliberada do Banco se fundamentou na convicção de que era necessário interiorizar o desenvolvimento econômico e social através da produção agropecuária, industrialização desta produção e fixação do homem no campo. É lógico que desta decisão decorreram benefícios paralelos, como a criação de uma infra-estrutura básica, atingindo os meios de transporte, o sistema de comunicações, o fornecimento de energia elétrica, e mesmo o saneamento básico e a assistência médico-hospitalar.

O acerto desta iniciativa do BRDE é atestado pela real e efetiva distribuição de renda que proporcionou e que pode ser facilmente constatada pela análise do padrão de consumo dessas comunidades do interior paranaense. Como consequência, observa-se no Paraná uma utilização mais homogênea dos seus recursos disponíveis, marcadamente dos recursos humanos e naturais.

De outra parte, não é por acaso que, ao

olharmos para o desenvolvimento do cooperativismo paranaense em todos os seus momentos, encontraremos a forte imagem de participação do BRDE. A presença do Banco foi fundamental na estruturação das cooperativas paranaenses. Por não possuírem experiência nem patrimônio, elas não encontravam apoio para seus empreendimentos. Aí, fez-se presente o BRDE, com seus financiamentos e, em especial, com sua orientação técnica.

E a partir de 1969, quando assinou o primeiro contrato de financiamento para investimento a uma cooperativa, o BRDE jamais deixou de estimular o setor.

Hoje, passados 19 anos, o Banco presta atendimento a todas as cooperativas centrais agropecuárias do Paraná e ainda a mais de 50 cooperativas singulares, num universo de 72. Afinal, a Agência Paraná do BRDE destinou, neste período, 24 por cento de suas aplicações às cooperativas. Com tal volume de recursos, foi possível a implantação de quase 3,5 milhões de toneladas de armazenagem estática, representando 57 por cento do total existente nas cooperativas e permitindo a armazenagem de 12 por cento da produção nacional de grãos, se considerarmos os índices normais de rotação.

O Banco também orientou as cooperativas quanto à verticalização de suas atividades, recomendando a implantação de agroindústrias. Como resultado deste tra-

balho, o sistema cooperativo deu ao Paraná três indústrias de óleo vegetal, quatro destilarias de álcool carburante, sete fiações de algodão, cinco abatedouros frigoríficos, quatro laticínios, três indústrias de rações e outros investimentos para o beneficiamento e empacotamento de arroz e feijão, indústria de iogurtes e semifluidos, cuja marca conta com tradição e alcance em nível nacional.

Nas horas de dificuldades, o BRDE manteve-se ao lado das cooperativas, buscando os recursos necessários para que 30 delas pudessem recuperar-se dos problemas gerados por uma crescente descapitalização.

Reitero, por tudo isto, que o BRDE, o maior banco de fomento do país à exceção do BNDES, tem efetivamente estimulado o cooperativismo. E vai continuar a fazê-lo, seja através da manutenção dos programas atuais de armazenagem, agroindústria e reflorestamento (queremos implantar 5.000 hectares de florestas energéticas), seja pela criação de outros que possibilitem uma ainda maior agilização do setor.

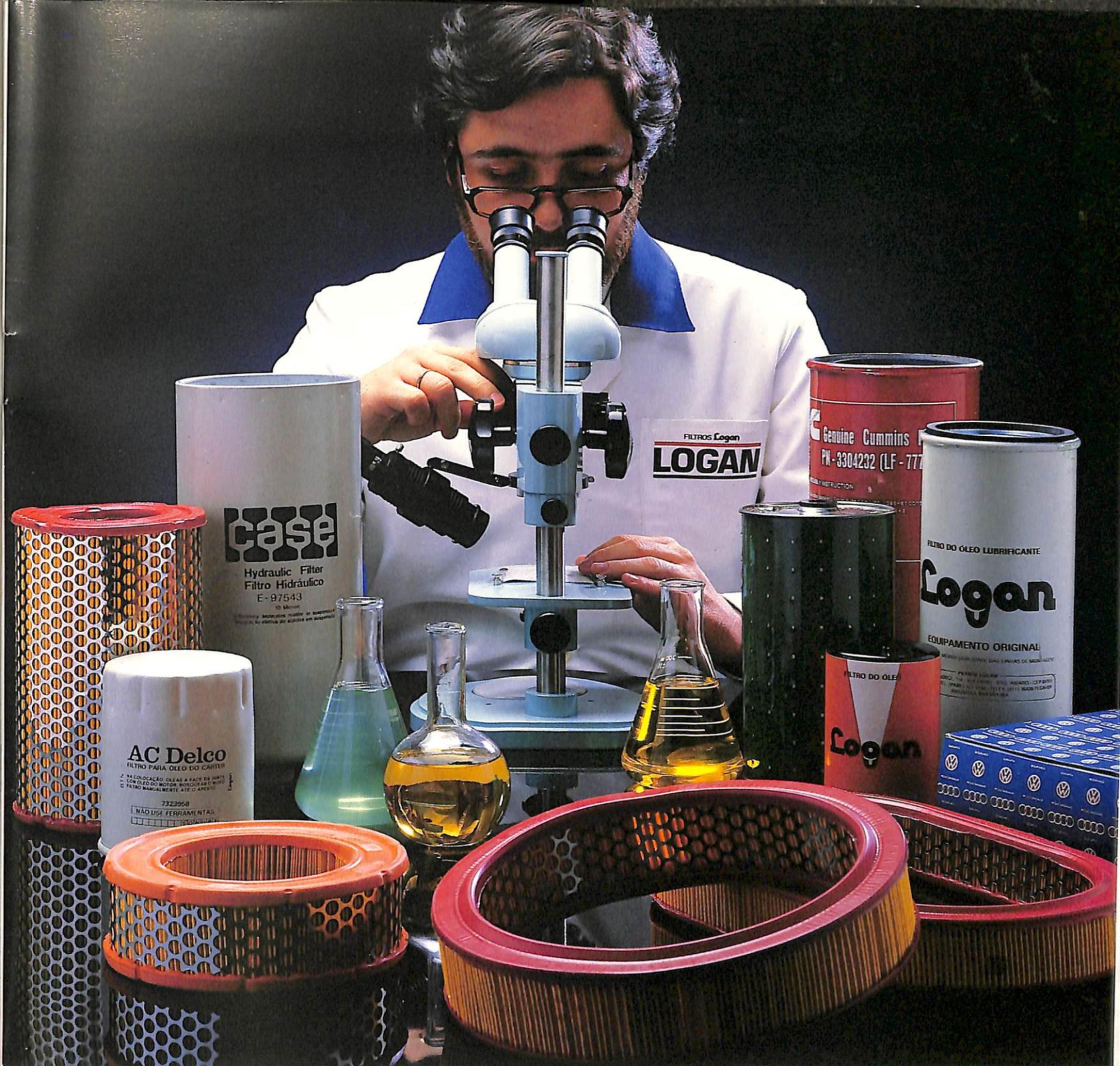
Nosso país enfrenta uma crise sem precedentes. Mas seu potencial certamente nos dará os meios para superá-la. É claro que precisamos explorar bem tais potencialidades. E no setor agropecuário, a melhor opção é o cooperativismo. Não só porque é a maneira pela qual o pequeno e médio produtores podem ficar imunes à ação dos atravessadores, mas especialmente porque é através do cooperativismo que se pode agrupar o capital necessário à construção de agroindústrias baseadas na produção. Ou seja, exatamente aqueles objetivos que levaram o BRDE a dar, desde o início, apoio ao cooperativismo.

Tenho a mais absoluta certeza de que ao cooperativismo estará reservado um dos principais papéis no processo de integração dos países do Cone Sul.

E o BRDE já está integrado neste processo irreversível de formação de um verdadeiro mercado comum latino-americano. 



Allegretti: participação forte



A saúde do seu veículo passa por este filtro.

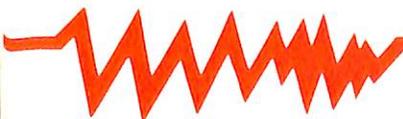
Os filtros são tão essenciais para o bom funcionamento dos motores quanto o pulmão, o coração e os rins para a manutenção da vida. Com filtros vencidos ou de baixa qualidade, o motor respira ar poluído, bebe combustível contaminado e é lubrificado por óleo carregado de impurezas.

Isso afeta o rendimento, o consumo e a própria vida útil do veículo. É por isso que a Logan especializou-se em só produzir filtros. Nada mais. Quem tem nas mãos tanta responsabilidade não pode negligenciar. Precisa ser especialista naquilo que faz.

FILTROS Logan

LOGAN

Quem só faz filtro faz o melhor.



Posi-Torq



A força da tecnologia SLC.

Posi-Torq é mais uma exclusividade das Colheitadeiras SLC para você ganhar o máximo em desempenho.

É o mais avançado sistema de transmissão por correia. Evita patinagem e proporciona maior vida útil da correia, otimizando a transmissão, principalmente nas situações em que é necessária maior potência.

A 7200 possui Posi-Torq também no cilindro, realizando uma trilha eficiente, uniforme e agressiva na medida do necessário, evitando embuchamento.

Analise mais esse ponto e decida pela melhor colheitadeira. Procure o seu Concessionário SLC: ele tem outras vantagens exclusivas para mostrar a você.



A Melhor



A Melhor e Maior